Carmelitas
Calçada do Sacramento 29 Lisboa

Brooklyn, N.Y. 12
Compliments of Author

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL

DE

COIMBRA

EM

1884

REVISTA — CONFERENCIAS — PREMIOS

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1884

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL

DE

COIMBRA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL

DE

COIMBRA

EM

1884

REVISTA — CONFERENCIAS — PREMIOS

COIMBRA
EDITOR — Antonio Joaquim Pinto Madeira
Rua do Visconde da Luz, n.º 15
1884

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

INTRODUCÇÃO

INTRODUCÇÃO

I

Traçando as primeiras linhas d'este livro, recebemos uma honra que não merecemos. Não o recommendamos, que para tanto nos fallece auctoridade; iniciamol-o por obediencia, sentindo por mais d'um motivo que a escolha recahisse em quem póde tão pouco.

Este livro é historia e ao mesmo tempo doutrina; narra um facto distincto na vida industrial de Coimbra, acompanhando-o d'uma serie de notaveis conferencias que com elle se ligam. Uma segunda Exposição de manufacturas abriu o anno corrente, durou dois mezes e teve um fecho brilhante, coroa e remate d'um certame tão auspicioso: á concorrencia das industrias associou-se em intimo convivio o concurso da intelligencia, desenvolvendo-lhes os intuitos, explicando e historiando os seus principios.

Em 1878 creara-se em Coimbra uma sociedade artistica, modesta e obscura no seu berço, que parecia debil, que se julgava ephemera como outras tentativas eguaes. Intitulou-se *Eschola Livre das Artes do Desenho,* e revelou logo na sua origem aspirações enthusiasticas que mal se combinavam com os seus exiguos recursos. Foi esta sociedade que, contando quatro a cinco annos de existencia, realizou a *Exposição* de que tractamos. Não ha milagres a notar n'este acto; sob fraqueza apparente encobriam-se espiritos varonis, vo-

cações provadas e sobre tudo animos resolutos. Um braço nú e nervoso, uma singela musculatura d'aço, valem mais que arrebiques e oiropelles; não deslumbram os olhos, não provocam attenções, mas produzem trabalho seguro e proficuo.

A *Eschola Livre* conciliou logo sympathias. Via-se um mancebo agrupando em torno de si os filhos do povo para uma agremiação util, e isto bastava. «Eil-os, na linha dos atiradores do ensino profissional, os intrepidos moços. Incita-lhes a iniciativa e dirige-lhes a apprendizagem... uma vontade de ferro, uma alma de artista.» São palavras de D. Antonio da Costa no seu excellente livro das *Auroras*.

O mesmo livro indica os fins da *Eschola:* «Crearem para si um ensino especial na cidade que o não tinha...; para apprenderem o desenho e modelação applicados á esculptura em barro, gesso e pedra, applicando-o tambem ás artes e industrias fabrís... Quando os meios o permittirem, cursos regulares de desenho, ministrando noções de esthetica, da historia da arte e estylos, e um museu artistico.»

Esta *Eschola* logo no anno immediato, em outubro de 1879, fez uma Exposição domestica: abriu as suas salas e ostentou ao publico os seus trabalhos, os fructos da sua applicação. Em 1880 fez o mesmo, e ultimamente, extendendo e dilatando as raias da sua energica actividade, tentou e conseguiu abrir uma Exposição de manufacturas de todo o districto.

Queria d'este modo experimentar uma confrontação que lhe servisse de estimulo, pôr frente a frente as industrias em parallelo com as artes que lhes servem de apoio, que são a base do seu ensino. Uma Exposição n'estes termos desperta a esperança no futuro, significa uma promessa de muita vida, um incentivo para o trabalho, vale de conselho para o estudo, de muralha contra a inercia, e torna-se por tudo isso uma festa essencialmente popular. Mais tarde ha de ser um marco milliario na senda do nosso progressivo

desenvolvimento: passados dez a quinze annos, estes alumnos da *Eschola Livre,* já convertidos em artistas prestimosos, hão de ter applicado aos seus mesteres os beneficios da educação practica que estão recebendo.

A *Exposição,* aberta no coração do inverno, teve sempre um formoso sol a doirar-lhe os dias; illuminava-se á noite com o gaz e a electricidade: a natureza e a sciencia davam-se as mãos para o seu maximo esplendor. Teve tambem na Imprensa representante seu, que foi a *Revista illustrada da Exposição districtal de Coimbra,* uma das mais primorosas publicações que conhecemos. E o presente livro póde dizer-se o epilogo de toda esta Iliada da industria do nosso districto.

II

Divide-se pois este livro em tres partes, pertencendo a primeira exclusivamente á Exposição, a segunda ás Conferencias e a terceira aos Premios. Dois filhos de Coimbra, os srs. Eduardo Mendes e Lima Nunes, descrevem minuciosamente este certame das nossas industrias, o primeiro em geral e com desenvolução a parte de Coimbra, o segundo exclusivamente a parte concernente á Figueira da Foz. O sr. E. Mendes, correspondente do *Commercio do Porto,* reproduz com a devida venia e notavel melhoramento as cartas que alli publicou; o sr. Nunes faz uma curiosissima revista da Exposição figueirense.

Este segundo cavalheiro, que nasceu a 25 de setembro de 1840, é bacharel formado em medicina, em cujo curso foi por vezes premiado. Esteve como medico de partido em Montemór-o-Velho, Cintra e Alcobaça, e actualmente reside na Figueira da Foz desde 1871. Casou na ilha de S. Miguel, onde residiu por algum tempo, distinguindo-se n'essa epocha pela opposição que fez á propaganda reaccionaria do padre Rademaker

com um jornal seu proprio, o *Michaelense,* que tomou como lemma as palavras *Justiça e Lei.* É muito conhecido pelas suas correspondencias do *Conimbricense* e *Commercio do Porto.*

Correspondente de Coimbra para o mesmo *Commercio do Porto* é o sr. Eduardo Mendes Simões de Castro, de quem calamos muito em seu abono por ser o principal promotor d'este livro. Todos sabem como na arena jornalistica tem sobresahido este nosso presado amigo.

Das Conferencias, que formam a segunda parte, fôra ousadia arriscar opinião nossa. Desde o sr. Adelino A. das Neves e Mello, que reconstruiu a do dr. A. Filippe Simões, até o sr. dr. Antonio Candido, que fechou com chave de oiro este cyclo de eloquencia didactica, sobresahindo no centro tres distinctissimos cavalheiros, os srs. J. de Vasconcellos, A. da Conceição e dr. A. Rocha, por si propriamente se recommendam nomes tão illustres que firmam aquelles discursos.

III

Em 28 de janeiro ultimo iniciou o dr. Augusto Filippe Simões a serie das conferencias da Exposição; em 29 publicou o *Conimbricense* em artigo editorial o esboço da dicta conferencia, cujos pontos capitaes lhe tinham sido dados pelo proprio conferente, e no dia 1 de fevereiro suicidou-se este pelos fins da tarde! A segunda conferencia, que fora destinada para o dia 2, ficou adiada por tão doloroso motivo para o dia 4. Diremos duas palavras ácerca do nosso desgraçado amigo e patricio; são-nos pedidas, e cabem a proposito, visto que o seu nome ficou tão lugubremente ligado a esta Exposição.

Quem abrir o primeiro volume do *Panorama photographico de Portugal,* lerá na pagina 70 uma pequena mas curiosa descripção da pia baptismal da Sé Nova de Coimbra, escripta pelo dr. Simões: n'esta pia foi

elle baptizado em 1835, conforme na mesma descripção explicitamente declara. E no livro *Reliquias da architectura romano-bysantina em Portugal* do mesmo auctor achará no capitulo III um excellente tractado sobre a egreja da Sé Velha, escripto com o criterio cuidadoso que o distinguia: n'este templo recebeu elle os ultimos responsos da Egreja a 3 de fevereiro, quando foi sepultado. Em ambos os livros acompanham os respectivos artigos as estampas da pia e do templo. Orçava portanto pelos 49 annos de edade, sendo o mais velho dos cinco conferentes. Seus paes foram os srs. Manuel Simões Cardoso e D. Constança Jesuina de Paula Cardoso, e nascera em Coimbra na rua das Covas, hoje de Borges Carneiro, a 18 de junho de 1835.

Ha vidas que se resumem dignamente em poucas palavras, e tal é a do dr. Augusto Filippe Simões. Distinguiu-se nas aulas como discipulo e professor; na imprensa jornalistica como soldado dextro; na imprensa litteraria como escriptor notabilissimo; nas academias e institutos como orador e reformador; nas diversas commissões que lhe incumbiram como operario incançavel, e de todos estes multiplices encargos que tomou sobre seus hombros deixou documentos que o honram, provas da sua actividade extraordinaria. Esmerilhar as qualidades que o adornaram, os seus serviços e desinteresse seria inutil: ha nomes que equivalem um elogio, e o do nosso amigo acha-se vinculado a ideias elevadas de virtudes publicas e domesticas, que lhe conquistaram geraes sympathias.

O dr. Simões foi medico, e exerceu a medicina como clinico, desenvolveu-a como professor e discutiu-a em consultas que lhe submetteram. E notavel é que, sendo ministro de Esculapio, distrahisse attenções por outros assumptos alheios da sua profissão. Esta tendencia, commum a muitos medicos, explica-se bem pela natureza da sua arte. Como vasta e complexa pela multiplicidade de estudos, vão-se os seus cultores enamorando insensivelmente d'outras sciencias. Não as trocam umas pelas

outras, no que aliás lhes não caberia censura, mas ficam cultivando todas com egual desvelo.

A medicina é profissão melindrosa, util e sacratissima: combate constante entre a vida e a morte, precisa conhecer os mysterios de ambas para sustentar uma e prevenir a outra. N'esta lucta medem-se todas as forças, empregam-se todos os meios: cabeça e coração reunem e envidam seus supremos esforços. Não admira, pois, que o medico tente suavisar com as amenidades scientificas e litterarias os raros instantes que lhe sobram de seu penoso e laborioso officio.

O dr. Augusto Filippe Simões foi um clinico distincto. Em Goes, onde residiu dois annos, algumas curas felizes o acreditaram; em Evora, cidade que o teve como professor de instrucção secundaria durante doze annos, a sua reputação de medico lhe bastaria para viver independente, e em Coimbra, se outras fadigosas pensões lhe absorviam tempo e estudos, ainda assim no restricto exercicio que fez da sua arte mostrou desvelado zelo, cautela previdente e tacto medico singular. Podemos dar testemunho d'estas suas eminentes qualidades clinicas.

Em 1880 o escrutinio eleitoral o levou ao parlamento, e foi a sua terra natalicia que o elegeu, que o fez seu representante em côrtes com particular espontaneidade e sympathia, raras sempre e n'esta cidade rarissimas. Os jornaes de variadas opiniões o apoiaram, e a politica ensarilhou as armas deante da sua popularidade. Podemos citar um jornal da opposição, que escrevia:

«No partido progressista de Coimbra a escolha do sr. F. Simões foi acertada. Lançando o olhar em volta nem sequer lobrigamos quem se lhe possa comparar. Por uma excepção louvamos o partido. Tracta-se de justiça e nunca a negámos.

«Não cremos tambem que s. ex.ª seja um faccioso, um manequim do governo... É um character respeitavel, com nome de auctoridade, com tradições honrosas. Ha de prezar-se.»

Outro jornal na vespera da eleição elogiava-o d'este modo:

«Está proximo o dia da eleição... Acha-se desbravado o caminho e sem attritos... O candidato enceta o seu tirocinio parlamentar sem sentir os espinhos d'uma lucta, acceito pela opinião publica e bafejado por unanime sympathia. São estes os effeitos naturaes da sua vida exemplar, do seu talento superior e inconcussa probidade...»

Tomando assento nas côrtes, Filippe Simões justificou os horoscopos que na sua eleição lhe formara a imprensa. Abriam-se-lhe novos horizontes, e a sua vida politica não desmereceu da sua vida escholastica e litteraria. Sempre a consciencia como guia e a vontade firme; intelligencia que o elevava, coração que o ennobrecia.

Foi curto o seu estádio legislativo, mas traçou nos seus actos e nas suas palavras a synthese d'um futuro estadista e patriota sincero. Como prova e exemplo selectamos das columnas do *Diario das Côrtes* um trecho energico, com que invectivou contra a desgraçada cultura dos arrozaes, combatida n'essa occasião pelo actual Bispo Conde.

«Os perniciosissimos effeitos d'esta cultura são, como já disse, incontestaveis. A maior parte dos proprietarios que mandam semear arroz não são capazes de commetter um crime, um roubo, ou um assassinato, não são capazes de offender o seu similhante, e todavia esses individuos, aliás muito dignos nas outras relações sociaes com os seus concidadãos, não têem duvida em commetter um crime muito mais grave, arruinando com a cultura do arroz a saude e compromettendo a vida dos habitantes das freguezias ruraes. (*Apoiados.*)

«A cultura do arroz promove até a degeneração da especie humana, por isso que ella dá causa ao desenvolvimento de germes que vão envenenando lentamente as populações. (*Apoiados.*)

«Note v. ex.ª e note a camara que essa cultura não

se limita a fazer uma ou outra victima, vai mais adeante; a sua influencia, limitada no espaço, mas illimitada no tempo, extende-se a uma serie de gerações; vai alterando profunda e successivamente o organismo humano. (*Apoiados.*) De sorte que os effeitos dos arrozaes não acabariam no momento da sua destruição, mas continuariam ainda durante muitas gerações. Não posso portanto deixar de chamar a attenção do governo para este importante assumpto.»

O dr. F. Simões conhecia bem o terreno escabroso que pizava; e ainda que grato á unanimidade que o honrara com o suffragio, não esquecia que o Capitolio e a Tarpeia se talham no mesmo rochedo; que a intolerancia politica não poupa nada e tudo sacrifica. «Meu amigo,» escrevia-me elle em 23 de setembro de 1880: «...no espaço de quarenta annos Coimbra não deu um passo para sahir da perniciosa influencia da intolerancia clerical que soffreu por tres seculos. A intolerancia religiosa está muito bem representada na O.; a intolerancia politica no P., no C. e na C. Não se manifestou para commigo por occasião da apresentação da minha candidatura; manifestar-se-ha porém logo que a minha *lealdade partidaria* me obrigue a discordar dos *dogmas* que a opposição pretender impôr-me como indiscutiveis e impugnaveis...»

Foi durante esta legislatura que se originou a ideia e delineou o plano d'uma Exposição retrospectiva da arte ornamental, aproveitando-se os elementos que concorreram para a de Londres e accrescentando outros novos. O dr. F. Simões foi convidado para secretario da commissão executiva, e tornou-se proverbial a dedicação singular com que concorreu para este facto notavel da nossa vitalidade nacional. Houve quem suppozesse que elle se insinuara ou sollicitara este encargo, o que é engano manifesto. É possivel que outros membros da commissão o fizessem, que individuos, aliás de relevante merecimento, o tentassem inutilmente, mas A. Filippe Simões foi instado e muito instado

para acceitar. Como curiosidade extractamos d'um seu inedito os seguintes trechos, que melhor justificam o que dizemos:

«No mez de março de 1881 procurou-me na camara dos deputados o inspector da Academia de Bellas-artes, D. D. G. Não o conhecia, e sómente pelo bilhete de visita que me enviou sabia ser elle quem me procurava. Disse-me que, sabendo o interesse que eu mostrava pelas Bellas-artes, vinha pedir-me para que, como deputado, instasse com o governo para que se não esquecesse da fundação do museu nacional de Bellas-artes, para o que o governo anterior arrendara em 1879 o palacio do Marquez de Pombal por 4:000$000 réis annuaes.

«Prometti-lhe fazer o que me fosse possivel. Com effeito, alguns dias depois, chamando-me para este campo o deputado R. de F. a proposito dos extravios que tem havido nos conventos de freiras, fallei detidamente d'este assumpto e da falta d'um museu nacional.

«Procurei, passados dias, a D. G. na Academia de Bellas-artes. Fallou-me já com mais desembaraço e convidou-me para jantar no proximo domingo em sua casa. N'esse domingo e nalguns dos seguintes, a convite seu, alli fui jantar. Além dos donos da casa costumavam ir alli R. de L., S. e V., F. de M., T. e outros, porém com menos frequencia.

«N'um d'esses domingos disse-me D. G. que, tendo de fazer-se em Londres no verão proximo uma Exposição d'arte hespanhola e portugueza, o governo resolvera que Portugal fosse representado n'essa Exposição; que para tal fim se organisaria uma commissão, da qual elle seria o presidente, esperando que eu acceitasse o logar de secretario. Passados dias, estava decretada a organisação da commissão, que ficou assim constituida...»

Por aqui se vê como foi convidado para esta commissão, e como para o convite se empregaram até deli-

cados meios indirectos. Extrahimos estes paragraphos d'um manuscripto que deixou, a que poz a seguinte nota previa: «Vou escrever estas *Memorias* um anno e mais depois dos factos a que ellas se referem. Se tivesse previsto o interesse e curiosidade d'esses factos, acompanhal-os-ia desde o principio com a descripção, tomando notas diarias. Não o fiz. Agora aproveitarei as recordações que conservo, parecendo-me que ainda assim não deixarei de ser exacto, e que de memoria poderei contar fielmente as cousas mais notaveis que se passaram.»

São de valor as observações d'este livro, apontamentos, viagens, anecdotas e muitas curiosidades que n'elle abundam.

A. F. Simões não sollicitava nada; o seu character oppunha-se a que pedisse favores ou a que se entendesse que farejava subir por via de empenhos. Formou-se na faculdade de philosophia e logo em seguida na de medicina; e quando estudante já com a penna se mostrava esmerado cultor das sciencias naturaes. Foi então que escreveu na *Revista Academica* (1855) sobre raças humanas, na *Instrucção e Povo* (1855) sobre a utilidade dos arvoredos, nos *Preludios litterarios* (1859) sobre o homem e os vegetaes, na *Litteratura Illustrada* (1860) sobre a attracção e outros assumptos da physica, que appellidava de *conquistas no campo dos milagres*. Tal denominação originou-lhe uma pequena polemica com Joaquim Simões Ferreira, que cursava então a faculdade de theologia. A orientação theologica que seguia moveu este intelligentissimo moço a criticar a phrase como desacato da religião, ao que o nosso amigo replicou energicamente. Era uma disputa simplesmente escholastica, mas preludio de outras que em variados ramos de discussão sustentou mais tarde, tornando-se saliente como distincto polemista.

Concluido o curso de medicina, concorreu ao provimento da cadeira de Introducção no lyceu de Coimbra conjunctamente com Firmino Augusto de Magalhães; e

como na mesma occasião vagasse cadeira identica no lyceu de Evora, sem se abrir novo concurso foi F. Simões provido n'esta, ficando Firmino de Magalhães com a primeira. Passados cerca de doze annos de residencia na veneranda capital do Alemtejo, onde foi sempre bemquisto, resolveu-se por vivas instancias de amigos a doutorar-se em medicina e seguir o magisterio superior da Universidade. Fel-o contra vontade, como sabem todos os que o conheceram. O dr. Vieira de Meirelles foi quem lhe subjugou as ultimas reluctancias e o compelliu efficazmente a regressar á patria, que elle tanto estimava. Mas devemos ponderar ainda que a questão da sua saude o demoveu mais que tudo, porque uma doença impertinente de olhos o perseguia constantemente em Evora, achando sómente allivios se por acaso visitava Coimbra.

Quando residia no Alemtejo sustentou uma polemica vigorosa com Augusto Soromenho na *Revolução de Setembro* de 1871. Não a promoveu, acceitou a provocação e reagiu. A pedido da redacção do jornal publicara elle em 30 de março, n.º 8639, uma carta descrevendo uma amphora romana que fora recolhida na bibliotheca de Evora; no dia 11 de abril (n.º 8647) analysava A. Soromenho esta descripção, excitado por não ver acatada a seita germanica que está preponderando nos nossos estudos. No dia 20 (n.º 8655) replicava A. Simões, seguindo-se novas cartas de Soromenho, respondidas á letra pelo seu antagonista.

Mais tarde, quando publicou em 1878 o seu livro *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* tambem F. Adolpho Coelho, hoje professor do Curso Superior de Lettras, criticou este trabalho e com muita proficiencia na *Renascença* de 1879. A replica foi publicada no mesmo jornal pouco depois, sendo condigna de tão habil contendor. As censuras e reparos foram respondidos com toda a urbanidade e lizura que characterisavam o dr. Simões.

Com o sr. Joaquim de Vasconcellos tambem teve de ferir contenda por mais d'uma vez, e em diversos jornaes. Parece que principiou com a critica d'um livro d'aquelle distincto cavalheiro sobre Alberto Durer, critica publicada no *Instituto* a pedido do criticado, que a sollicitara severa e sem contemplação. Ainda assim não gostou, e replicou logo na *Renascença,* replica que foi sem demora rebatida. Depois no *Conimbricense* ainda se trocaram cartas sobre outro assumpto, e n'um livro sobre a *Exposição districtal* de Aveiro em 1883 foi o dr. Simões censurado por algumas suppostas inexactidões. Ultimamente n'esta nossa Exposição de Coimbra o sr. Vasconcellos foi o segundo conferente e seguiu-se ao seu illustre contendor, o qual (pavorosa fatalidade!) cahia prostrado pelo suicidio na vespera do proprio dia da conferencia, que foi por isso mesmo adiada.

Foram estas as principaes polemicas que sustentou F. Simões, e que se tornaram até muito conhecidas. Eram luctas desiguaes, mas nunca elle deixou de manter-se no seu posto, terçando as armas da dialectica consoante a tactica e indole do adversario: varonil e energico com Soromenho; moderado e firme com A. Coelho, grave umas vezes, outras gracioso com o sr. J. de Vasconcellos. Porém Filippe Simões era clinico e professor; toda a sua vida se concentrara no estudo e ensino das sciencias naturaes e medicas; os raros ocios das suas occupações é que se preenchiam com a archeologia e suas congeneres. O que principiara por distracção ou entretenimento tornara-se-lhe estudo favorito mas comprimido e restringido no estreito ambito que lhe permittiam os deveres officiaes. Pelo contrario os seus antagonistas eram professos nos assumptos da discussão; n'elles dispendiam todo o cabedal do seu ingenho, todas as horas do seu tempo; profundavam-nos nas bibliothecas, ou vulgarisavam-nos nos livros, ou desenvolviam-nos nas cadeiras, ou aperfeiçoavam-nos em viagens longas e variadas. A lucta era portanto desigual

como dissemos, não deixando todavia de sustentar-se o nosso amigo com creditos eguaes aos dos seus adversarios.

No anno de 1875 foi em commissão a Leiden na Hollanda com o dr. J. A. de S. representar a nossa Universidade no tricentenario da celebre universidade ludgunense, cujas festas solemnes se realizaram em fevereiro. Pelo *Relatorio* que elle imprimiu, dirigido ao Reitor, se avalia a importancia do acto e o cordial acolhimento que receberam os lentes de Coimbra. Entre os calorosos brindes levantados no jantar do dia 8 o sr. Hooft, dirigindo-se aos dois portuguezes, disse-lhes entre outras amabilissimas phrases: «L'histoire du Portugal c'est la nôtre. C'est son exemple qui inspira nos marins intrépides, l'esprit plein d'aventure, à labourer l'Océan.» Este *Relatorio* é um notavel documento d'aquella viagem, cujas impressões o nosso viajante desenvolveu ainda mais minuciosas n'uma monographia, inserta no *Instituto* e dedicada ao conselheiro Egypcio Quaresma, com o titulo de *Recordações de viagem,* a qual infelizmente ficou incompleta.

Folgava muito o dr. A. F. S. com as jornadas, e das que fazia pelo paiz tomava sempre apontamentos importantes, uns já publicados e outros ineditos. Com observações muito judiciosas alliava bom gosto e criterio atilado, derramando na sua escripta um perfume de poesia e amor patrio que denunciava os dotes nobilissimos do seu espirito.

Podiamos fazer muitas transcripções que comprovassem o nosso asserto, pois é farta a messe, numerosos os livros ou artigos, publicados ou ineditos, do dr. Simões. São porém conhecidos uns, e sel-o-hão em breve os outros como nos consta. O elencho de todas as suas obras foi já impresso, tanto no *Instituto* como n'um apreciavel folheto dos srs. A. F. Barata e Gabriel Pereira, que consagraram a sua saudade de fieis amigos com um *Estemma de perpetuas na campa* do desdi-

toso professor. No seu precioso livrinho lhe applicaram elles os versos de Camões:

> Cá durará de ti perpetuamente
> A fama, a gloria, o nome e a saudade.

Na sepultura onde floresce uma saudade, já o dissemos, aspira-se o perfume d'uma virtude; um epitaphio humedecido de lagrimas é o epilogo d'uma vida util.

Não nos pertence a nós, seus contemporaneos, traçar a biographia completa de A. Filippe Simões; temos ainda oppresso o coração de magoa os que fomos seus amigos, deve a indifferença actuar no animo de seus adversarios. Os posteros farão justiça ao seu merito, quando o seu tumulo for já esquecido e as suas obras sempre lembradas. Os livros do dr. Simões formam um apostolado, cujos fructos de benção aproveitarão sempre. Se a sua morte deixou uma sombra, quasi indecifravel:

> D'où ses maux ont-ils pris leur source?
> Quels épines, dans sa course,
> Étouffaient les fleurs sous ses pas?...[1]

a sua vida resgata essa sombra, uma vida sem macula, sobria de descanço, feriada de prazeres mas feracissima de fecundas aptidões. Podemos dizer d'elle o que José Bonifacio de Andrade escrevia ácerca d'outro: «Excellente coração! capaz de tudo que era grande, bello e sublime! Já os seus talentos lhe haviam attrahido um grande numero de amigos; mas foi mui apressado em seus trabalhos, e a extrema actividade do seu espirito lhe ralou a existencia! Eu perdi um amigo, e a Nação perdeu muito.»

A. A. da Fonseca Pinto.

---

[1] Le Franc de Pompignan.

PRIMEIRA PARTE

REVISTA DA EXPOSIÇÃO

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

PRESIDENTE DA COMMISSÃO EXECUTIVA DA EXPOSIÇÃO
E REDACTOR DO CONIMBRICENSE

Veneramos o talento, admiramos a instrucção que o apura e desenvolve, e acatamos com respeito profundissimo a applicação proficua d'esses grandes dotes, a constancia no trabalho, o bom senso na direcção, e a utilidade dos resultados.

A. A Teixeira de Vasconcellos.

Eduardo Mendes Simões de Castro.

CARTAS

Ao «Commercio do Porto»

I

Em julho de 1878 alguns artistas intelligentes e trabalhadores, animados de nobilissimas aspirações e de louvaveis incitamentos, fundaram n'esta cidade a *Eschola Livre das Artes do Desenho*[1]. O programma d'esta util instituição, traçado com vistas largas e verdadeiro interesse pelo engrandecimento das nossas artes e industrias, além d'outras manifestações importantes, tambem comprehende as exposições locaes de objectos artisticos e manufacturas.

D'esta disposição, consignada no artigo 2.º da lei

---

[1] Os operarios que se resolveram a tão patriotico intento encontraram a mais generosa protecção no illustre senado conimbricense. Em sessão municipal de 14 de agosto de 1878 requereram e alcançaram a cedencia temporaria e gratuita d'uma parte importante dos antigos paços do concelho, no edificio do Arco d'Almedina, para n'ella installarem a *Eschola Livre;* e posteriormente, em sessão de 4 de novembro do mesmo anno, sollicitaram a concessão de materiaes para reparação da casa, o que tambem lhes foi deferido.

organica da *Eschola Livre,* é que nasceu a notavel Exposição Districtal de Coimbra em 1884, facto que sobremodo honra os seus promotores e muito nobilita esta cidade e o seu rico districto.

Para dirigir os trabalhos da Exposição escolheu a *Eschola Livre* dentre os seus socios honorarios e effectivos aquelles que mais provas têem dado da sua dedicação e enthusiasmo civico pelo progresso e bom nome das nossas artes e industrias, consideradas sob todas as suas multiplices manifestações. A commissão executiva ficou assim organisada: presidente, Joaquim Martins de Carvalho; secretarios, Antonio Augusto Gonçalves e Manuel Augusto Rodrigues da Silva; vogaes, Antonio José da Costa, Arnaldo Augusto de Sousa Doria, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Estevão Parada, José Lucio Dias, Manuel José da Costa Soares e Severino Lopes Guimarães.

Foi este grupo de prestaveis cidadãos que, auxiliados efficazmente por delegados especiaes em todas as sédes dos concelhos, em menos de quatro mezes e á custa de grandes sacrificios, poderam levar a effeito e com exito brilhante esta segunda Exposição Districtal de Coimbra.

A nomeação dos delegados tambem foi acertada e cuidadosa. Eis os nomes dos cavalheiros que gostosamente tomaram a seu cargo tão laboriosas funcções: Arganil, Francisco de Paula Campos; — Cantanhede, bacharel Antonio José da Silva Poiares; — Condeixa, Wenceslau Martins de Carvalho; — Figueira da Foz, bacharel Francisco Maria de Lima Nunes; — Goes, José dos Sanctos Carneiro; — Louzã, Viuva Lemos & Filhos; — Mira, bacharel Francisco Moreira; — Miranda do Corvo, Manuel Caetano da Silva; — Montemór-o Velho, Francisco Marques de Carvalho; — Oliveira do Hospital, bacharel Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa; — Pampilhosa, bacharel Antonio Barata Pinheiro Feteira; — Penacova, José Gomes Freire Duque; — Penella, bacharel Victorino Peres; — Poiares, padre Casi-

miro Antonio Pessoa; — Soure, bacharel Luiz de Sousa Napoles; — Taboa, bacharel Manuel Pereira Machado.

Entre estes esclarecidos cavalheiros distinguiram-se pela maneira como se desempenharam das suas honrosas e improbas funcções, fazendo representar distinctamente as respectivas localidades, o sr. bacharel Francisco Maria de Lima Nunes, delegado da Exposição na Figueira da Foz, e digno filho de Coimbra; o sr. bacharel Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, de Oliveira do Hospital; o sr. bacharel Victorino Peres, de Penella, e o sr. Wenceslau Martins de Carvalho, de Condeixa.

É certo que, se estes delegados sobresahiram no desempenho do seu cargo, os demais, nos outros concelhos, tambem fizeram tudo o que estava ao alcance de suas forças, e muito contribuiram para o bom resultado da exposição.

Da mesma fórma devemos indicar como benemeritos collaboradores d'esta festa do trabalho o sr. Augusto Frederico de Sousa Doria, do Espinhal; o sr. commendador Delfim José de Oliveira, de Penella; o sr. José Augusto Madeira de Andrade, pharmaceutico em Midões, concelho de Taboa; e o sr. bacharel José Luiz Ferreira Freire, deputado por Cantanhede, os quaes officiosamente auxiliaram de fórma notavel a commissão executiva.

Apontaremos ainda como cooperadores distinctos para se realisar tão auspiciosa manifestação das forças productoras d'esta cidade e seu districto, a junta geral, que sob propostas dos illustres procuradores por Coimbra, os srs. doutor João José Dantas Souto Rodrigues, licenciado Alberto Pessoa e bacharel José Soares Pinto de Mascarenhas, concedeu um auxilio pecuniario de 300$000 réis, e votou um premio de 50$000 réis para o mais distincto expositor no grupo das industrias agricolas; o nobre ministro das obras publicas, que mandou fornecer da matta do Choupal a madeira que fosse necessaria; todas as auctoridades administrativas e muitas camaras municipaes, que poderosamente auxilia-

ram os esforços dos delegados, aconselhando os manufactores a concorrerem com os seus productos; o definitorio da veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que bizarramente cedeu o seu grandioso edificio, para n'elle se realisar a Exposição; e, emfim, um crescido numero de industriaes e artistas do districto, que da melhor vontade enviaram amostras das suas manufacturas.

A parte do edificio do Carmo, onde se acha installada a Exposição, compõe-se de tres salas no andar nobre e do amplo claustro; e no segundo pavimento de uma sala e da vasta galeria superior do mesmo claustro.

II

A inauguração da Exposição, como previamente se annunciara, effectuou-se no dia 1 de janeiro.

Este acto, revestido das mais sympathicas e gratas manifestações de regosijo publico, teve a assistencia de um grande numero de expositores, auctoridades, camaras municipaes, corporações, membros da imprensa, artistas, industriaes, agricultores e muitos outros cidadãos de todo o districto de Coimbra. A imprensa de Lisboa achava-se representada pelo sr. Eduardo Coelho, illustrado redactor do *Diario de Noticias*, a do Porto pelo distincto collaborador do *Commercio do Porto*, o sr. Joaquim de Vasconcellos, e a de Coimbra pelos redactores das folhas periodicas da localidade.

Aberta a sessão inaugural, o digno presidente da commissão executiva, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, pronunciou a formosa oração que em seguida publicamos:

«Meus senhores. — Para todos quantos amamos a nossa patria o dia de hoje é de esplendida gala. Coimbra enceta o anno novo com uma exposição de manufacturas suas e de todo o seu districto.

Congratulemo-nos, que damos com esta solemnidade civica um exemplo e uma lição: exemplo aos tibios, lição aos incredulos.

A fé póde muito e muito a vontade; unidas tudo conseguem, são omnipotentes. Ellas abriram as portas d'este recinto, adornaram estas salas e claustros com os productos da nossa industria, attrahiram-nos a todos, a uns de perto e a outros de longe, a este convivio fraternal de paz e de progresso. Congratulemo-nos.

Os antigos celebravam os jogos, desenvolvimento da força pelo exercicio; posteriormente vieram os torneios, equilibrio da força pela lucta; hoje as exposições mostram a applicação intelligente da força aos fins mais nobres da sociabilidade. Os primeiros eram uteis como eschola de gymnastica; os segundos primavam como gentileza de cavallaria; as terceiras são os jogos de uma perseverança paciente, os torneios da emulação do trabalho.

Sêde pois, bem vindos, senhores, á nossa festa, formada do concurso unanime de todas as classes, que convergíram para este ponto a efficacia do seu auxilio e cooperação.

Sêde bem vindos, e para bem nos seja este fausto commettimento, indicio seguro da prosperidade da nossa industria.

Desenrolar a vossos olhos, perante uma assembleia intelligente, o quadro de todas as exposições, tanto nacionaes como internacionaes, definir os seus intuitos, esmerilhar as suas vantagens, exaltar as consequencias

proficuas que têem conseguido, além de inutil, tornar-se-hia uma offensa. Vós as conheceis perfeitamente, e esta casa nos mostra hoje a prova de que são ellas incentivo poderoso de progresso, espelho fiel de uma nobre actividade.

Em 1869 a Associação dos Artistas promoveu a primeira exposição districtal de Coimbra. Foi uma tentativa feliz, um ensaio proveitoso, que teve benevolo acolhimento e excellentes resultados. Decorridos quatorze annos, a *Eschola Livre das Artes do Desenho* promove a segunda exposição, que é a presente. Esta não é já tentativa, acto espontaneo; mas sim necessidade e corollario natural da primeira. Era preciso o parallelo das duas epochas, patentear o progredimento das artes e o proveito dos artistas.

A abelha fabrica o mel no arcano das suas colmeias; se não desvendarmos os seus artefactos, não avaliaremos a doçura de seus favos.

N'este ponto seja-me licito recordar a esta assembleia que a *Eschola Livre das Artes do Desenho,* apesar da sua curta existencia, ha já prestado relevantissimos serviços. Fundada em 1878 pelo concurso de algumas vontades dedicadas, o seu ensino reflecte-se já hoje favoravelmente nas industrias da cidade, e será cada vez mais proficuo, attendendo ao avultado numero de alumnos que vai affluindo ás suas escholas. Não satisfeita com esta collaboração efficacissima para o desenvolvimento da riqueza publica, a benemerita *Eschola* promove e realisa este certame pacifico, que accrescenta a sua obra com o novo impulso, ora dado ás producções artisticas e manufactureiras do nosso districto.

Para se fazer a Exposição concedeu o definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia esta casa destinada para o seu hospital; a junta geral do districto auxiliou a empreza com um subsidio e arbitrou um premio ao primeiro expositor de agricultura: os poderes publicos, as diversas auctoridades e muitas corpo-

rações lhe mostraram a sua sympathia e concederam o seu patrocinio.

Meus senhores. — N'este recinto encontram-se hoje agrupados e classificados os principaes specimens da actividade industrial de uma população de cêrca de 100:000 almas; e por elles poderemos avaliar exactamente quaes são os elementos da riqueza d'este districto; — que a riqueza não está, senhores, na fertilidade do sôlo, na abundancia das aguas, na doçura do clima, — e tudo isto será esteril e inutil, se lhe faltar a iniciativa do trabalho humano, que tudo transforma, enche de vida as solidões, povôa os desertos, arranca do seio da terra as searas uberrimas, traça as elegantes curvas de jardins encantadores, e tanto entretece os colmos da cabana do rustico, como ergue a topetar com as nuvens o palacio dos argentarios.

Meus senhores. — N'estas salas e claustros, que dentro em breve se abrirão á vossa illustrada apreciação, encontrareis representadas as — *Bellas-artes,* — que em todo o tempo desferiram a nota superior da intellectualidade dos povos: — *Elementos de educação e ensino,* — a principal mira da pedagogia scientifica moderna, consciente dos seus meios e processos como do seu objectivo; — o *Mobiliario,* que traduz o bem-estar e o conforto dos cidadãos e marca o caminho percorrido nos progressos da libertação do organismo humano, preso á gleba e sujeito á influencia implacavel dos agentes physicos pela sua origem animal; — os *Tecidos e vestuario,* — a caracteristica eminente, que distancia do selvagem o homem civilisado; — as *Machinas,* — que substituem o agente humano, e que, se representam uma condição fundamental do progresso, tambem transformam totalmente as condições do trabalho, originando graves perturbações, que só elle poderá remediar; — as *Industrias extractivas,* — que roubam directamente á natureza o material indispensavel para cobrir urgentes necessidades; e, finalmente — a *Industria agricola,* — que ministra a todas as classes as cousas

mais essenciaes para a existencia, as substancias alimentares, de que mais directamente dependem o vigor, a saude, a robustez, a fecundidade das populações, e que encerra em si o germe de toda a riqueza, o fito de toda a actividade, o objecto de todas a fadigas, de todos os esforços, a causa de todos os combates, batalhados á luz na marcha triumphante do homem para os páramos das idades futuras.

Eis, pois, franca a entrada d'este certame pacifico da industria. Entremos, e ao lado da nossa Coimbra, berço das letras patrias, séde da Universidade, veremos em logar immediato a mais moderna das nossas cidades, a commercial e industriosa Figueira da Foz, assim como outras povoações importantes do districto, representadas todas pelos productos do trabalho de seus habitantes.

Examinemos e estudemos n'esta eschola practica os segredos da nossa vitalidade nacional.

Termino, pedindo ao ex.^{mo} sr. governador civil d'este districto, como primeiro chefe administrativo, que se digne declarar aberta a Exposição de manufacturas da cidade de Coimbra e seu districto, no anno que hoje começa de 1884.»

O sr. bacharel José Maria Pereira Coutinho, servindo de governador civil substituto, respondeu com estas conceituosas palavras:

«Meus senhores. — Substituindo aqui o illustre chefe d'este districto, accedo gostosamente ao honroso convite que acaba de dirigir-me o digno presidente da commissão executiva d'esta Exposição.

Sinto verdadeiro prazer em inaugurar esta grande festa, onde se ostentam os trabalhos de muitos artistas intelligentes dos differentes concelhos d'este districto, avultando aqui, pela ordem da sua importancia, os productos industriaes de Coimbra, Figueira da Foz, Penella, Oliveira do Hospital e de outros centros de população.

A iniciativa d'este importante commettimento, orgulho-me em o dizer, partiu de Coimbra, da *Eschola Livre das Artes do Desenho*, composta de cavalheiros illustradissimos, que entenderam, sem duvida, que um dos grandes elementos da riqueza e da prosperidade dos povos é o desenvolvimento da industria em todas as suas manifestações.

Estes uteis esforços, que eu vejo convergir para um fim tão utilitario, mostram á evidencia que ainda ha espiritos alevantados, que sabem comprehender que os povos, cahindo na inercia, estacionando, e não acompanhando o grande movimento do progresso, que é a lei suprema da humanidade, preparam a sua ruina, e que, por isso, é mistér dar-lhes vida, fomentando e desenvolvendo as suas industrias.

As exposições dos productos propriamente industriaes datam dos fins do ultimo seculo.

Foi em Paris, no tempo do directorio, que teve logar a primeira exposição d'esta ordem: e desde essa epocha até hoje tem tido um desenvolvimento progressivo, multiplicando-se nos grandes e pequenos centros de população das nações mais civilisadas. Isto é uma prova da sua importancia e utilidade; e com effeito n'estes concursos estimulam-se os productores, fazendo nascer, pelo facto da concorrencia, rivalidades nobres e honradas; estudam-se detidamente os aperfeiçoamentos que offereçam os differentes productos industriaes, e avaliam-se as grandes aptidões artisticas; emfim, senhores, são escholas practicas em que muito se apprende.

Felicito, pois, a *Eschola Livre das Artes do Desenho* pela iniciativa d'esta ideia altamente civilisadora; a commissão executiva pelos perseverantes e bem combinados esforços que empregou para realisar este importantissimo commettimento; e, finalmente, o seu presidente o ex.^{mo} sr. Joaquim Martins de Carvalho, que, como jornalista, tem sempre pugnado com muita coragem, notavel actividade e superior intelligencia, pelos interesses de Coimbra e do seu districto.

Está aberta a Exposição.»

III

Quem visita a Exposição de Coimbra, se por um lado admira o grande desenvolvimento de muitos ramos de industria que n'ella figuram, como a ceramica, a serralheria, a fundição, a marcenaria, etc., que realmente estão representados digna e brilhantemente; por outro, deve observar a deficiencia ou ausencia de muitos dos artefactos que têem grande consumo e testemunham o notavel adeantamento das artes e officios d'este districto. As fabricas de papel, de cera, de cortumes, as artes de caldeireiro, pentieiro, corrieiro, retrozeiro, cordoeiro, etc., não se encontram bem accentuadas, quando aliás têem um importante commercio ou são honrosamente exercitadas em Coimbra e seu districto.

Estas e outras faltas, se bem que nos magoam profundamente, nem por isso nos causam espanto. Ha variados motivos, todos bem conhecidos, para as explicar.

Em Portugal, em contrario do exemplo que nos dão as nações mais adeantadas do mundo civilisado, uma exposição é um acontecimento notavel, que marca um impulso de patriotismo e de actividade nacional pouco commum; é um facto que significa um protesto, apenas occasional, contra a indolencia com que tractamos os nossos mais caros interesses, sem olharmos como deviamos para o nosso futuro. Aqui uma exposição é um caso que desperta a admiração e o espanto do indigena, e que se realisa a grandes espaços e só a custo de immensos sacrificios; lá fóra, nos paizes que são verdadeiros fanaes de todo o progresso humano, não passam de um caso vulgar, adstricto ás necessidades de uma lucta constante; representam um acto

naturalissimo, facil e commodamente levado á execução, com resultados certos e proficuos. Emquanto que nos mais paizes se repetem dia a dia, aqui e além, animadas exposições nos diversos ramos de trabalho productor, entre nós, tão ricos de aptidões artisticas e de productos do solo, contam-se estes proveitosos e utilissimos concursos publicos em numero extremamente limitado, e quasi se devem só a iniciativa particular.

Ao considerarmos este facto, consequencia bem desagradavel da pouca attenção que os nossos governos dedicam a tão importante assumpto, não podemos deixar de o apontar como uma das mais proeminentes causas do nosso estacionamento nos tres principaes elementos que constituem a verdadeira pedra angular da felicidade de um povo: — a *agricultura*, a *industria* e o *commercio*.

A boa doutrina das exposições acha-se desde muito estabelecida e compendiada no nosso paiz. O que falta é ensinal-a ás differentes classes da actividade nacional, apontando exemplos e fazendo uma patriotica propaganda, quer na officina, quer nas conferencias e lições dos institutos officiaes, a favor do que realmente é o mais util e practico meio de desenvolver e aperfeiçoar as manufacturas.

Em geral, as differentes classes do nosso paiz desconhecem o grande alcance das exposições, ou comprehendem-n'o de um modo erroneo. Para muitos as exposições são unicamente bazares, onde o espectador vai admirar o que póde recrear-lhe e maravilhar-lhe o espirito e a imaginação. A outros parece-lhes que só devem figurar n'estes grandes concertos do trabalho e da intelligencia os objectos de um determinado grau de perfeição ou de uma eminente utilidade social. O fisco, que póde ir perscrutar nos variados grupos das exposições quem produz mais e melhor, para o effeito das contribuições, impostas pelo Estado ou pelo municipio, é muitas vezes invocado por alguns como desculpa

da sua censuravel ausencia n'estas festas do progresso. Muitos ha ainda que se riem das exposições, como escarnecem de tudo, não lhes concedendo a mais pequena influencia no regimen economico e instructivo dos povos!

Ha entre nós todos estes prejuizos, todos estes erros, todos estes desdens, que hostilisam tenazmente a generalisação e aperfeiçoamento dos productos nacionaes por meios tão faceis e vantajosos, como são as exposições geraes ou parciaes.

Porisso convém dizer ao artifice, ao agricultor, ao industrial, e a todos que utilisam com as exposições, que estes concursos não são simplesmente espectaculos, mais ou menos apparatosos, onde os expositores vão disputar a palma do triumpho. Não são unicamente as pompas das festas; não são os discursos e banquetes agradaveis, os premios e as menções honrosas, que constituem a essencia e o caracter das exposições. N'estes congressos devemos vêr verdadeiros bazares, onde se expõem á concorrencia e publicidade os productos da industria e do trabalho; proveitosas escholas practicas, onde todos apprendem os processos mais perfeitos e economicos de producção, onde se estudam o genio e forças productivas de cada povo, de cada região ou de cada cidade, lendo-se n'ellas a historia das manufacturas escripta em caracteres indeleveis e sellada pelo cunho da experiencia. Onde se revela a verdadeira utilidade d'estas festas da civilisação moderna é n'essa lucta da intelligencia e do trabalho, lucta fecunda, que estimúla a indifferença, que combate a apathia dando impulso e movimento a tudo e a todos, creando exemplos dignos de ser imitados, e ensinando o caminho que mais convém seguir.

O sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, quando foi ao Porto inaugurar a exposição agricola de novembro de 1860, proferiu palavras memoraveis, que devem gravar-se no coração de todos: «Á Carta Constitucional devia accrescentar-se um artigo, em que se

consignasse uma exposição agricola annual no Porto com a obrigação da assistencia do rei.» O illustre monarcha disse isto com a convicção, sabedoria e cunho philosophico que eram a essencia do seu elevado caracter. Eis aqui um principio, que, applicado a todos os grandes centros e generalisado para todas as producções da actividade nacional, representa a verdadeira doutrina do valor e utilidade practica das exposições.

A *Eschola Livre das Artes do Desenho,* associação de artistas e industriaes intelligentes, acaba de nos demonstrar de um modo positivo, nobre e dignissimo que comprehende e segue á risca todos estes preceitos, e que está resolvida, luctando denodadamente com todos os erros e preconceitos apontados, a caminhar pela mesma vereda, difficil mas gloriosa, por onde a benemerita Sociedade de Instrucção do Porto tem marchado de triumpho em triumpho.

E ainda bem que assim é. E oxalá que esta sua Exposição, uma das honrosas manifestações dos seus dignos intuitos, seja o primordio de uma grande e verdadeira restauração na educação artistica e industrial do districto de Coimbra em todos os seus ramos e necessidades.

Fomos obrigados a estas considerações pela impressão que nos causou o aspecto geral da Exposição, e quasi nos ia esquecendo que o nosso fim principal é dar ao leitor simples noticias descriptivas dos objectos expostos.

O programma para a Exposição classificava esta em sete grupos: 1.º Bellas-artes e applicações; 2.º Educação e elementos de estudo; 3.º Mobiliario e accessorios; 4.º Tecidos, vestidos e accessorios; 5.º Machinas; 6.º Industria extractiva e suas transformações; 7.º Industria agricola. Seguiriamos na revista que vai lêr-se esta mesma ordem, se por ventura o programma tivesse sido cumprido n'esta parte. Infelizmente, porém, a distribuição dos objectos não se fez em harmonia com a classificação estabelecida, circum-

stancia que muito ha de difficultar a apreciação e estudo, não só do publico como do jury classificador.

Apresentaremos por isso as nossas notas, não conforme a ordem do programma, o que sem duvida seria mais methodico e illucidativo, mas em harmonia com o aspecto das salas e annexos da Exposição.

IV

A primeira sala da Exposição é aquella onde principalmente se acham representadas as Bellas-artes e suas applicações. N'este grupo, assim como nos outros a que ainda nos havemos de referir, não seguiremos uma ordem methodica, subordinada a uma escala invariavel e gradual de melhor para peior, ou vice-versa. As noticias dos principaes objectos expostos hão de apparecer conforme as encontrarmos, desordenadas e breves, em os nossos apontamentos.

Não está rica de objectos notaveis a secção de Bellas-artes. Conhece-se mesmo que a benemerita commissão promotora luctou com difficuldades para organisar o pequeno grupo de trabalhos que se offerecem ao exame do visitante, e que se acham, a nosso vêr, n'uma disposição imperfeita pela mistura e confusão dos variados specimens; mas esta ultima circumstancia, a que accidentalmente nos referimos, só deve explicar-se pela fraqueza da representação e pelas condições da sala.

A deficiencia, senão pobreza, n'este primeiro grupo da Exposição não deve admirar a quem conhece quanto Coimbra é desprovida de elementos para a cultura das Bellas-artes. N'esta cidade, a não ser a moderna

Eschola Livre, de iniciativa particular, e as aulas de desenho do Lyceu e da Universidade, dous institutos officiaes que pela sua organisação e fins immediatos não podem escolher nem aproveitar aptidões, carece-se de recursos validos que rasgadamente auxiliem e desenvolvam as vocações decididas que temos aqui para os variados ramos das Bellas-artes.

A *Eschola Livre,* se bem que já tenha feito bastante, como se evidenceia pelos trabalhos dos seus socios e alumnos, não pôde ainda, no curto periodo da sua existencia, passar além de sympathicas e promettedoras manifestações do seu benefico influxo, como instituto profissional e artistico. Está ainda no começo do seu grandioso apostolado. Exigir-lhe para já esforços mais alevantados e gloriosos, quando é certo que até lhe faltam os meios indispensaveis para dotar as suas aulas com bons modelos de estudo, seria pedir muito, e n'este caso a boa critica, que deve alliar-se com os sentimentos de justiça e mesmo de patriotismo, desappareceria para dar logar á maledicencia intencional ou ignorante.

Ao escrevermos estas linhas recebemos a agradavel noticia de que o sr. ministro das obras publicas, conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, creara em Coimbra uma eschola de desenho industrial. É uma medida utilissima, eminentemente restauradora, e que ha de influir de um modo notavel na educação e regimen artistico d'esta terra; mas não é ainda tudo quanto esta cidade reclama em auxilio das suas artes, officios e industrias. Coimbra merecia mais alguma cousa; deveria possuir uma Academia de Bellas-artes com o seu respectivo muzeu. Os prestimosos serviços da *Eschola Livre,* coroados do exito excellente que estamos vendo, assegura-nos a proficuidade de um instituto d'aquella ordem, funccionando junto da respeitavel Universidade; e ficaria aqui melhor do que em outra qualquer parte, por isso que, sendo Coimbra um centro importante, para onde converge a principal flor

da mocidade do paiz, aproveitaria a muitos talentos e aptidões, e, não obstante a sua devida organisação independente, poderia dar mais brilho e realce ao ensino d'aquella eschola superior.

Não se pense, porém, pelo que levamos dicto, — até certo ponto verdades que a ninguem devem magoar, e justissimas aspirações em prol do engrandecimento de uma cidade pouco habituada aos favores dos poderes publicos, — que o grupo das Bellas-artes da Exposição districtal de Coimbra está em condições taes, que não póde inspirar interesse, nem chamar a attenção dos amantes e estudiosos. Pelo contrario, no pouco que alli ha notam-se alguns trabalhos que revelam meritos solidamente firmados ou talentos n'um bello e esperançoso desabrochar.

Siga-nos o leitor benevolo na revista da galeria; e confiamos que dirá depois que, se é pouco o que alli se vê, é todavia honroso para Coimbra e para o paiz.

Ao entrarmos na primeira sala immediatamente nos chama a attenção o magnifico modelo em gesso do bello pulpito da egreja de Sancta Cruz d'esta cidade. Este trabalho como que domina, com um effeito esplendido, todos os demais trabalhos alli expostos.

O sr. Guido Baptista Lipi, artista distincto e fôrmador da Academia das Bellas-artes de Lisboa, é o auctor d'esta modelação, assim como das de dois medalhões do tumulo de Affonso Henriques e da do tympano da porta lateral da Sé Velha, que figura a Virgem com o menino. Estes e outros trabalhos mereceram ao sr. Lipi os elogios dos entendedores, e entre estes a opinião auctorisada do sr. dr. A. Filippe Simões, enunciada no *Tribuno Popular*, n.º 2897, de 21 de novembro de 1883.

O pulpito de Sancta Cruz é o trabalho mais perfeito de esculptura em pedra que existe no paiz.

No *Panorama Photographico de Portugal* foi publicado pelo erudito ecclesiastico, o sr. bacharel José Alves de Mariz, uma interessante descripção d'esta preciosidade

artistica, donde com a devida venia transcrevemos os trechos seguintes: «Primoroso no pensamento e no desenho que o reproduziu, e executado com extrema felicidade por artistas nacionaes, ou extrangeiros como averiguado venha a ser, este pulpito é o enlevo de quantos visitam o nobre templo manuelino, onde repousam as cinzas dos dois primeiros monarchas d'este reino.

. . . . . .

«O conde Raczynski, admirado do primor d'arte com que foi executada esta rica peça, faz o mais completo elogio do seu merecimento na obra intitulada *Les Arts en Portugal,* dizendo que o pulpito é uma joia digna de se fechar em uma medalha, ou de se engastar em um annel: —*c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchâsser dans un médaillon ou dans une bague.*»

Os objectos reproduzidos pelo sr. Lipi são do estylo da Renascença, e pertencem á collecção de obras esculpturaes encetadas em Coimbra na primeira metade do seculo XVI.

V

O sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, hoje professor de desenho no Lyceu de Coimbra, expoz algumas paizagens a carvão, representando uma d'ellas o terreiro da portaria da matta do Bussaco. Este habil professor, tão trabalhador como modesto, é considerado um dos primeiros paizagistas nacionaes. Os trabalhos que apresenta na Exposição de Coimbra confirmam de maneira honrosissima para as Bellas-artes portuguezas esta bem fundada opinião.

A paizagem da portaria da matta do Bussaco prende a attenção do observador intelligente e estudioso. Quem defronta com aquelle bello trabalho julga-se transportado ao Bussaco (tanta é a perfeição e a verdade da sua execução!), e pensa estar disfructando o vasto e formoso panorama, que o sr. conselheiro Andrade Corvo com a sua inspirada penna assim descreveu no seu livro *Sentimentalismo*:

«É vastissimo o paiz que se descobre d'aquella altura do Bussaco, majestoso o quadro que a vista póde abranger.

«No primeiro plano, e nos limites do estreito terrado da portaria de Coimbra, algumas arvores antigas de uma vegetação vigorosa, e uma cruz feita de dous troncos, erguendo-se sobre tosco pedestal de pedras mal juntas e a que os lichens e o tempo deram côr cinzenta, com leves toques amarellados: depois a montanha, cortada em rapido pendor, indo-se perder na massa ondulosa, de um verde carregado, formado pelos pinhaes que cobrem o sobpé da serra e as collinas mais proximas. Mais além das primeiras quebradas e recostos que os pinheiros revestem a vista perde-se

na vasta amplidão de uma paizagem immensa, onde tudo se funde n'um como mar petrificado: erguem-se e curvam-se alli pequenos montes de um verde sombrio ou de um violeta avermelhado, abrem-se valles estreitos e tortuosos, em que brilha na primavera o verde vivo dos prados: e aquellas ondulações irregulares lembram as vagas majestosas do oceano ao declinar da tempestade.

«Aqui e alli destaca-se, por entre as pregas do terreno, a alvura das casas, já grupadas nas aldeias, já isoladas nos campos, coroadas por telhados de um vermelho vivo; acima das cumieiras dos pequenos montes elevam-se como pyramides as torres singelas de rusticas igrejas. Ao longe, quasi nos limites do horizonte, desenha-se uma longa lista branca: são as areias que do cabo do Mondego até Ovar limitam a costa do Oceano. Quando está puro o ar, quando o sol baixa sobre o horizonte, vê-se muitas vezes, além d'essa linha branca, uma estreita facha brilhante, luminosa, fulgente: é o mar. Se a atmosphera está perfeitamente limpida, e a luz cahe resplendecente do céo, penetrando por todas as anfractuosidades do terreno e devassando todos os segredos da paizagem, então o vasto territorio, que da portaria de Coimbra se observa, assemelha-se a um immenso mappa em relevo: perde o pittoresco, mas ganha o positivo, e os espiritos curiosos, e, por assim dizer, geometricos, ficam satisfeitos ao poderem reconhecer a posição da Mealhada, de Mira ou de Sangalhos, fixar bem por onde corre a linha ferrea, determinar a orientação das cristas dos montes, medir as distancias, avaliar as alturas, emfim *proseficar* o que a natureza fez bello. Se uma nevoa tenuissima, que eleva a intensidade da luz e lança um como véu transparente e de um branco azulado sobre a paizagem, tornando vagas, indecisas e fluctuantes as linhas, pallidas e cambiantes as côres, então cresce em magia o quadro.

«Ha um quê de mysterioso no incerto das fórmas,

que enleva as almas poeticas, que encanta e arrebata os que sabem vêr e sentir o bello ideal através das realidades do mundo physico. Só Ruysdael, o melancholico paizagista flamengo, poderia traduzir na tela a idealidade de tão formoso quadro.»

Por baixo da paizagem do sr. Bastos fica soberbamente esta majestosa descripção. Uma completa a outra; ou, melhor, — a descripção é a um tempo o elogio da paizagem real e da sua execução artistica.

Este professor expõe mais, igualmente a carvão, duas paizagens do poetico Mondego e uma outra representando um formoso grupo de pinheiros mansos, da proximidade de Leça da Palmeira. N'estes trabalhos accentua-se um estudo intimo e profundo da natureza. O sr. Bastos nas suas paizagens traduz e interpreta admiravelmente os esplendores, as galas, os encantos com que a natureza adornou as formosas ribas do nosso patrio Mondego.

A filha d'este professor, a sr.ª D. Graziella Bastos, expõe tambem uma paizagem a carvão das margens do Mondego, bello trabalho que denuncia uma grande aptidão.

Da sr.ª D. Libania Gonçalves, irmã do intelligente director da *Eschola Livre,* apreciam-se tres estudos a esfuminho e lapis, de subido valor artistico: dous retratos em ponto grande, um do sr. Abilio Roque de Sá Barreto e outro do sr. Luiz Rodrigues de Almeida, pessoas muito conhecidas em Coimbra; e um quadro de largas dimensões, representando a *Mater Dolorosa.* Os retratos estão muito parecidos, e a *Mater Dolorosa* tem uma angustiosa expressão, que traduz delicadamente a dôr profunda e dilacerante da mãe que perde o filho amantissimo.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves, talentoso professor da *Eschola Livre das Artes do Desenho,* cuja intelligencia fecunda tem dado impulso vigoroso á actual e nobilissima evolução das artes em Coimbra, expõe o seguinte:

Estudo a oleo, representando um rapaz morto, martyr christão, extendido no circo romano. Esta pintura, á maneira realista, teve por modelo um cadaver no banco anatomico. O observador sente-se incommodado ao encarar o morto, hirto e com todos os aspectos cadavericos. Mas a arte applaude, porque vê alli um trabalho que revela grandes conhecimentos anatomicos. O fundo do quadro, que é a parede do circo, está muito bem tocado.

São do mesmo auctor um Christo crucificado, esculptura em madeira; quatro ensaios muito felizes em *terre-cuite,* cujos motivos foram inspirados pelo jornal de caricaturas, o *Antonio Maria;* alguns vasos, da mesma materia prima, de estylo classico; e um projecto para a pintura decorativa d'um tecto, estudo a *gouache.*

O Christo tem linhas irreprehensiveis, fórmas naturalissimas e boa posição; os estudos anatomicos do auctor tambem estão alli bem affirmados. Alguns dos trabalhos em *terre-cuite* denunciam uma certa ordem de ideias sociaes que muitos não approvam, mas são uma boa tentativa e um exemplo aproveitavel para um novo ramo de ceramica nacional. Este merecimento ainda está mais frisante nos vasos de estylo classico, que têm bons desenhos e execução correcta. O projecto a *gouache* achamal-o elegante e simples: é um bom modelo de felicissima concepção.

Terminando esta breve resenha dos trabalhos do sr. Antonio Augusto Gonçalves, permitta-nos a sua modestia que o felicitemos pela maneira brilhante como se apresenta na Exposição, e lhe digamos que o seu nome, ainda hontem uma esperança, é já hoje um exemplo digno, e será no futuro uma gloria das nossas Bellas-artes.

VI

No grupo das Bellas-artes vêem-se alguns bons desenhos a carvão, do sr. Augusto Barbosa, estudioso alumno do quarto anno de mathematica. Um d'elles é o retrato do dr. João Doria, o bondoso professor e clinico popularissimo, cuja memoria é veneranda e saudosa para toda a cidade de Coimbra. Os leigos, aquelles que o não podem apreciar sob outros aspectos mais recommendaveis, admiram n'elle a similhança com o original, e ao examinal-o recebem uma recordação agradabilissima. N'este retrato, trabalho que muito honra o seu auctor, estão bem frisantes aquelle sorriso bonissimo e aquelle olhar suave e doce, que eram a expressão original da physionomia de tão estimado medico e professor.

Do sr. Augusto Barbosa ha mais dous bellos estudos, tambem a carvão: uma paizagem á beira mar (no cabo Mondego) e o vestibulo da Lapa dos Poetas, do lado do rio.

O primeiro d'estes trabalhos vai ser reproduzido na *Revista Illustrada da Exposição,* jornal que é mais um documento brilhante das aptidões artisticas que possue Coimbra.

O sr. José Miguel d'Abreu, actual professor de desenho da Universidade, expõe uma primorosa aguarella, modelo para um monumento civico. A este expositor teremos ainda de nos referir com merecido elogio, quando nos occuparmos do segundo grupo — *Educação e elementos de estudo.*

Os desenhos á penna têem distincta representação nos trabalhos expostos pelo sr. Severino Lopes Guima-

rães: uma paizagem e um estudo de costumes do campo.

A calligraphia, propriamente dicta, conta como expositores distinctos o sr. E. Benedicto, da Figueira da Foz, e os srs. Luiz Adelino Lopes da Cruz, João Francisco dos Sanctos Junior e Joaquim Jorge Ferreira, todos tres de Coimbra. Notaremos ainda como bons trabalhos calligraphicos uma collecção de exercicios das discipulas da sr.ª D. Amelia Braz, distincta professora n'aquella cidade.

O sr. Antonio José Gonçalves Neves, pae do illustre professor-director da *Eschola Livre,* apresenta dous quadros a oleo: Maria Magdalena, estudo sobre o magnifico busto que existe no mosteiro do Bussaco, e uma paizagem do natural, representando a animação de uma eira na epocha da debulha. Este ultimo trabalho foi executado pelo processo de pasta.

O sr. José Lucio Dias occupa lugar muito honroso na Exposição; é seu um medalhão em gesso, que representa o respeitavel jornalista, o sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Mencionaremos ainda como trabalhos dignos de referencia especial os objectos seguintes:

— Um busto, cópia da Venus de Milo, esculptura em pedra de Outil, pelo sr. José Barata, official de canteiro.

— Um baixo relevo em gesso, representando a cabeça d'um velho, trabalho do sr. Antonio Augusto da Costa Motta, que revela um grande talento artistico.

— Um Christo crucificado, esculptura em buxo, pelo sr. João Augusto Machado. D'este expositor ha mais um florão no estylo da Renascença, excellente trabalho de talha.

— Dous retratos a esfuminho, admiravelmente executados pelo sr. Julio Augusto da Costa Motta, que representam os paes do auctor. D'este expositor deve ainda mencionar-se uma cabeça de vitello tambem a esfuminho, cópia do gesso. Julio Motta é um dos mais dis-

tinctos socios da *Eschola Livre*. Dotado d'um vigoroso talento artistico, tem notaveis manifestações em quasi todos os ramos de Bellas-artes. O seu grande merecimento não deve apreciar-se sómente pelo pouco que apresenta na Exposição, porque está nas circumstancias de se representar mais brilhantemente. São d'este habil artifice-artista os magnificos modelos que possue a aula de desenho da Universidade, para o estudo da perspectiva, executados em madeira, vidro e fios de troçal.

—Duas esculpturas em barro que representam a *Virgem da Soledade,* e outra em madeira, o grupo da flagellação do Senhor, pelo sr. Manuel José Brandão. Estes trabalhos distinguem-se pelo merecimento esculptural e perfeição da pintura.

—Um quadro a oleo do sr. Augusto C. Rebello da Costa, de Ceia, representando um sancto eremita. Nota-se n'esta pintura uma grande correcção nas fórmas e um excellente colorido. Não parece trabalho d'um curioso; e antes o tomariamos como producção d'um artista consummado.

—Sete specimens de gravura em madeira pela sr.ª D. Ernestina Simões, prima do sr. dr. Augusto Filippe Simões, e alguns outros pelo sr. Albino Caetano da Silva Pinto. A primeira foi discipula do segundo; e os trabalhos de ambos, accusando decididas vocações, não desdizem dos notaveis progressos que entre nós se vão operando na gravura em madeira.

—Uma interessante collecção de pequenos objectos proprios para ornar mesas de sala, pelo sr. José da Costa Ventura Mattoso da Camara. São trabalhos delicadissimos, feitos com a serra mechanica, d'uma accentuada belleza e perfeição. O seu sympathico auctor evidenceia na sua interessante exposição uma grande tendencia para o desenho industrial e decorativo.

—Um bom crucifixo, esculptura em madeira pelo sr. Francisco Lucas Calleiras, de Condeixa.

—Dous magnificos estudos historicos a lapis Conté

pelo sr. bacharel Joaquim de Mariz: *o Escravo e o Leão no circo romano,* e *o Leão de Veneza.* Este expositor ha muito que abandonou os seus predilectos estudos do desenho, que bem se patentearam em muitas obras e jornaes illustrados, para unicamente se entregar ao cultivo da sciencia na qualidade de adjuncto da cadeira de botanica na faculdade de philosophia.

— A paizagem melancholica d'um castello do Rheno. Trabalho a lapis Conté pela sr.ª D. Maria Emilia Mesquita. Logo á primeira analyse denuncia uma vocação muito aproveitavel.

— Uma formosa paizagem, estudo a oleo, do sr. Antonio das Neves Elyseu.

— Algumas bonitas aguarellas, ornamentações, e imitações de marmore e madeira, pelo sr. Adriano Correia.

— Amostras de estuque: florões e varios ornatos. Bom desenho e excellente execução. Pelo sr. Francisco Antonio Meira.

— Uma paizagem a oleo, pelo sr. Antonio Faria.

— Cópia de alto relevo, a crayon esfumado; e mais dous estudos sobre architectura pelo systema das aguarellas esbatidas, pelo sr. Francisco Gil. Este expositor é pensionista da Misericordia de Coimbra; e frequenta actualmente as aulas da Real Academia das Bellas-artes.

— As aulas de desenho da Universidade, do Lyceu Central de Coimbra, da Eschola Livre e do Collegio dos orphãos, figuram na Exposição por alguns trabalhos notaveis dos seus alumnos.

Indicaremos ainda dous objectos que se recommendam, não tanto pelo seu merecimento, como pela qualidade dos seus auctores, que são — um ecclesiastico e um pastor.

Collocados um proximo do outro, chamam-nos a exame um S. João, pequena esculptura em madeira, e um carimbo perfeitamente gravado em buxo.

A imagem de S. João foi executada pelo reverendo

Antonio Abilio dos Santos, cura na parochia de Sazes, concelho de Penacova.

N'aquella pittoresca aldeia das vertentes occidentaes da serra do Bussaco é tradicional nos seus directores espirituaes a tendencia para a estatuaria. Durante muitas gerações alli tem existido, junto da singela e rustica igreja, uma modestissima officina de modelação e estatuas religiosas. O parocho, terminados os officios divinos, despe as vestes sacerdotaes, adorna-se com a sympathica *blouse* do artista, e eil-o que nos surge um verdadeiro operario, modelando ou esculpindo as obras que lhe são encommendadas! E não se pense que é insignificante esta industria de Sazes. As encommendas repetem-se, porque a obra agrada ao consumidor e os preços são modicissimos. Na Bairrada e nos concelhos de Penacova e Mortagoa o prior de Sazes e o seu cura são conhecidos e apontados como artistas estimaveis, e as suas obras por lá figuram em muitas capellinhas, ermidas e parochias. [1]

Mas como appareceu alli, n'aquella desconhecida aldeia, uma tal industria? O actual prior é um velhinho de 80 annos; assim como recebeu lições do seu antecessor, tambem artista clerigo, assim tem educado o seu actual cura no ramo artistico de sua predilecção.

Sazes dista do Bussaco apenas meia hora de caminho. N'este eremiterio dos carmelitas descalços houve alguns monges que se dedicaram á arte esculptural e

---

[1] O sr. padre A. Abilio dos Santos esculpiu uma imagem do Senhor morto que se venera na egreja de Sangalhos, proximo a Oliveira do Bairro, uma do Senhor crucificado na capella do cemiterio de S. Martinho da Cortiça, concelho de Arganil, outra dicta na egreja de Alvaiazere, outra de Nossa Senhora na capella do logar de Monte-Novo, junto ao Bussaco, outra dicta em uma capella do Souto, freguezia de Espinho, de Mortagua. É tambem auctor de duas de Sancto Antonio, uma na egreja da Brenha nas proximidades da Figueira da Foz, e outra n'uma capella proximo a Val da Mó, concelho de Anadia, além de muitas outras em capellas e casas particulares.

que legaram áquelle convento algumas obras de merecimento, entre as quaes se distinguia um menino Jesus de madeira, primorosamente esculpido e com peanha, resplendor e bandeira de cortiça[1]. Talvez que estes frades-artistas, visitadores das aldeias circumvizinhas do Bussaco, fossem a origem, o nucleo da industria de imagens que ainda hoje existe em Sazes.

O que é certo é que estes bons ecclesiasticos de Sazes, com as suas aptidões e trabalhos, confirmam até certo ponto aquelle conceituoso protesto do nosso fr. Luiz de Sousa contra a pessima direcção que os paes dão aos filhos: «Dura jurdição, por não dizer tyrannia, exercitão oje muitos pays sobre as condições & natureza dos filhos. Em nacendo, já fazem a hum clerigo, a outro frade, a outro soldado: de espreitar a inclinação & geito que cada hum tem pera as cousas, não ha tratar. Assi fica mao letrado o que fora bom çapateiro, & não é bom soldado o que fora bom religioso.»

O carimbo de madeira tem bom desenho de ornamentação e está gravado correctamente. Acompanha-o este singelo e eloquente rotulo: «Feito por Manuel Leal (pastor de gado). Taboa.»

Aqui têem uma outra vocação perdida. O illustre colleccionador da secção de Bellas-artes disse-nos que o auctor, ainda assim, tem fornecido muitos d'estes carimbos ás auctoridades locaes e a muitos particulares d'aquella região da Beira.

A ourivesaria apenas está representada por tres expositores: o sr. Manuel Martins Ribeiro, de Coimbra, e os srs. Antonio Rodrigues da Paz e Manuel José dos Santos, da Figueira da Foz.

A proposito d'esta insignificante representação de uma tão importante arte faremos no proximo artigo algumas considerações, e com ellas concluiremos a nossa visita á secção de Bellas-artes.

---

[1] Esta imagem do menino Jesus venera-se hoje na egreja da Misericordia de Coimbra, á qual foi dada pelo ultimo bispo conde.

VII

Terminámos a ultima revista chamando insignificante á representação da ourivesaria; insignificante, sim, com relação ao numero de expositores, apenas tres; mas não no attinente á perfeição dos objectos expostos. Não confundamos.

A *vitrine* do unico expositor de Coimbra, o sr. Abilio Maria Martins, encerra variados e bellos trabalhos executados pelo seu official, o sr. Manuel Martins Ribeiro, moço dotado de grande genio artistico e que possue boas noções de desenho, o — *a b c* indispensavel a todas as artes e industrias.

Ao lado das vistosas pastas de quintanistas, guarnecidas com emblemas de ouro e prata das respectivas sciencias, — objectos que representam o sonho dourado da mocidade academica, — vêem-se em bonita disposição o annel e as arrecadas, — a tentação forte da tricana catita; os brincos, a cruz, a medalha, o collar, o broche, — os brindes mais appetecidos pelas afilhadas e pelas sobrinhas; o delicado alfinete de variados feitios, já em fórma de leque, já semelhando uma flôr ou uma inicial, e que tão bem fica sobre a fina manta de setim ou tão graciosamente prende as dobras do custoso chaile de cachemira; o polido aro de ouro para a luneta da senhora idosa e respeitavel; as caixas de prata para as cartas de bacharel formado; as fivellas de prata ou ouro para os sapatos de clerigo; emfim, uma formosa collecção de objectos especiosos, que attrahem pelo deslumbramento e são testemunho honroso do merecimento e competencia do seu manufactor.

A todos estes objectos, porém, sobreleva pela perfeição do trabalho uma faca de cortar papel, com o seu cabo de prata, todo rendilhado n'um estylo appro-

ximadamente da Renascença. Só este objecto era bastante para nobilitar um artista, elevando-o muito acima do nivel das vulgaridades.

Os srs. Manuel José dos Santos e Antonio Rodrigues da Paz, da Figueira da Foz, expõem trabalhos analogos aos já mencionados, e com elles evidenceiam que professam com muita distincção a ourivesaria. Apenas faremos uma referencia em especial, com relação a estes expositores, indicando um objecto apresentado pelo sr. Manuel José dos Santos. É um apito de ouro, do formato de um cachimbo, no qual se observam em relevo e n'um conjuncto elegante os emblemas da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios da Figueira da Foz: capacete, agulheta da bomba, corda, machado, etc. Esta interessante prenda foi offerecida por aquella corporação ao sr. Luiz da Terra Pereira Vianna, do Porto, como prova de gratidão por a ter dirigido nos seus primeiros ensaios.

E mais nada em ourivesaria. Mas qual o motivo porque os outros ourives de Coimbra se não apresentaram em tão glorioso torneio? Não sabemos; e nem sequer o indagaremos. Que tal ausencia é indesculpavel ninguem o póde contestar. Os dous ourives da Figueira da Foz não hesitaram um momento em se apresentar na Exposição, honrando a sua arte e aquella cidade; os de Coimbra, á excepção de um só, retrahem-se e deixam continuar de pé esta affirmativa pouco agradavel: — que a ourivesaria d'esta cidade é mais um commercio do que uma arte nobre!

Ha em Coimbra annualmente um mercado importante: é a feira de S. Bartholomeu, que se realiza de 20 a 31 de agosto. A este grande centro commercial e industrial concorrem não poucos ourives, uns do Porto, outros de Guimarães e alguns de Ovar, que fazem importantes transacções. Esta concorrencia prejudica bastante os ourives de Coimbra; o consumidor prefere os extranhos e abandona os da terra. Ora, parecia-nos que nenhuma outra occasião mais propicia do que a actual

Exposição para os ourives de Coimbra demonstrarem, pela exhibição das suas manufacturas, que a preferencia dada aqui aos seus collegas de fóra é injusta, por isso que podem competir com elles na perfeição e barateza das obras, ou pelo menos igualal-os. Esta é a verdadeira doutrina dos que professam dignamente uma arte e a desejam vêr progredir. E aqui temos tambem um dos fins utilissimos das exposições: salvar uma arte ou uma industria local, quando não ha vontade de que ella se extingua.

Incidentemente diremos que é muito interessante a historia da ourivesaria em Coimbra. Aqui, como em outras terras do paiz, já o officio de ourives teve notavel incremento e importancia. Foi no seculo XVI que elle esteve no apogeo; e com bons fundamentos se sustenta hoje que das obras de ourivesaria nacional d'aquella epocha é que se tiram os principaes elementos para se provar á evidencia a originalidade do estylo portuguez, denominado *manuelino.*

A natureza d'esta revista não nos permitte apresentar aqui uma nota desenvolvida com respeito aos ourives de Coimbra nos seculos passados; e por isso muito ao de leve faremos um exame retrospectivo sobre esta classe de artifices conimbricenses, á qual certamente pertenceram alguns d'aquelles *ourivezes* que o bom do chronista de el-rei D. João II dizia estarem *no cume,* ao tempo em que escrevia a sua *Miscellanea*[1].

Remontando as nossas investigações ao anno de 1592, encontramos os ourives de Coimbra em notaveis condições de prosperidade. Por essa epocha fundaram na egreja de S. Thiago uma confraria com capella pro-

---

[1] O sr. Dr. Augusto Filippe Simões no seu livro: — *A Exposição Retrospectiva de Arte ornamental Portugueza e Hispanhola, em Lisboa,* 1882.

pria da invocação de Sancto Eloy, seu patrono, na qual ainda hoje existe a seguinte inscripção:

ESTA CAPELA
HE DOS OURI-
UES DESTA CID.E
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA.

Nas seis sepulturas da capella e em tres, proximas da entrada mas já no corpo da egreja, se enterravam exclusivamente os ourives, suas mulheres e filhos solteiros.

A confraria ou associação dos ourives de Coimbra tinha um regulamento interessante, que no correr dos annos até ao primeiro quartel d'este seculo soffreu algumas modificações.

Das *Miscellaneas* do sr. Martins de Carvalho, as quaes são um copioso e rico repositorio de importantes subsidios historicos e litterarios, transcrevemos, relativamente a este assumpto, estes curiosissimos apontamentos:

«Segundo o compromisso da confraria dos ourives devia haver todos os annos, no dia de Sancto Eloy, no 1.º de Dezembro, missa cantada e sermão, estando a egreja armada; e em todas as primeiras segundas feiras de cada mez haveria missa rezada. Decorridos annos alterou-se o dia da festa. Passou a ser na primeira oitava do Natal.

«No dia seguinte ao da festa annual deveriam reunir-se os ourives na sua capella, e ahi elegeriam os officiaes que haviam de servir no anno seguinte.

«Cada official de ourives era obrigado a dar annualmente dois arrateis de cera. D'essa cera mandariam o juiz, escrivão e mordomo fazer as tochas, que no dia de Corpo de Deus eram levadas na procissão; e a que sobejasse se gastaria na capella.

..

«Todo o ourives que se examinasse, e pozesse tenda, tinha de dar dois arrateis de cera para a capella de Sancto Eloy.

«Quando houvesse inimizade entre alguns confrades, o juiz e officiaes deviam trabalhar para que, quando se juntassem na capella, se tornassem amigos.»

A estas notas historicas liga-se naturalmente uma referencia aos grandes pleitos que se deram outr'ora entre os ourives do ouro e da prata. Estes officios eram distinctos, e pelas disposições municipaes, então em vigor, não podia o ourives do ouro trabalhar em prata, nem o ourives d'este ultimo metal occupar-se em obras de ouro.

D'esta divisão de trabalho resultaram em Coimbra e em outras cidades do reino serios conflictos. No archivo da camara municipal d'este concelho existem alguns documentos relativos a pendencias d'esta natureza. Eis aqui a cópia d'um requerimento que os ourives do ouro apresentaram ao senado de Coimbra, em 1669, contra os ourives da prata, por estes terem executado trabalhos que só pertenciam ao mester dos primeiros:

«Dizem os ourives do ouro d'esta cidade de Coimbra que em todas as cidades, villas e logares d'este reino são distinctos os officios de ourives do ouro, dos da prata, e nem aquelles podem obrar prata, nem vendel-a, nem estes ouro; e pelo contrario se faz n'esta cidade, de poucos annos a esta parte, porque o sobredito se observava, e agora alguns ourives da prata estão lavrando ouro e vendendo-o, como se este fosse o seu officio, e o mesmo fazem os do ouro, vendendo e lavrando prata. E porque a este senado pertence prover n'este negocio, e que cada um official obre no officio para que sómente foi examinado, e para que teve licença d'este senado, para pôr tenda: P. a vossas mercês mandem que todos os ourives sejam notificados, com pena de 50 cruzados, que os da prata não vendam ouro, nem o obrem, nem os do ouro prata, para ven-

derem, com pena tambem de se lhes tomar por perdido o que se achar a cada um obrado, ou vendido, fóra do que para cada um foi examinado. E R. M.» (Tem cinco assignaturas).

A esta petição seguiu-se um pleito que durou muito tempo; mas ignoramos qual fosse a sentença proferida, porque junto a tão curioso processo não existe a decisão do senado.

Terminando esta digressão, que veio mais ou menos a proposito, e que muitos apreciarão pela novidade e interesse das noticias, vamos já apreciar alguns importantes trabalhos, pertencentes ao grupo dos Elementos de Estudo e suas applicações.

VIII

A arte typographica está honrosamente representada pela Imprensa da Universidade, Imprensa Litteraria, de que é proprietario o sr. bacharel Pedro Róxa, e Imprensa Auxiliar de Escriptorio, do sr. Manuel Caetano da Silva.

Todas estas officinas exhibem variados trabalhos de bom gosto e perfeita execução. Mais quatro typographias ha em Coimbra, que não se representam, mas que podiam figurar distinctamente na Exposição districtal: a Imprensa Academica, do sr. bacharel Ruben de Almeida, a Imprensa Independencia, do sr. bacharel Hermano José Ferreira de Carvalho, a Imprensa Minerva, do sr. Pinto Ramos e a da Ordem do sr. José Joaquim dos Reis Leitão.

A Imprensa da Universidade, hoje dignamente dirigida pela competencia e illustração do sr. bacharel Abilio Augusto da Fonseca Pinto, apresenta duas

estantes com alguns livros escolhidos, pelos quaes se póde avaliar a perfeição e esmero com que n'esta officina se compõem e imprimem as varias obras que lhe são commettidas. Vêem-se livros propriamente academicos e de particulares. Entre os primeiros distinguem-se algumas theses e dissertações inauguraes, compendios de differentes professores e jornaes academicos; e entre os segundos notam-se edições de todas as obras de Alexandre Herculano, da antiga casa Bertrand, e outras pertencentes á casa editora de Manuel José Ferreira, de Lisboa. De Coimbra ha obras dos editores Manuel de Almeida Cabral, José Diogo Pires e José Augusto Orcel. São quasi todas livros de ensino, relativos principalmente á instrucção secundaria.

N'esta *vitrine* se acham jornaes de tres faculdades: a *Revista de Legislação e de Jurisprudencia,* de que ha 15 volumes, attinente á de direito, e de que é redactor principal o sr. dr. Chaves e Castro; a *Coimbra Medica,* redigida pelo sr. dr. Augusto Rocha, da faculdade de medicina, e o *Jornal de Sciencias Mathematicas,* dirigido pelo lente de mathematica, o sr. dr. Francisco Gomes Teixeira. Ha tambem o *Instituto,* que já conta 32 volumes, e o *Panorama Contemporaneo,* do academico o sr. Trindade Coelho, um mancebo intelligentissimo.

Está proximo a sahir dos prélos, e talvez ainda figure na Exposição, o livro *Tentativas Dantescas,* do sr. conselheiro Antonio José Viale, precedida de uma carta de el-rei D. Pedro V, obra editada pelo sr. Pires; assim como um curiosissimo livro de historia com o titulo de *D. João I e a alliança ingleza,* pelo sr. conde de Villa Franca, editada pelo sr. Ferreira, de Lisboa.

Ao lado da *vitrine* figuram igualmente dous mappas da direcção das obras publicas, perfeitamente impressos, e distinguem-se emmoldurados tres quadros: um relativo ao centenario pombalino, outro que é um diploma passado ao sr. Luiz de Quillinan, e outro com a impressão de um psalmo em hebraico ladeado das duas traducções portugueza e franceza.

Ultimamente apresentou esta Imprensa um quadro dedicado á mesma Exposição e um opusculo composto pelos apprendizes da Eschola Typographica d'aquella officina. O quadro é um trabalho primoroso, composto na Eschola sob a direcção do mestre, que é o sr. Adrião Marques, e impresso com dez fôrmas pelo primeiro impressor, o sr. Joaquim Pedro Baptista. Consubstancia em pequenas paginas o resumo da invenção das lettras e da Typographia, redigido pelo director das officinas, o sr. José Pereira Junior. O opusculo pertence aos apprendizes, os srs. José Antonio Simões e Delphim Gomes Ferreira, e demonstra exuberantemente o ensino proficuo que se ministra n'aquella Imprensa.

Um pouco da historia interessante d'este estabelecimento. A sua fundação é devida ao genio emprehendedor do grande marquez de Pombal. No reinado de D. Maria I, e referendado pelo ministro José de Seabra e Silva, foi approvado o regimento para a Imprensa da Universidade.

N'este documento, entre outras disposições, lê-se esta, que bem mostra o empenho do governo em elevar a typographia portugueza ao mais subido grau de perfeição:

«O director terá cuidado de examinar tudo o que novamente se tiver descuberto para facilitar e aperfeiçoar todos os ramos da arte typographica. E propondo-o nas conferencias, se tomará deliberação sobre os meios de o reduzir á practica da maneira que mais convier, para que a officina da Universidade não ceda nada ás melhores typographias extrangeiras.»

O edificio da imprensa é amplo, tem magnificas salas com bastante luz e bom pé direito, e reune todas as condições hygienicas de uma officina de trabalho.

Os typographos da Imprensa da Universidade não são empregados do Estado; e para assegurarem a sua subsistencia na velhice enferma e decrepita, fundaram um Monte-pio, cujos socios têem direito a um subsidio

pecuniario, a remedios de botica, e a serem visitados por dous facultativos.

A historia da classe typographica d'esta officina relaciona-se intimamente com a da nossa epopêa liberal, pelos grandes soffrimentos por que passaram os seus artistas desde a revolução de 1820 até ao termo da usurpação do infante D. Miguel.

«Quando em 1820 rebentou na cidade invicta a revolução liberal, a requisição da Junta do Porto foram chamados alguns typographos da Imprensa da Universidade, os quaes, por um incidente providencial, poderam escapar á cruel morte por meio de incendio, que se lhes preparou.

«Supportando as fadigas e incommodos de uma guerra civil, em que se debatiam o partido absoluto e o liberal, e obedecendo a ordens superiores, andaram elles tambem, com uma typographia de campanha, juncto do quartel general do sr. D. Miguel, para comporem e imprimirem as *Ordens do dia* e o *Boletim official* do exercito realista, acompanhando-o até ao fim da lucta politica, e assistindo á capitulação de Evora Monte, em 1834, em que se lhes passou guia de marcha para Coimbra[1].

«Alguns d'elles, que succumbiram em Santarem ao flagello desolador da cholera morbus, eram logo substituidos por outros do mesmo estabelecimento; e os que não tiveram tão desastroso fim, andavam escoltados, e eram postos em custodia, por desconfiança de suas convicções politicas, principalmente depois que um d'elles pôde evadir-se para o exercito libertador[2].»

Esta passagem da nossa historia politica é honrosa para o pessoal da Imprensa da Universidade, e por ella

---

[1] O prelo, em que se imprimiam estas *Ordens do dia*, etc., existe ainda na Imprensa da Universidade, para onde voltou.

[2] O sr. Visconde de Villa Maior na sua *Exposição succinta da organisação actual da Universidade de Coimbra.*

vemos que a classe typographica dos estabelecimentos nacionaes tambem tem o seu martyrologio.

A Imprensa Litteraria apresenta alguns exemplares de obras destinadas ao ensino de instrucção secundaria, romances, jornaes, e entre estes um numero da *Litteratura Illustrada,* um dos primeiros periodicos que se publicaram em Coimbra adornados de gravuras, e variados specimens da arte typographica, todos correctos, elegantes e nitidamente impressos. Como trabalho de merecimento, impresso n'este estabelecimento, e composto pelo sr. Luiz Henrique Cardoso, um dos collaboradores da *Officina,* nota-se um bonito quadro a côres contendo a allocução do sr. presidente da commissão executiva no acto de inaugurar a Exposição.

Os trabalhos da Imprensa Auxiliar de Escriptorio tambem se distinguem pela elegancia da composição, e apresentam uma nitidez de tintas que surprehende. Entre os specimens, apresentados por esta acreditada officina, ha alguns exemplares de impressões a côres pelo systema da chromo-lithographia, que revelam muita competencia e aptidão para esta ordem de trabalhos.

Juncto da arte de Guttemberg, está representada a *encadernação,* sua parte complementar, por alguns exemplares do intelligente industrial, o sr. Abilio Severo. A *vitrine* d'este expositor, que pela sua apparencia attrahente faz volver para ella as attenções dos mais distrahidos, encerra algumas obras de notavel merecimento scientifico e litterario, cújas encadernações, em todos os generos hoje conhecidos e adoptados no extrangeiro, primam pela belleza e solidez.

O sr. Abilio Severo, apresenta-se distinctamente, e a *vitrine* em que se vêem os seus trabalhos, precioso exemplar do antigo mobiliario a pau preto, produz effeito magnifico pela sua ornamentação e elegancia de fórmas.

Este expositor, ao contrario de outros, comprehendeu bem o effeito scenico das exposições, exhibindo

os seus productos de fórma que dominam a attenção geral.

Perto dos trabalhos typographicos figura uma elegante *vitrine,* que contem muitos exemplares da Historia Natural. Expôz e preparou este grupo o sr. Francisco José Paulo, habil empregado do Muzeu da Universidade.

É curiosa e excita geral interesse esta collecção de animaes. Duas especies de mammiferos estão alli representados: uma raposa e um lynce. O segundo tambem é conhecido pelos nomes vulgares de *lobo-cerval* ou *gato-cravo,* e encontra-se em o nosso paiz nas abas da Serra da Estrella, no Alemtejo, em Traz-os-Montes e Minho. É difficil de caçar pela sua muita astucia, habitos nocturnos e vida retirada nas florestas. O que vemos na Exposição foi offerecido ao sr. Francisco José Paulo por um dextro caçador da nossa provincia alemtejana.

Uma nota interessante ácerca d'este carnivoro. A sua ferocidade é de tal ordem, que a primeira cousa que faz ás suas victimas é rasgar-lhes as veias para lhes sugar o sangue. Na Suissa concedem-se grandes premios a quem mata um lynce. Quando o sr. conselheiro Barbosa du Bocage tomou conta da direcção do Muzeu da Historia Natural de Lisboa, esteve muito tempo sem poder conseguir uma pelle d'este animal pela quasi impossibilidade de ser caçado.

O que principalmente sobresahe n'esta *vitrine* é uma variada collecção de lindissimas aves, em que estão representadas as principaes ordens d'esta classe zoologica, desde as aves de rapina até os pequenos passaros trepadores e insectivoros.

Esta pequena exposição ornythologica é realmente formosa e attrahe geraes attenções.

As aves conservam com todo o brilho as bellas côres da sua vistosa plumagem; ostentam posições elegantes, e em harmonia com os seus habitos e regimen alimentar, e apresentam tal aspecto de vida, que surprehendem e illudem quem as observa.

Uma ave de rapina, com o seu instincto feroz e sanguinario, está dilacerando um pequeno pato marreco. A pobre victima acha-se n'uma posição perfeitamente estudada, pendendo das garras do seu algoz e já com o peito descarnado, escorrendo sangue.

A attitude d'este grupo é naturalissima.

As aves insectivoras estão empoleiradas em ramos de arvores, espreitando attentas os insectos vizinhos para os caçar e devorar. São lindissimos estes exemplares, e contrastam, pela sua graça e belleza, com o aspecto grave e triste de um grande abutre, que se vê no topo da *vitrine*.

Todos elogiam este trabalho, que dá muita honra ao seu auctor, e que demonstra o merito do habil empregado a quem estão confiadas as preparações zoologicas do Muzeu da Universidade. N'este ponto pede a justiça que tambem se louvem os srs. drs. Albino Geraldes e Lopes Vieira, o primeiro director e o segundo naturalista adjuncto do Muzeu de Historia Natural, pelos seus esforços em augmentar e aperfeiçoar as collecções d'este estabelecimento scientifico, aconselhando e instruindo o sr. Francisco José Paulo.

Não devemos terminar esta noticia sem declarar que os creditos do sr. Francisco José Paulo são reconhecidos ha muito tempo, e que os seus bellos preparados de Historia Natural já mereceram grandes elogios de el-rei o sr. D. Fernando, do sr. D. Pedro II imperador do Brazil, e do sr. conselheiro Barbosa du Bocage, o qual até empregou altas diligencias para chamar a Lisboa este benemerito funccionario.

A preparação de esqueletos completos e delicados de aves pequeninas, introduzidos em frascos de vidro, constitue uma verdadeira maravilha e um segredo especial na profissão do habil artista a quem nos estamos referindo. Tambem figuram na *vitrine* da Exposição muitos d'estes admiraveis trabalhos de anatomia comparada.

IX

Estamos quasi a passar ao vasto claustro, onde a serralheria, a fundição, o poleame e outras artes mechanicas têem a sua representação muito distincta, variada e digna de exame. Mais duas notas ácerca de alguns objectos da primeira sala, e logo desceremos a pequena escada que nos deve conduzir áquella vasta arcaria, que é a unica parte, afóra a igreja, que resta do primitivo collegio do Carmo.

Na sala onde ainda nos encontramos vêem-se alguns elementos de estudo do desenho. E é bem que alli estejam; se faltassem, poderia alguem extranhar que a iniciativa da Exposição tivesse partido de uma eschola, que ensina o desenho, como sendo o seu principal objectivo. Indicaremos, em primeiro lugar, os bem elaborados compendios do sr. José Miguel de Abreu, hoje geralmente adoptados nos Lyceus e em muitos collegios de instrucção secundaria.

Proximo dos trabalhos d'este professor da Universidade está um bonito quadro impresso a côres, em que se acham enumeradas todas as suas importantes publicações. A lista dos seus livros é já extensa. Sobre desenho linear á vista escreveu e publicou:

Compendio de desenho linear elementar; Collecção de Quatro Numeros de papel Stigmographico; Planificações de prismas, pyramides, cylindros e cones; Modelos de solidos geometricos e de ornato. E tem mais — *Problemas de desenho linear rigoroso.*

Seguem-se varios trabalhos graphicos, de reconhecido merito e maior utilidade.

O sr. Sebastião Soriano expõe a planta do Mondego, seus affluentes, vallas e campos adjacentes, dentro do perimetro das maximas cheias. Ao lado dos quadros

com exercicios dos alumnos de desenho da Universidade, Lyceu, Eschola Livre e Misericordia, e a que já nos referimos, observam-se uma minuciosa planta do districto de Coimbra, pelo sr. Agostinho Rodrigues de Andrade, bacharel em theologia, e um ante-projecto para um asylo de invalidos, do sr. Estevão Parada. Todos estes trabalhos denunciam a competencia e as habilitações de seus auctores.

Analysadas estas plantas, vamos admirar algumas amostras de escaiola marmoreada, em que a imitação é perfeitissima. O manufactor d'este producto é o sr. Francisco Antonio Meira, habil estucador, que tem revelado o seu merecimento em muitas obras modernas de Coimbra, incluindo os novos paços do concelho.

Em photographia distinguem-se os srs. José Maria dos Sanctos, Adriano da Silva e Sousa, J. Sartoris e Adriano Tinoco. Alguns d'estes artistas já foram premiados em exposições extrangeiras, e todos ostentam bellos trabalhos. O sr. Silva e Sousa teve o fino gosto de apresentar o retrato ampliado de um archeiro da Universidade, em trajo de gala: um costume local, que interessa a todos os visitantes extranhos a Coimbra.

Na Exposição de Paris de 1878 já o sr. José Maria dos Sanctos apresentara não só o typo de archeiro, mas os de doutor e estudante. Um livro, publicado então pelos srs. Lamarre e Lamy, *Le Portugal et L'Exposition de 1878,* avalía com chiste estas photographias. Lê-se ahi:

«A l'Exposition de l'Université de Coïmbre se rattachent nombre de reproductions photographiques que nous recommandons à tous ceux qui désirent faire connaissance de loin avec Coïmbre et la partie la plus originale de ses habitants: ce sont les types de l'Université de Coïmbre. Voici d'abord un docteur, toque rouge et bonnet noir, l'œil épanoui, la face joviale et illuminée, rengorgé dans sa robe et quelque peu «dodelinant de la tête» bonhomme au fond, quoique narquois peut-être et non sans malice. C'est bien là le

docteur du moyen âge: en le regardant, on se prend à songer involontairement au temps qui n'est plus, dont il nous semble un représentant attardé et comme surpris dans notre siècle. Comme cadre à ce tableau, ajoutez les figures, elles aussi, bien plus de leur temps que du nôtre, du bedeau avec sa robe et son rabat honorifiques et des hallebardiers armés de pique. Les trois étudiants voisins contrastent avec leur entourage: sérieux sans gravité morose, avec les traits réguliers et accentués qui sont le caractère commun de tous les peuples de race ibérique et qui donnent aux visages espagnols une expression mâle et forte, ils sont vigoureusement découplés et pleins d'une intelligente désinvolture. A première vue, leur teint bruni et viril peut prêter à méprise; on les croirait plus âgés que nos étudiants français; mais cette illusion même n'a rien de déplaisant[1].»

Continuando a nossa visita á primeira sala da Exposição, temos de nos demorar algum tempo em frente

---

[1] Como esclarecimento a esta transcripção do livro francez junctaremos a annotação que ao mesmo trecho fizemos no *Jornal do Porto*, n.º 299 de 29 de dezembro de 1878, em carta que para alli escrevemos na qualidade de seu correspondente em Coimbra:

«O doutor de que fallam tão *livremente* os auctores de *Le Portugal et L'Exposition de 1878*, é o sr. dr. Antonio Bernardino de Menezes, decano e director da faculdade de theologia. Quem conhece de perto este talento brilhante da Universidade, é que póde dizer se o seu perfil está ou não bem retratado pelos finos e delicados historiadores da nossa exposição.

Os estudantes que inspiraram pela sua *présence* tão gracioso elogio á raça lusitana, são os srs. Alberto Carlos Supico, natural da Louzã e formado em direito, no anno lectivo findo; Domingos Rodrigues Ramos, natural do Porto, e estudante do 3.º anno de direito; e Alvaro Pereira Bettencourt Athayde, natural de Villa Franca do Campo, districto de Ponta Delgada, e igualmente estudante do 3.º anno de direito. São, realmente, sem lisonja para os illustres academicos tres typos de verdadeira gentileza e intelligencia.»

de dous moveis d'uma accentuada distincção e belleza, um fogão de marmore e um cofre á prova de fogo.

O primeiro d'estes objectos foi executado pelo sr. A. Ferreira Maia, moço intelligente e trabalhador.

Este fogão é de estylo arabe e representa um bom estudo sobre os melhores trechos da Alhambra. Por cima do portico, que é tri-lobado, distingue-se em caracteres arabes esta maxima: *Deus é grande: é elle que nos dá das arvores verdejantes o lume que nos acalenta.* Esta inscripção foi ministrada por uma dama de origem allemã, residente no Porto, e que sabe correctamente o idioma arabe.

Os marmores do fogão, pretos, brancos, côr de rosa, e amarello alaranjado, são de Cintra, Extremoz e Lagarteira, concelho de Ancião. Podiam ter sido escolhidos entre a grande variedade que temos perto de Coimbra, tanto ou mais bellos do que aquelles; e esta circumstancia daria mais um outro realce ao trabalho do sr. Maia, porque então reuniria ao valor artistico o merecimento de ser uma interessante exposição dos marmores do districto.

O cofre á prova de fogo é objecto de aprimorada e bella execução. N'este formoso movel não ha uma unica peça fundida; todo o material foi rebatido a martello e aberto á lima. A porta tem ornatos de applicação de metal branco, admiravelmente rendilhados e de um gosto distinctissimo. A chave é uma outra preciosidade: tem lindos lavores, quasi microscopicos, todos abertos a buril. O seu auctor é o sr. José Simões Paes, um rapaz muito novo e que virá a ser uma notabilidade, se quizer instruir-se ou se lhe ministrarem os elementos para desenvolver a sua grande aptidão.

Em uma Exposição de Coimbra não deviam faltar a guitarra, a viola e o violão, os instrumentos, que, representando uma industria importante, caracterisam uma das feições predominantes e sympathicas do povo portuguez, e mais especialmente dos habitantes d'esta cidade, — a poesia das canções e das romarias popu-

lares. Os expositores d'aquelles artigos são os srs. Antonio dos Santos, Bento Martins Lobo e Augusto Neves dos Santos, de Coimbra, e o sr. Antonio Duarte Mendes, da Figueira da Foz. Os instrumentos expostos estão bem acabados e representam um grande aperfeiçoamento. O primeiro d'estes expositores é o representante de uma dynastia de artistas, que hoje reside no Brazil, e que professa com distincção o mesmo officio.

A carpinteria está bem representada pelo sr. Joaquim de Aguiar Mesquita, da Figueira da Foz, que expõe nada menos de 15 modelos de madeiramentos para cobertos de edificios. É esta uma curiosa collecção que está a dizer-nos o desenvolvimento e progresso que a arte de construcção tem tido n'aquella formosa cidade.

O sr. Antonio Veiga, de Coimbra, expõe exemplares de alguns bonitos carimbos gravados em madeira, e uma alampada de metal branco, com boa ornamentação, elegante no todo, e merecedora de figurar n'um templo religioso.

Um piano, obra do sr. Aloysio Lopes Ferreira, e um pequeno orgão portatil, do sr. Francisco Correia Lopes, da Carapinheira, concelho de Montemór-o-velho, mostram os seus brancos e polidos teclados, e convidam á execução de um trecho de musica. Ambos estes instrumentos merecem menção especial. O piano tem sons vibrantes e cheios; e foi construido peça a peça, com madeiras do districto: nogueira, faia, murta, choupo, freixo e cedro.

O orgão do sr. Correia Lopes tem bastante volume de som e boa afinação; o pedal que possue é uma louvavel innovação do auctor.

Não devemos esquecer uma variada collecção de prendas, que figura na sala das Bellas-artes, entre as quaes notaremos uma pasta de quintanista de theologia bordada a ouro sobre seda; trabalhos de cortiça; bordados a lã, a fio de Escossia, a matiz, e fio de ouro e escamas de peixe; ramos de flôres de cêra e de miolo

de figueira, etc. N'esta variada e graciosa exposição, onde principalmente se apreciam as prendas de uma educação fina, cuidadosa e instructiva, ha trabalhos formosissimos, que nobilitam as suas expositoras, quasi todas damas conimbricenses e de Penella, e alumnas do collegio Ursulino e de Sancta Isabel.

Ainda um ultimo olhar para a primeira sala. Faltava-nos indicar uma elegante *vitrine,* onde o sr. José Maria dos Sanctos, tão distincto photographo como eximio dentista, expõe uma valiosa collecção de perfeitas dentaduras completas ou parciaes, com base de ouro, platina ou caoutchouc. Pede 6$000 réis por um dente e 100$000 réis por uma peça completa.

Passamos agora a visitar o claustro, onde estão representadas varias artes mechanicas. É talvez aqui onde se affirma mais potente e honroso o adeantamento das manufacturas e artes do districto de Coimbra. Desde a obra de alta serralheria e fundição, do sr. Manuel José da Costa Soares, de Coimbra, até ao producto do humilde pregueiro e podoeiro de desconhecida aldeia da Beira, ha um sem numero de trabalhos, que honram um districto, e podem até representar nobremente os progressos de uma nação.

XI

Todo o lado norte do claustro está occupado pelos trabalhos da fabrica de S. Domingos, propriedade do sr. Manuel José da Costa Soares.

Os objectos, expostos por este industrial, têem um notavel cunho de perfeição, solidez e elegancia. Ao deparar-se-nos os seus variados productos, pensamos estar antes n'uma grande Exposição, do que perante a affirmação manufactureira de um pequeno districto do nosso paiz. Os productos do sr. Soares representam um titulo de nobreza para as artes e industrias de Portugal.

Notaremos de passagem, entre outros trabalhos, um variado sortimento de gradeamentos para sacadas, janellas mettidas no vão e peitoris; ventiladores e varios ornatos e ferragens de portões; torneiras e sinetas de bronze; machinas de puncção; elevadores para 10 e 15 toneladas com o esforço de uma só pessoa; jardineiras para salas, e descansos e cabides para chapeus de chuva e da cabeça; prensas de copiar, alisar papel e apertar rolhas; bombas e marcos fontenarios; amassadores de pão e de uvas; charruas pelo systema americano; assentos para jardins e parques; e muitos outros trabalhos de notavel valor artistico e industrial.

Entre esta magnifica collecção sobresahem um leito de ferro fundido, que prima pela formosura e composição dos seus ornatos; e dous luxuosos trens — um *landeau*, de custo de 900$000 réis, e um *coupé*, avaliado em 700$000 reis, que nos dizem ter sido já escolhido pelo sr. Bispo Conde.

A fabrica do sr. Costa Soares fica fronteira ao edificio da Exposição, na rua da Sophia.

Acha-se installada na incompleta igreja de S. Domin-

gos, um precioso specimen do puro estylo da Renascença, principiada em 1540 pelos frades dominicanos, com o poderoso auxilio de D. João III, de fr. Martinho de Ledesma, lente de prima de theologia da Universidade, e do duque de Aveiro, D. João, «aquelle formosissimo cavalleiro que morreu na triste jornada de Alcacer,» como diz Gasco, na sua *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra.*

O elegante chronista da Ordem dos Prégadores, fallando d'este magestoso templo, diz assim: «... o que ficou lavrado é obra de tanto primor e custo, que póde competir com as que no reino são mais louvadas.

«O marmore é alvissimo e mui fino... a policia e delicadeza e miudeza que se vê no lavor da pedraria parece traçada mais para pincel em pintura, que para escopro em cantaria.»

Ainda na officina do sr. Soares existem intactos todos estes primores artisticos, os quaes o visitante da Exposição póde ir apreciar com extrema facilidade. Sabemos que este edificio, não obstante ser hoje propriedade particular, foi classificado como monumento nacional, pela commissão de archeologos e architectos, presidida pelo sr. Possidonio da Silva.

O estabelecimento do sr. Costa Soares acha-se montado n'este edificio desde 1863, e n'elle trabalham 35 a 40 operarios.

Primitivamente apenas n'elle se fabricavam e concertavam *char-à-bancs;* mas o digno proprietario alargou ultimamente a sua acção productiva, dotando-o com serralheria, fundição de ferro, bronze e metal, carpinteria, tôrno mechanico com motor de gaz, e segeria.

Na Exposição districtal de Coimbra, em 1869, alcançou esta fabrica a medalha de ouro, e de certo já teria obtido outras honrosas classificações, se tivesse concorrido ás exposições extrangeiras.

A relojoaria está representada, e muito distinctamente, pelos srs. Clemente Simões da Cunha Moraes,

de Coimbra, que expõe um magnifico relogio, de pendulo regulador e compensador, com corda para um mez; Jeronymo Pinto da Costa, da Figueira da Foz, que apresenta um pendulo com movimento proprio para 10 horas; e José Bernardo de Souza, tambem d'esta ultima cidade, que exhibe um grande relogio de torre.

D'este ultimo industrial tambem figura na Exposição uma bomba aspirante-premente, que tira 3:600 litros de agua por hora, aspirando a $9^m,90$ e elevando a 60^m.

N'este ponto não devemos esquecer uma tarraxa mechanica, do sr. Clemente Moraes, a qual consideramos um trabalho importante que revela o genio inventivo do seu auctor.

Os srs. Dinizes de Carvalho, uma numerosa familia de habeis artistas conimbricenses, apresentam uma variada e importante collecção de fogões, de todos os preços e tamanhos, leitos de ferro, utensilios de lavoura e jardinagem, grades para portas, objectos de cutilaria, lavatorios, moitões, etc. Em todos estes trabalhos ha a maior perfeição e solidez.

Notaremos ainda os excellentes trabalhos de fundição e serralheria dos srs. Alves & Irmão, de Coimbra, que apresentam um leito de ferro fundido, balaustres, panellas, peças de grade, fogareiros, jogos de pesos, etc.; e dous debulhadores que limpam por dia 6:300 litros de milho, um pelo sr. José Miguel Cabral e outro trabalho do sr. José Lopes Junior, ambos de Coimbra. Estas machinas agricolas regulam por 22$500 réis com ventilador ou 16$000 réis sem elle.

Em artigos de fundição, serralheria e cutilaria havia ainda muito que indicar, tudo bom e digno de uma Exposição districtal, mas que não podemos aqui relacionar, por sahir dos limites de tão succinta revista. Bastará dizer que figuram n'esta secção artistas, em grande numero, da Figueira da Foz, Coimbra, Penella, Midões, Taboa, Mira, Arganil, etc.

O poleame, uma importante industria nautica, está

soberbamente representado pelo srs. Julio Braz de Lemos e Mesquita & Verissimo, ambos da Figueira da Foz. Os seus productos são exportados para o Porto, Lisboa, Setubal, e para o Brazil, Montevideu, Buenos-Ayres, etc. O primeiro obteve medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro.

O vasilhame tem como expositores os srs. Joaquim da Silva e Sousa, José Rocha, Ayres da Silva e Joaquim Bento, todos da Figueira da Foz; e o sr. Manuel Contente Pinto, de Coimbra. Os trabalhos que apresentam são de aduela americana, com arco de ferro inglez ou de salgueiro preto do paiz. Alguns d'estes industriaes exportam os seus productos para o Brazil, e quasi todos fornecem os mercados do Porto, Coimbra, Cantanhede, Figueira, etc.

E damos por terminada a nossa visita a esta secção, indicando tão sómente dous jogos de arreios para cavallos de trem, bellos trabalhos, pelos srs. Adriano Francisco Dias e João da Silva; alguns pares de lanternas de metal branco, para carruagens, obra admiravelmente executada pelo sr. Manuel Teixeira da Cunha; um interessante apparelho para fazer molduras de madeira, invenção do sr. Luiz Antonio Mattheus, da Figueira da Foz; uma roda de Ripert, com buxa de metal, pelo sr. Bento Rocha, de Coimbra; um amassador de linho, de facil manipulação, construido de madeira de lamigueiro, pelo sr. Francisco Abreu, da Nazareth da Ribeira; e ainda alguns elegantes fogareiros, martellos e variados trabalhos de ferreiro e serralheiro, executados pelos officiaes dos srs. Dinizes de Carvalho, e pelo sr. Francisco da Costa, que tambem é um bom artista na sua classe.

Na segunda sala da Exposição, que fica contigua ao claustro, encontram-se alguns trabalhos de colchoeiro, correeiro, e esparteiro; bem como varios objectos fabricados com o junco, a tabua e o bunho, plantas que nascem e vegetam abundantemente nos terrenos baixos e alagadiços dos campos do Mondego.

Os colchões expostos pelo sr. Manuel Martins Ferreira, de Coimbra, são de muitos formatos e dimensões. Passando-se-lhes a mão por cima, acham-se macios, fôfos, com suave flexão. Uns são de capa de milho, ou palha de centeio; outros de lã ou crina. A sua cobertura é de excellente tecelagem. O mesmo artista apresenta um enxergão, pelo processo de mólas, para cama de casados, e um elegante sophá-leito, apreciavel pela rapidez com que passa de uma á outra das suas duas denominações. A obra d'este expositor é perfeita e recommenda-se pela modicidade do preço. Tambem figura distinctamente n'este artigo o sr. Manuel Mendes da Eira.

Depois de lançarmos um rapido olhar a duas vistosas albardas, com os seus enfeites garridos e os seus grandes bicos recurvados, paremos um pouco a analysar uma variada collecção de malas e de bolsas de viagem, a metamorphose do classico alforge, produzida pela moderna villagiatura e pela rapidez e facilidade da viação accelerada. São de variados feitios; elegantes e commodas; decentes e luxuosas; umas de cabedal com guarnições metallicas, outras de lona e tapete. Algumas têem applicações especiaes: são as companheiras inseparaveis do caixeiro ambulante, esse judeu errante da nossa actividade mercantil, e servem para accommodar amostras de cereaes, de papelaria, de lanificios, de ferragens, de quinquelherias e de muitos outros generos. Estes artigos têem elegancia de fórma e a necessaria solidez. Os seus manufactores são os srs. Adriano Francisco Dias e Eduardo Ramos de Carvalho, ambos de Coimbra.

A obra de esparto e de esteireiro está bem representada por alguns palhões, esteiras de junco, e capachos, objectos de grande consumo local, e por grandes e fortes ceiras de lagar, utensilios agricolas que representam um papel importante no fabrico do azeite. Expõem estes artigos os srs. Antonio dos Santos e Joaquim Moita.

Menos perfeitos do que os trabalhos d'estes artistas, mas talvez de tanta ou mais utilidade practica, aqui temos os cestos de junco ou *côfos,* os esteirões e esteiras de tabua, e as *palhoças* ou capas de palha. N'alguns d'estes objectos tambem entra como leame a casca de silva brava.

Estes modestos trabalhos representam uma pequena industria caseira, que se encontra disseminada por quasi todas as povoações dos campos do Mondego e seus affluentes. Os seus fabricantes são mulheres e creanças. As capas são commodas, muito quentes, impenetraveis á agua e geralmente usadas pela gente dos campos, tanto de um como de outro sexo. Enviadas á Exposição universal de Paris, em 1878, obtiveram alli menção honrosa. Custa cada uma 360 réis e apparecem nos mercados de Coimbra, Soure, Montemór-o-Velho, Figueira e Cantanhede.

O junco, a tabua e o bunho encontram-se abundantemente em todos os terrenos paludosos do Mondego e representam um importante rendimento. Além das applicações indicadas, servem para cama de gados, estrumes, e usos de lareira. Só a quinta de Foja, no concelho da Figueira da Foz, já teve annos de realisar contos de réis n'esta vegetação espontanea de suas vastas propriedades!

XII

Na terceira sala da Exposição vêmos representadas tres importantes fabricas de tecidos e lanificios da Beira: são os acreditados estabelecimentos de industria fabril do sr. visconde de Castanheira de Pera; do sr. Antonio Augusto Lopes da Costa, de Moimenta da Serra; e do sr. conde de Caria. Expõem algumas peças de saragoça, briche, pannos pretos, casimiras, picotilhos, etc.

Estes tres expositores são bem conhecidos em todos os centros commerciaes do paiz; os seus productos, se não podem competir com os estrangeiros, representam, comtudo, um grande progresso e um notavel desenvolvimento na industria de tecidos e lanificios nacionaes. Todos tres já foram premiados em varias exposições, tanto portuguezas como extrangeiras.

As fabricas do sr. visconde de Castanheira de Pera ficam situadas na margem direita do rio denominado Ribeira da Pera, a 45 kilometros ao sul de Coimbra. Chama-se a principal fabrica dos Esconhaes, e a outra fabrica de Rapos.

A primeira foi construida em 1868. Tem como motores: 2 rodas hydraulicas, com força de 40 cavallos, 2 turbinas com força de 32 cavallos e 4 machinas a vapor da força total de 150 cavallos. Tres d'estes vapores com a força de 50 cavallos substituem aquelles motores na estação do verão, e um vapor da força de 100 cavallos trabalha diariamente. Esta fabrica emprega 500 operarios. O salario dos homens varia entre 300 e 2$000 réis; o das mulheres entre 100 e 300 réis; e o das creanças entre 100 e 120 réis. O capital fixo é representado por 180:000$000 réis.

A producção annual é de 180:000$000 a 200:000$000

réis, em pannos pretos, casimiras, cheviotes, picotilhos, chailes, saragoças, mesclas, estambres e cobertores.

A fabrica de Rapos foi construida em 1874. O capital fixo é de 30:000$000 réis e produz annualmente 60:000$000 réis. Tem um unico motor, que é uma roda hydraulica com a força de 20 cavallos.

N'estes dous estabelecimentos dura o trabalho regular doze horas, e parte d'elle é feito de empreitada. No inverno ha serões até ás 10 horas.

Em Castanheira de Pera, além dos estabelecimentos indicados, ha mais 10 fabricas secundarias, que produzem os mesmos artigos.

O pessoal de todas ellas excede a 1:000 operarios, sendo aproximadamente o valor do seu capital fixo de 337:500$000 réis.

Consomem annualmente 55:000 arrobas ou 825:000 kilos de lã, originaria da Hespanha, America, Allemanha, e nacional.

A fabrica do sr. Antonio Augusto Lopes da Costa, em Moimenta da Serra, é um dos melhores estabelecimentos de tecidos que temos no paiz. Foi fundada em 1876. O seu capital é de 90:000$000 réis, dos quaes 20:000$000 estão empregados nos edificios, 22:000$000 réis nos machinismos e 48:000$000 réis andam em circulação, representando o valor das materias primas, productos fabricados em deposito, etc. Tem os seguintes motores: Uma roda hydraulica mixta, movimento de ferro, de construcção belga; uma roda hydraulica mixta, movimento mixto, construida na localidade. A força nominal das duas rodas é de 45 cavallos, effectivos 22. Emprega 163 operarios entre homens, mulheres e creanças. O salario mais elevado é de 1$200 e o mais baixo de 60 réis.

Produz saragoça, briche, panno surrubeque, panno preto liso e piloto, casimiras e meias casimiras pretas e de côres de differentes padrões, aveludados, barretes, fio para sapatos, chailes pretos e castanhos. Mer-

cados de consumo: Coimbra, Mangualde, Vizeu, Lisboa e Porto.

A fabrica do sr. conde de Caria occupa dous edificios, que foram em tempo duas fabricas distinctas, uma fundada em 1841 e outra em 1857. O capital é computado em 32:000$000 réis, sendo 20:000$000 réis nos edificios e 12:000$000 réis nos machinismos. Além do fabrico por conta propria, tambem carda e fia de conta alheia, recebendo a lã lavada. Os motores são 2 rodas hydraulicas de ferro, com força de 20 cavallos, construidas no Porto. Emprega 61 operarios, cujos salarios são de 70 réis até 1$000 réis. Produz unicamente saragoças.

Contemplemos em seguida alguns lindos e apreciaveis trabalhos das tecedeiras do districto, que tambem têem lugar muito distincto e honroso n'esta sala da Exposição.

Entre as toalhas de mão e de mesa, guardanapos, travesseiras e travesseirinhas, saiotes com ramagens, cobertas de cama, pannos de linho, etc., e outras obras expostas por estas modestas operarias, encontram-se alguns productos tão estimaveis pela segurança, certeza e regularidade da urdidura e tapagem, que são de linho e algodão, como pela sua agradavel e vistosa apparencia. Estas obscuras manufactureiras são quasi todas de Castello Viegas, concelho de Coimbra, e as restantes pertencem aos concelhos de Miranda do Corvo, Penella, Taboa, Goes, Oliveira do Hospital, etc.

As tecedeiras de Castello Viegas são as fornecedoras da maioria das familias de Coimbra. Em troca do linho e do algodão ennovellado, trazem-nos peças de magnifico panno caseiro ou trabalhos dos que acima indicámos. A tecelagem é economica, de modicissimo preço. Os pannos lisos pagam-se a 20 réis a vara; e a 60 e 70 réis os lavrados, com ornatos e franjas.

A par com estes bellos tecidos, tambem figuram alguns trabalhos analogos, procedentes de Penella, Goes e outros concelhos do alto districto, que representam

pequenas industrias domesticas: são estamenhas, pannos azues, tecidos para cobertores, meias de lã lisas e lavradas, cobertas de trapo, riscadinho de lã, sergulha, etc. Estas tecelagens regulam, vendidas nas feiras, a 400 e 480 réis o metro.

O mobiliario tambem está n'esta sala. São expositores d'este artigo alguns marceneiros de Coimbra e da Figueira da Foz. Um guarda-roupa e uma meza de centro, em estylo do antigo mobiliario, de pau preto, varias commodas e armarios, aparadores, contadores, mesinhas de cabeceira, etc., é tudo obra bem acabada, elegante, sólida e de excellentes madeiras. Muitos d'estes moveis já estão vendidos. Os marcineiros de Coimbra que concorreram á Exposição são os srs. Antonio Rodrigues Junior, Augusto dos Sanctos Gonçalves, Augusto de Sousa, Joaquim Carvalho Porto e Manuel Gaspar.

Um genuflexorio e uma dobadoura, objectos que pertencem ao sr. Francisco de Lemos Ramalho, o velho e respeitavel fidalgo legitimista de Condeixa, e que foram manufacturados pelo sr. Francisco Lucas Calleiras, têem um grande valor artistico, pela belleza e minudencia dos ornatos ou talha em madeira que os aformoseiam.

Ha tambem para se analysarem, como trabalhos de merito, um apparelho de fiar linho, manufactura do sr. Manuel Martins Ribeiro, aquelle habil ourives que figura na sala das Bellas-artes com uma formosa faca de abrir livros[1]; dous sarilhos lindamente acabados, um pelo sr. Bento Rocha, outro pelo sr. José Vieira, dos Casaes do Campo, um curioso de muita habilidade e de quem temos ainda a indicar um par de estribos de madeira, á Marialva, que por descuido deixámos de

---

[1] Esta faca foi comprada pelo curso do terceiro anno de Direito, que a offereceu ao sr. dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, por occasião da sua conferencia.

mencionar quando visitámos a segunda sala; dobadouras, cadeiras de bordo, fusos, rocas, bengalas, almofadas de bilros para fabricar rendas de Peniche, medidas metricas, e muitos outros objectos de uso domestico, recommendaveis pela sua barateza ou bom acabamento.

XIII

A chapelaria tem como expositor o sr. Antonio Marques da Silva Eloy, artista muito conhecido em Coimbra, e que produz obra de todos os preços e em todos os generos. Não diremos que possa competir com os principaes estabelecimentos do Porto e Lisboa, porque a isso se oppõe o limitado consumo, mas podemos affirmar que tem no seu trabalho um padrão que o nobilita como artista de provincia.

O vestuario está representado por obras dos principaes alfaiates de Coimbra. Uma beca de juiz e uma farda de par do reino, trabalhos do sr. Francisco Rodrigues de Almeida, evidenceiam o apuro e os progressos da alfaiateria de Coimbra. As outras peças expostas, em que se admira a elegancia do talho e a lisura e cuidadoso assento das costuras, representam os importantes estabelecimentos dos srs. Miguel Dias Barata & Filho, Abreu Pinto, José Correia Lemos, Paixão Junior, José Maria Mendes de Abreu e Adelino Henriques Gomes.

Dous lindos fatos de creança, feitos pela sr.ª Albina da Conceição Netto, são os unicos trabalhos de modista que figuram na Exposição. Estes vestidos têem merecido os maiores elogios a muitas damas, que são os juizes mais competentes em tão delicado assumpto.

Um collete de gandareza, um barrete de lã e uma

capucha de saragoça, representam os costumes populares do districto. N'este artigo havia muito que expôr, attrahente e curioso, e que podia constituir uma secção interessantissima.

Esta falta, devida a esquecimento ou ao pouco tempo que mediou entre os primeiros trabalhos e a inauguração da Exposição, é muito sensivel e tem sido notada por quantos hão visitado o actual certamen manufactureiro do districto de Coimbra. Falta a batina do estudante, o trajo do bedel e do archeiro, o vestuario curto da tricana e da gandareza, o fato simples dos musculosos trabalhadores da Beira, d'aquelles valentes jornaleiros que todos os annos vão pelo estio lavrar as glebas da baixa Extremadura ou arrotear os terrenos incultos do Alemtejo, o vestuario pittoresco dos pescadores da beira-mar ou das pastoras da serra da Estrella. Isto tudo e muito mais, reunido n'um grupo bem organisado, havia de ser devidamente apreciado pelo visitante e dava á Exposição um tom risonho e agradavel.

A obra de retrozeiro está dignamente representada por uma borla de doutor de direito e pelos alamares do capello da mesma faculdade. É expositor o sr. Manuel José Vieira Braga, proprietario do mais antigo estabelecimento de retrozeiro d'esta cidade.

Os trabalhos mais perfeitos de sapateiro e tamanqueiro são apresentados por artistas de Coimbra e Figueira. Notam-se alguns sapatos, botas e botinas admiravelmente acabados, e alguns exemplares de tamancos, do sr. João Antonio Bizarro e do sr. Manuel Augusto da Silva, de Coimbra, bordados a retroz e fio de ouro, tão bellos e formosos que bem mereceram ser collocados dentro de redomas; os artistas de Coimbra que apresentam amostras de calçado são os srs. Accacio Candido, Adriano Ferraz, Antonio Martinho, Joaquim de Moura, José Duarte d'Almeida Leitão, Manuel Gomes Pereira e Manuel José da Costa Condeixa. Contam-se ainda outros expositores n'este artigo, da Figueira da Foz,

Oliveira do Hospital, Penacova, Taboa e Midões. Alguns formeiros e tamanqueiros tambem exhibem bons trabalhos.

É muito importante em Coimbra a industria de sapateiro e de tamanqueiro. De todos os pontos do paiz, do Brazil e ultramar se recebem n'esta cidade importantes encommendas de calçado. Depois que o correio reduziu os portes e permittiu a passagem de grandes volumes, a estação postal de Coimbra expede diariamente avultado numero de pares de sapatos para todas as localidades do paiz. O estudante formado é o principal consumidor; uma vez calçado pelo sapateiro de Coimbra, não quer obra de outra procedencia. Sóbe a 5:000$000 e 6:000$000 réis o movimento annual de alguns sapateiros e tamanqueiros de Coimbra.

N'esta terceira sala, como na das Bellas-artes, que já visitámos, nota-se uma abundante collecção de prendas de senhora, como flores de madeira e cera, sapatinhos bordados em tapete, suspensorios para relogios, carteiras e charuteiras, bordados em cambraia, cambraieta, linho, algodão e bretanha. Entre estes bordados ha formosos lenços, bonitos peitilhos e guarnições de camisas, travesseirinhas, etc. Mencionaremos ainda n'este grupo, como objectos de primorosa execução, uma grande almofada, bordada a lã pela sr.ª D. Maria do Rosario Pereira Neves; um bordado a retroz e vidrilhos sobre casimira preta, pela sr.ª D. Ermelinda da Conceição Pinto, de Penella; um bordado de applicação, similhando os bem conhecidos e apreciados pannos de Arras, pela sr.ª D. Francisca Emilia de Araujo; um delicado e bello vaso de flores de lirio, em que a imitação é admiravel, pela sr.ª D. Margarida de Jesus Cardoso Fino, e uma almofada bordada a lã, bem como um mimoso ramo de filagrana pela sr.ª D. Maria Delacroix, directora do collegio francez do Sagrado Coração de Jesus e Maria, d'esta cidade. De senhoras de Penella, Pereira, Tentugal, Figueira da Foz, Midões, e outras localidades do districto, ha ainda

muitos trabalhos dignos de apreço, e que sobremaneira honram as suas manufactureiras.

A primeira camisaria do districto, pertencente ao sr. Manuel Augusto da Conceição Novaes, da Figueira da Foz, expõe uma variada collecção de roupas brancas. Recommendam-se estes trabalhos pela modicidade de preço e pela execução, que é perfeita.

Em trabalho de cabelleireiro distinguem-se os srs. João Francisco da Assumpção e Fernão Pinto da Conceição. Expõem alguns perfeitos chinós, e varios elementos de caracterisação.

Antes de terminarmos as informações d'esta sala, temos que indicar um objecto, que não devia apparecer n'uma Exposição: é uma grande roleta. Não sabemos, nem nos importa saber se está bem ou mal acabada; mas temos para nós que a presença d'este objecto, prohibido por lei e repellido pela moralidade, prova que o expositor desconhece o fim utilitario, civilisador e educador das exposições, e que a commissão, acceitando-o e dando-lhe logar, foi de uma condescendencia extrema, quasi censuravel.

N'este mesmo sentido ainda havemos de lavrar um outro protesto, quando visitarmos a quarta e ultima sala da Exposição.

XIV

Na galeria do claustro encontra o visitante muito que vêr e estudar. Logo á entrada da porta, por onde passamos para este annexo da Exposição, estão postadas duas grandes mós de moinho guarnecidas com alguns fragmentos de stalactites, stalagmites e pedra de tufo. Estes interessantes productos pertencem á collecção exposta pelo concelho de Condeixa, e representam uma industria importante.

É esta localidade, onde ha magnificas pedreiras, que abastece uma grande parte do paiz dos principaes motores da alimentação popular.

Pelas estações do caminho de ferro de Coimbra e Soure são expedidas annualmente muitas centenas de mós, já promptas do apparelho de canteiro, para funccionarem quer nas azenhas que assentam no fundo dos valleiros, quer nos moinhos de vento que se avistam á beira-mar ou no cume das montanhas.

As curiosas stalactites e stalagmites tambem têem grande extracção. Servem para guarnecer as cascatas e os tanques dos jardins ou para enfeitar grutas artificiaes. A pedra de tufo tem um grande consumo como material de construcção. Em virtude da sua leveza applica-se com excellente resultado nas cimalhas dos edificios e por cima das vergas das portas e janellas.

Duas mós custam 10$000 réis; uma carrada de stalactites e stalagmites 3$000 réis; e igual porção de pedra de tufo, 1$800 réis.

Os terrenos de Condeixa e suas cercanias, além de extremamente agradaveis e pittorescos pelas pompas e variedade da sua vegetação, são ainda notaveis pela sua particular estructura geologica, em que offerecem

apreciaveis curiosidades. Uma das que têem sido mais apreciadas, é a chamada *Lapinha,* espaçosa gruta de tufo calcareo, d'onde em fórma de lençol se despenha uma copiosa torrente. Tem a configuração de um palco scenico, e é aberta n'uma rocha que se eleva a muitos metros, e guarnecida de verdes musgos e outras viçosas plantas, que a tornam muito pittoresca.

Além d'esta ha ainda nas visinhanças de Condeixa mais duas grutas notaveis, onde se encontram em grande abundancia bellas e variadas stalactites e stalagmites: a *Gruta Nova* e de *Eira Pedrinha.*

Todas estas grutas são consideradas phenomenos geologicos de grande interesse scientifico, e diz-se que muito concorreu para a sua formação a abundancia de aguas e a natureza dos terrenos calcareos secundarios d'estes sitios.

Quasi todos os concelhos do districto têem representadas na galeria da exposição amostras de cantaria, marmores, argilla, lousa preta para cobertos de casa, pedra refractaria empregada nos lares das chaminés, pedra para rebolos de barbeiro, etc., etc. Tudo isto se estima como productos naturaes, representativos de grande riqueza publica.

Os concelhos de Soure e Cantanhede enviaram amostras de excellente cal branca para construcção. No segundo d'estes concelhos é extraordinario o fabrico de cal, sendo este producto, depois do vinho, a principal mercadoria que procura as estações do malaventurado ramal do caminho de ferro da Pampilhosa á Figueira.

As minas de Ceiroco, freguezia de Fajão, concelho da Pampilhosa, exploradas por uma sociedade sob a firma de Simões Ferreira & C.ª, expõem alguns fragmentos dos seus minerios, nos quaes se observam veios de zinco, chumbo e prata.

Tambem se acham representadas as minas de Santo Antonio dos Olivaes, concelho de Coimbra, das quaes é proprietario o sr. José Domingos Ferreira Cardoso,

do Porto, por algumas amostras de sulphureto de antimonio e galena de chumbo. Ha ainda mais algumas minas representadas, mas de que ignoramos as materias extractivas, por as amostras não estarem acompanhadas dos respectivos rotulos.

A direcção das obras do Mondego expõe uma bella collecção de marmores do districto, e outra interessantissima de madeiras das suas propriedades.

Cada uma das amostras de marmore consiste em um cubo de $0^m,10$ de lado, e n'elle se observam os indispensaveis apparelhos até ao polido.

Que formosissimos marmores se vêem n'esta collecção! Á belleza e variedade das côres junta-se a finura do grão, o que os torna muito recommendaveis para as mais delicadas obras de canteiro e mesmo de esculptura. É pena que a maior parte d'estes marmores, a não ser os da Figueira, Sazes (Penacova), Penella e Condeixa, não sejam devidamente explorados, sendo que a maior parte d'elles têem os seus bancos proximos de boa estradas municipaes ou de estações de caminho de ferro.

Esta mesma collecção já figurou na ultima exposição de Paris, obtendo alli menção honrosa.

As amostras de madeira foram cortadas nos arvoredos do Choupal e de Val de Cannas, concelho de Coimbra, e apresentam a fórma de cunha, deixando ver a casca da arvore, e uma das faces polida e envernizada. N'esta collecção admiram-se as mais importantes e ricas madeiras, proprias para trabalhos de marcenaria, construcção e utensilios domesticos ou agrarios, entre as quaes citaremos: o carvalho, a nogueira, o castanho, o pinheiro, o freixo, o olmeiro, o sôbro, o sycomoro, a acacia, o pau ferro, o eucalypto, o espinheiro da Virginia, o choupo, o platano, o salgueiro branco, etc.

Ao analysarmos estes magnificos productos agricolas do districto de Coimbra, como que nos apparece de repente a imagem do nosso Portugal, exhausto pelo cancro da emigração, e inculto na sua maior parte,

quando aliás pela arborisação dos seus baldios, areias, serras, etc., podia augmentar grandemente a sua riqueza publica, empregar um grande numero de braços, e combater de frente aquelle immenso mal, que pouco e pouco nos vai definhando.

Os concelhos de Condeixa, Penella e Oliveira do Hospital tambem expõem algumas amostras de madeiras; mas a collecção das obras do Mondego é a mais rica e variada.

XV

A ceramica do districto, e especialmente de Coimbra, está representada por variadas collecções, desde a louça mais perfeita, ou de *Vandelli*, até á mais grosseira.

Os fabricantes de Coimbra, que expozeram amostras dos seus productos, são os srs. José Antonio dos Santos, Leonardo Antonio da Veiga e Adelino Pessoa & Irmãos, em louça branca; e o sr. Pedro da Silva, vulgo o «Morto-Vivo», em louça vermelha.

Na importante collecção do sr. José Antonio dos Santos ha alguns vasos de fórmas elegantes, uns vidrados e pintados pelos processos usados na ollaria, os quaes representam um notavel adeantamento na ceramica conimbricense, e outros, talvez menos apropriadamente, pintados a oleo.

Vêem-se ainda d'este acreditado industrial alguns pratos com pinturas similhando a louça da China, bonitas peças de lavatorio, terrinas, travessas, chavenas, cafeteiras, bules, azulejos, etc., manifestando tudo um grande aperfeiçoamento de fabrico. As amostras d'este industrial dizem-nos com verdade os melhoramentos que poderiam introduzir-se n'este ramo de industria

local, se os mercados admittissem novos padrões e preços mais subidos.

Os outros tres fabricantes tambem expõem boas peças em todas as sortes de faiança, e d'aquellas que são mais procuradas pelo consumidor.

Fallando da louça de Coimbra, não podemos deixar de nos referir a algumas desfavoraveis versões que correm ácerca do seu fabrico. Em regra, quando algum especialista se occupa das ollarias d'esta cidade, costuma notar sempre mil defeitos aos seus productos, já com respeito ás fórmas, já no tocante á qualidade da pasta e á imperfeição quer do desenho quer da pintura. Os que assim apreciam a ceramica de Coimbra, segundo pensamos, dão pouca importancia á questão da industria tradicional, e julgam erradamente o principal consumidor d'este artigo com os meios indispensaveis para corresponder aos sacrificios que o aperfeiçoamento da louça havia de exigir dos fabricantes.

Quem se oppõe aos progressos da ceramica conimbricense, não é o productor, são os mercados. Não nos queixemos, pois, do atraso do officio ou da incuria do industrial; mas sim do consumidor, que geralmente sem illustração e sem abundancia de meios, só quer barato e com typos tradicionaes.

Não obstante, devemos notar que algumas das louças de Coimbra, que figuram na exposição, protestam nobremente contra as falsas apreciações feitas com respeito a esta industria conimbricense, não esquecendo aquella mesquinha referencia que se encontra no «Inquerito Industrial», e que melhor fôra que não se tivesse escripto, por isso que só põe em duvida a competencia e os conhecimentos da commissão do inquerito relativamente á especialidade de que estamos tractando.

A louça de Coimbra, se não póde competir em perfeição com a de muitas fabricas do paiz, excede-a na modicidade de preço, e portanto na utilidade, porque aproveita ás classes menos abastadas, que são as mais numerosas. Ainda assim, a faiança de 1.ª qualidade

póde, sem vergonha para a industria nacional, adornar a mesa do rico e do remediado; e a louça grossa, de uma barateza extrema, aproveita a todos, e é indispensavel mesmo na cosinha do abastado.

Uma canastra de louça, tanta quanta seja necessaria para o serviço de uma familia lavradeira, póde custar entre oito e dez testões! A fabrica do «Morto-Vivo», que já foi premiada na exposição de ceramica promovida pela Sociedade de Instrucção do Porto, apresenta, por exemplo, collecções de seis caçoulas de argilla vermelha, desde a mais pequena, em que se podem frigir dous ovos, até á de dimensões proprias para levar ao forno o arroz de pato ou a perna de capado pelo modico preço de 165 réis! E assim proporcionalmente em toda a mais louça de Coimbra.

Ao contrario do que muitos sustentam, nós pugnaremos sempre pela conservação do typo e do preço d'esta louça, sem comtudo deixarmos de reconhecer que alguns melhoramentos se pódem realisar, mas dentro dos limites das exigencias práticas. Que em cada fabrica se estabeleça um pequeno annexo para trabalhos mais delicados, e assim satisfará a ceramica de Coimbra a todos, até aos mais exigentes. Mas com certeza que não ha de ser d'aqui que os fabricantes tirarão os melhores lucros.

Ha n'esta cidade onze fabricas de louça branca e quatro de louça vermelha, as quaes empregam aproximadamente 140 operarios entre pintores, officiaes de roda, amassadores, coadores, apprendizes e mulheres. Os salarios regulam entre 60 e 900 réis. Póde calcular-se a cada fabrica um movimento annual médio de 4:000$000 réis.

Para completarmos esta informação, diremos duas palavras sobre o fabrico da ceramica conimbricense. A pasta da louça branca é constituida pela mistura, em proporções determinadas, das argillas dos jazigos da Cioga do Monte e Povoa de Bordalo com a excellente *marga verde*, extrahida do extenso jazigo do Loreto.

A grande sonoridade que a caracterisa é devida a este ultimo elemento. O barro da louça vermelha é procedente do antigo e abundante jazigo de Alcarraques, povoação a 7 kilometros ao norte de Coimbra.

A louça branca classifica-se no grupo das *faianças communs,* conhecidas tambem pelo nome de *faianças esmaltadas* ou de *esmalte stannifero.* O seu vidrado é opaco, e principalmente constituido por silicatos de chumbo e estanho, sendo esta ultima substancia que determina a sua maior ou menor opacidade. Subdivide-se depois em faiança de segunda classe, cuja origem é antiquissima, e em faiança de primeira classe, ou de Vandelli, cujo aperfeiçoamento se deve ao illustre professor da Universidade, Domingos Vandelli, e data do ultimo quartel do seculo passado. A esta segunda sorte de faiança tambem se dá o nome de louça da Figueira da Foz, em virtude de ser por este porto maritimo, á falta de outras vias de communicação, que n'outros tempos seguiam as encommendas para os diversos mercados do paiz e mais particularmente para o Algarve.

O vidro da louça de segunda classe é em geral applicado sobre a pasta em crú; e o da faiança fina, quando já está no enchacote (biscuit). O primeiro obtem-se misturando em determinadas proporções arêa do mar, oxidos de estanho e de chumbo, e cholorureto de sodio, que actua como fundente. No vidrado da louça de primeira qualidade a arêa do mar é substituida pelo kaolim impuro dos jazigos de Alencarce, concelho de Condeixa, o qual primitivamente foi adoptado pelo professor Vandelli.

A louça de Coimbra apparece em todos os mercados do paiz; mas onde tem um consumo mais importante é em Elvas, Abrantes, Estremoz, Caldas da Rainha, Thomar, Portalegre, Leiria, Vizeu, Figueira da Foz, Vianna do Castello, Mangualde, Aveiro, Guarda, em todo o districto de Coimbra, na Beira Alta, no Alemtejo e Algarve.

Além das fabricas de louça, a que nos temos referido, estão ainda representadas na exposição muitas outras do districto de Coimbra, tres da Figueira da Foz, a da Companhia Mineira e Industrial do Cabo de Mondego e as dos srs. João Amaro e Saramago Junior, as quaes expõem excellentes amostras de tijolo, balaustres, manilhas, telhões, placas de revestimento, etc.; e ainda outras dos concelhos de Arganil, Cantanhede, Miranda do Corvo, etc., que apresentam alguns exemplares de louça preta e vermelha. Do ultimo dos concelhos designados ha amostras de *talhas, potes* ou *azados,* de formato elegante, que são muito conhecidas em Coimbra, e d'aquellas campainhas e cabacinhas que apparecem á venda nas romarias do districto.

A nova empreza de minas de Alencarce, concelho de Condeixa, ha pouco fundada por iniciativa do seu proprietario, o sr. Francisco Lourenço Ornellas, expõe algumas amostras de tijolo refractario e para construcção, e em pequenos frascos as materias extractivas dos seus vastos jazigos; kaolim, arêa quartzosa e carvão linhite. Tambem expõe um ensaio de faiança fina, pelo sr. Possidonio Brandão, em que se observam bons desenhos e fino vidrado.

Em artigos publicados n'esta folha já o sr. Joaquim de Vasconcellos vaticinou a esta nascente Companhia, e crêmos que com fundamento, um futuro prospero pelas excellentes condições de exploração em que se encontram os seus ricos jazigos.

A Companhia Mineira e Industrial do Cabo do Mondego, á qual já acima nos referimos, expõe mais um grande fragmento de carvão de pedra, guarnecido com todas as ferramentas dos mineiros, incluindo a lanterna que os acompanha ao interior das galerias. Todos estes utensilios são fabricados nas officinas da empreza.[1]

---

[1] A mina do carvão de pedra do Cabo do Mondego é a mais notavel e importante entre as que temos no districto de Coim-

A fabrica de vidros de Buarcos, hoje arrendada áquella companhia por uma sociedade sob a firma de Guimarães & C.ª, está representada por magnificas collecções de garrafas de todos os formatos e qualidades, e de vidraça branca, de côres, fosca, ondeada, etc., productos apuradissimos e que para muitos visitantes são uma verdadeira revelação.

Vejamos agora alguns artigos de funileiro, manufacturados por artistas de Coimbra e da Figueira da Foz. Um cantaro de lata feito sem solda testemunha o merito do seu auctor, o sr. Anselmo Mesquita, mas não tem valor utilitario, porque o seu custo está avaliado em 6$000 réis! Ha ainda alguns outros trabalhos de folha branca, bem executados, como bilheteiras, alambiques, lampadas, gaiolas, rocas, dobadouras, sarilhos, resplendores, banheiras, salvas, etc., sendo para notar que em alguns d'estes objectos a folha de Flandres tem quasi o brilho da casquinha ou da prata.

Em obra de metal amarello ha um candieiro do sr. Joaquim Adelino de Figueiredo, bonito no todo, e com algumas peças de ornamentação em relêvo; é pena, porém, que a bandeira, representando uma folha de parra, destôe do merito da obra pela imperfeição e pouca verdade das nervuras. N'este grupo notam-se ainda alguns outros estimaveis trabalhos, devendo especialisar-se uma *lampada maçarico* para soldar, obra correctamente acabada, e de que é auctor o sr. Leopoldino dos Santos, empregado da Companhia de Gaz de Coimbra.

Para terminarmos a visita á galeria falta-nos apenas lançar uma vista de olhos a uma variada collecção de

---

bra. A sua exploração principiou por conta do estado em 1783, sendo durante muitos annos administrada pelo intendente geral das minas e metaes do reino. Em 1838 foi comprada por uma companhia, a que presidiu o fallecido conde de Farrobo. Esta mina tem passado por diversas phases, pertencendo actualmente á empreza a que acima nos referimos.

obras de canastreiro, desde o poceiro de verga, tão util nos serviços agricolas, até ao cabaz e cestinho delicado, apropriados ás compras ou aos utensilios da costura. Esta industria encontra-se em todos os concelhos do districto, e d'ella provém o grande valor que aqui têem os soutos de castanheiros e as plantações de salgueiros brancos, que são as madeiras proprias para aquellas obras.

XVI

A porta que communica a galeria do claustro com a quarta e ultima sala da exposição está superiormente guarnecida com algumas amostras de peixe salgado, a importante industria do concelho da Figueira da Foz, que emprega, termo médio, 1:500 homens, 740 grandes artes e rêdes diversas, e 120 barcos de variados tamanhos e formatos.

O peixe salgado d'aquella localidade é exportado para a Extremadura, Beira, Alemtejo e Hespanha, sendo para notar que a área do seu consumo se tem alargado extraordinariamente desde que foi aberta á circulação a linha ferrea da Beira Alta. Com esta industria andam ligadas mais duas de grandissima importancia, a preparação de conservas de diversos peixes, tambem expostas n'esta sala pelo sr. M. Gaspar de Carvalho, e o fabrico de oleo extrahido do peixe deteriorado, e tão vantajosamente empregado nas madeiras como meio efficaz de conservação.

Logo que entrámos na quarta sala da exposição, foram-se-nos os olhos em uma elegante *vitrine* circular, magnifico trabalho de marcenaria, em que estão expostas as massas e farinhas da acreditada fabrica do

sr. José Clemente Pinto, d'esta cidade. Este industrial esmerou-se em apresentar os seus productos d'uma maneira distincta e até mesmo luxuosa. Vêem-se em custosos vasos de crystal todas as finas massas, alvas como a neve, fabricadas no seu estabelecimento, e que se apresentam sob variados formatos, como peixes, algarismos, canudinhos, corações, estrellas, pevides, lettras, etc. São as modificações aperfeiçoadas do antigo macarronete e talharim, a sopa substancial e indispensavel ao jantar á portugueza.

A fabrica de moagens e de massas do sr. José Clemente Pinto foi fundada em 1868. Primitivamente esteve installada n'uma parte do antigo convento de S. Thomaz, no extremo norte da rua da Sophia; e ha annos que funcciona em um edificio proprio, junto da Ponte de Agua de Maias. Emprega 50 operarios, entre homens, mulheres e creanças. Os salarios regulam entre 2$250 e 120 réis. Tem como motor uma machina a vapor da força de 45 cavallos, do systema Nolet, fabricada em Gand, Belgica. As farinhas são preparadas em peneiros de systema centrifugo. Exporta para todas as cidades do paiz, e principalmente para as provincias do norte.

O estabelecimento do sr. Clemente Pinto, hoje digna e competentemente dirigido por seu filho, o sr. José Clemente Pinto Junior, merece ser visitado por todos os que prezam o bom nome e progressos das industrias nacionaes.

N'este artigo ha ainda um outro expositor, os srs. Marques Manso & C.ª Os seus productos tambem se recommendam pela excellente qualidade das massas e bom fabrico. Têem já um consumo muito importante.

Depois das massas segue-se a exposição do biscouto, da bolacha, e dos afamados doces de Coimbra e suas proximidades.

O biscouto e a bolacha estão suberbamente representados pela bem conhecida fabrica do sr. José Francisco da Cruz e ainda por mais dous estabelecimentos

importantes, de que são proprietarios os srs. Joaquim Miranda e Augusto da Silva Teixeira. Crêmos que em nenhuma outra parte haverá maior perfeição no fabrico d'este artigo, e comnosco poderão certificar n'este sentido todos os que visitaram a exposição e melhor ainda aquelles que costumam acompanhar o seu chá com os saborosos biscoutos e bolachas d'estes industriaes.

Temos depois os doces delicados e finissimos em que figuram os saborosos *pasteis* de Tentugal, as *queijadas* e o *pão de ló* de Pereira, o *manjar branco* de Cellas, as *arrufadas* de Sanct'Anna, e outros variados productos d'este genero, feitos pelas conserveiras de Coimbra. Console-se a vista, já que não nos é dado abrir as *vitrines* em que figuram estes mimosos doces, os quaes certamente, attenta a sua frescura, devem ter sido renovados frequentes vezes. N'esta collecção faltam as *argolas* da Figueira e a *nabada* de Semide, dignas de logar distincto e menção especial.

Examinados os doces, naturalmente nos aproximamos dos vinhos, que nos ficam perto, para nos regalarmos, ao menos, com a sua transparencia licorosa.

Temos deante de nós uma numerosa collecção de amostras de vinhos, procedentes de quasi todos os concelhos do districto. O vinho de pasto, simples e palhete, é aquelle que está mais abundantemente representado, mas talvez seja o menos recommendavel pela imperfeição dos processos de fabrico. O de embarque, ou aguardentado, exposto por alguns negociantes de Coimbra e da Figueira, é de superior qualidade, e tem nos mercados extrangeiros, especialmente no Brazil, excellente venda.

É de saber que aqui, como em quasi todo o paiz, o principal elemento de riqueza agricola é a viticultura.

«Possuindo este districto uma grandissima variedade de terrenos fornece tambem uma não menor variedade de typos caracteristicos de vinhos, cujas qualidades são já muito apreciaveis, mas que só poderão ser devidamente avaliadas, quando no seu fabrico tenham

sido seguidos todos os preceitos aconselhados pela theoria e pela experiencia.»

«De concelho para concelho, e no mesmo concelho, de logar para logar, encontram-se vinhos com propriedade, sabor, colorido e grau alcoolico differente. De vinhos de pasto, fracos e delgados, offerece este districto uma variedade riquissima de typos genuinos, desde os produzidos no baixo districto, nos terrenos outr'ora salgados dos campos de Lavos e de Lares, até aos creados nos terrenos schistosos e graniticos de Oliveira do Hospital e de Taboa. Os vinhos finos e generosos, tanto da Beira como da Bairrada, onde se acha situada uma grande parte do concelho de Cantanhede, podem sustentar o parallelo com os denominados do Porto.» [1]

Ha tambem muitas provas de bebidas alcoolicas, aguas-ardentes, genebra, licôres, etc., umas expostas por industriaes e outras por alguns lavradores. Entre os primeiros não devemos deixar de indicar o sr. Antonio Dias Themido, que já obteve os primeiros premios em exposições extrangeiras.

O azeite acha-se excellentemente representado, e devemos dizer que este producto agricola é talvez o mais cuidadosamente preparado em todo o districto. Muitos proprietarios têem feito grandes plantações de oliveiras, tratando-as como preceituam os livros e guias sobre a especialidade, e introduzindo nos lagares todos os melhoramentos indispensaveis a um fabrico perfeito. Entre os expositores que se distinguem n'este artigo está em primeiro lugar o sr. Luiz de Souza Napoles, de Soure.

Em cortumes, da Pocariça; palitos, de Lorvão e Coimbra; manteiga e queijo, dos concelhos do alto districto; sabão, assucares refinados, feltro para cha-

---

[1] «Estudos sobre o districto de Coimbra», pelo sr. Adolpho Loureiro.

peus, etc.; ha amostras muito valiosas, e que denunciam pequenas industrias, insignificantes se as considerarmos isoladamente, mas que, tomadas em conjuncto, representam muita riqueza e muita actividade industrial.

As amostras de papel que figuram na exposição pertencem ás fabricas da sr.ª Viuva Lemos & Filhos, da Louzã; do sr. Manuel Ignacio Dias, da Ponte do Sotão; do sr. Ayres Augusto Quaresma de Almeida, da Ponte do Espinhal; e do sr. Luciano Fernandes Falcão, de Penella.

A fabrica da Louzã, fundada em 1700, produz papeis almassos e papeis de embrulho, os quaes se recommendam principalmente pelo seu baixo preço. Devido a esta circumstancia é que o papel da Louzã foi premiado na exposição de Vienna de Austria. Emprega 200 operarios, entre homens, mulheres e creanças de ambos os sexos. A sua producção annual é de 40:000 resmas, sendo o principal consumidor o Estado, que compra annualmente alguns milhares de resmas de papel para sellar.

Fundada em 1821 e notavelmente melhorada e reformada em 1877, a fabrica da Ponte do Sotão, concelho de Goes, produz bom papel almasso de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe; fino, pautado, de peso, de embrulho, de impressão, manteigueiro e de côres. A sua producção annual orça por 35:000 resmas, e emprega 45 homens, 30 mulheres e 10 creanças.

A fabrica da Ponte do Espinhal foi fundada em 1874, e produz papel almasso, branco e azul, florete, pautado a agua e de embrulho. Emprega 50 operarios de ambos os sexos.

As amostras expostas pelo sr. Luciano Fernandes Falcão são de papeis almassos, meio cartucho, e pardo para embrulho. Em virtude da sua modicidade de preço tem o papel d'este industrial um grande consumo para as lojas de pezo.

Calculamos em 400:000$000 réis o producto bruto

de todas as fabricas de papel do districto, algumas das quaes se não fizeram representar na exposição.

Algumas amostras de sal, contidas em frascos de vidro, representam a importante industria manufactureira e extractiva da Figueira da Foz, em cujo custeio e exploração se empregam 2:500 pessoas de ambos os sexos. As salinas figueirenses compõem-se de 12:000 talhos e produzem 600 milhões de kilogrammas de sal, que é exportado para a Beira, Hespanha, Terra Nova, Escossia e ilhas adjacentes. São expositores n'este artigo a sr.ª D. Maria José Lopes Pedrosa, de Lavos, e o sr. A. Alves Ribeiro, de Villa Verde.

O sr. bacharel Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, de Oliveira do Hospital, expoz alguns exemplares de ortiga branca com as massarocas do fio que dá esta planta. Figura na exposição este producto como um ensaio muito louvavel, digno de ser imitado pelos lavradores e proprietarios do districto.

Um pequeno numero de boticarios de Coimbra, Figueira da Foz e Condeixa, concorreram com varios preparados pharmaceuticos, o que sobre modo é honroso para elles e para a sua classe. Na exposição de 1869, se não nos falha a memoria, tambem appareceram d'estes productos, alcançando os seus expositores, pharmaceuticos de Coimbra, premios correspondentes a medalha de prata e ouro.

O arroz, essa planta tão prejudicial á saude publica e á felicidade dos povos, tambem está representada por amostras da quinta de Foja. Recordando-nos da grande lucta, ainda ha pouco travada entre os arrozeiros e os respeitadores da lei e da moralidade, lucta em que estes ficaram vencidos, não podemos approvar o procedimento da commissão executiva, dando logar na exposição a uma producção agricola, que é e será sempre a origem de perniciosos effeitos, prejudicialissimos para o bem estar dos povos e contrarios ao desenvolvimento dos principaes elementos da nossa economia rural. A amostra de arroz, que figura na expo-

sição de Coimbra, tem para nós a significação de uma gargalhada escarnicadora, com que os arrozeiros poderosos respondem a todos os benemeritos mas infructiferos esforços no sentido da sua extincção, esforços redobrados ainda ha dous annos pelo muito esclarecido e virtuoso bispo conde, e auxiliados por algumas auctoridades administrativas e pela illustrada imprensa periodica da localidade.

XVII

A segunda Exposição de Coimbra, tão auspiciosamente inaugurada a 1 de janeiro, encerrou-se a 2 de março com uma festa brilhante, que ha de ficar memoravel nos fastos civicos d'esta terra.

Á solemnidade official, que foi muito concorrida, seguiram-se calorosas manifestações da classe operaria, que por varios modos dirigiu enthusiasticas e festivas saudações á *Eschola Livre* e a todos os membros da commissão executiva.

Na ceremonia do encerramento, que se realisou na sala das Bellas-artes, pronunciaram-se tres discursos merecidamente applaudidos, que passamos a archivar nas paginas d'esta revista.

Fallou em primeiro logar o sr. Joaquim Martins de Carvalho, incansavel presidente da commissão executiva, que fez a historia concisa da Exposição por esta fórma:

Meus senhores — Estamos chegados ao termo da nossa empresa. Vai hoje encerrar-se a Exposição de manufacturas do districto de Coimbra, promovida pela *Eschola Livre das Artes do Desenho.*

Aquelles que duvidavam de que este certamen indus-

trial se chegasse a realisar tiveram felizmente de reconhecer que se haviam illudido. E egualmente os que receavam que depois de aberto seria desamparado pelo publico, tambem viram practicamente que, apezar das contrariedades da estação, não eram bem fundados os seus receios.

A cidade e districto de Coimbra não foram ingratos para com os iniciadores d'esta Exposição de manufacturas.

Os numerosos visitantes mostravam-se surprehendidos pelo aperfeiçoamento em que achavam os productos das differentes artes e industrias. Todos se felicitavam por verem que os nossos industriaes davam um claro documento de ter havido notavel progresso no trabalho, durante o intervallo decorrido desde a primeira Exposição districtal em 1869.

Pela sua parte aquelles industriaes, que pouco resultado esperavam dos seus esforços, já vão conhecendo a utilidade da Exposição.

Foram numerosos os artefactos aqui vendidos; fizeram-se avultadas encommendas de outros; e o que é mais, tornou-se conhecido o desenvolvimento de certas industrias, dando isso logar a que se prescinda de mandar vir de longe o que aqui bem perto se póde obter, nas mesmas ou ainda melhores condições de segurança, perfeição e barateza.

As Exposições valem mais do que os pomposos annuncios. Apreciam-se n'ellas de um modo pratico os artefactos, sem receio das hyperboles a que estão sujeitos os que só têem de regular-se pelas exaggerações dos interessados.

Ao mesmo tempo os premios conferidos aos expositores, além de serem uma justa e devida recompensa, são tambem titulos de recommendação para as suas industrias, o que tem um grande alcance e valor.

E se alguns expositores não tiveram a fortuna de ver os seus productos premiados n'esta Exposição, não devem com isso desanimar, porque tempo virá em que possam conseguir o que agora não obtiveram.

As cidades de Coimbra e da Figueira da Foz, assim como numerosas outras terras d'este districto, acabam de dar uma prova evidente do que póde e vale a força de vontade.

Era muito para sentir que em quanto n'outros pontos do paiz se fazem frequentes exposições e se procura engrandecer as respectivas localidades, só o districto de Coimbra ficasse indifferente e estacionario perante o geral progresso e movimento civilisador.

Os pergaminhos aristocraticos de pouco ou nada valem, só por si, em presença da illustração do seculo actual. O trabalho intelligente e honesto é que hoje dá a verdadeira nobreza.

E quando está franca a arena para as lutas da intelligencia e da actividade; quando todos pódem gozar da liberdade mais legitima, em vez de estarem coagidos, como outr'ora, pelos odiosos privilegios industriaes, ninguem, sem grande responsabilidade, deixará de aperfeiçoar e desenvolver as suas manufacturas.

Tivemos a satisfação de ver que foi muito bem recebida pelo publico a resolução tomada pela commissão executiva de abrir francamente a porta da Exposição, não só aos alumnos da *Eschola Livre das Artes do Desenho,* mas egualmente aos alumnos dos collegios da Santa Casa da Misericordia, do Asylo da infancia desvalida, e das escholas de instrucção primaria de ambos os sexos, tanto publicas, como particulares, da cidade e todo o concelho.

Assim facilitámos á infancia a vista dos fructos do trabalho, e ao mesmo tempo lhe promovemos as recordações, que a hão de incitar á pratica do bem.

A par com a Exposição dos productos das artes e das industrias tivemos as brilhantes e instructivas conferencias, feitas pelos srs. dr. Augusto Filippe Simões, Joaquim de Vasconcellos, Alexandre da Conceição, dr. Augusto Antonio da Rocha e dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, que mereceram o geral applauso e exaltaram esta festa do trabalho.

Ao mesmo tempo que manifestamos aqui o nosso profundo pezar pelo prematuro fallecimento do primeiro dos conferentes, illustre filho de Coimbra, o sr. dr. Augusto Filippe Simões, agradecemos, summamente penhorados, aos outros illustrados cavalheiros, que se lhe seguiram na serie das conferencias.

Seriamos ingratos, se deixassemos de especialisar em os nossos agradecimentos os dignos membros do jury classificador, que com uma inexcedivel dedicação têm empregado todas as diligencias para fazer com a devida justiça e imparcialidade a apreciação dos productos expostos.

E esses cidadãos, briosos e esclarecidos, são os srs. dr. João José d'Antas Souto Rodrigues, *presidente* — bacharel José Antonio de Sousa Nazareth, *secretario* — Abilio Roque de Sá Barreto—bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello — commendador Affonso Ernesto de Barros—licenciado Alberto Pessoa—dr. Albino Augusto Giraldes—Alexandre da Conceição—Antonio Corrêa Lemos—dr. Antonio José Gonçalves Guimarães—Antonio Maria Seabra de Albuquerque—Augusto Pinto Tavares — Domingos Simões da Silva — Fortunato Freire Themudo — bacharel Francisco José Brandão — Guilherme Hibbard — Ignacio Simões — Joaquim Pereira Machado — Joaquim dos Santos e Silva — José Cecilio da Costa — José Libertador de Magalhães Ferraz — commendador José Miguel d'Abreu — dr. Julio Augusto Henriques — Manuel José Esteves — Paulo José da Silva Neves — e Wenceslau Martins de Carvalho.

Os serviços de todos os membros do jury são tão relevantes, que não achamos palavras para condignamente lh'os agradecer. A satisfação da sua consciencia será a melhor recompensa que possam receber pelo seu mui louvavel zelo e patriotismo.

Nãs se limitaram os illustrados membros do jury a encarregar-se do arduo trabalho de apreciar, comparar e classificar os numerosissimos artefactos e productos expostos; mas fizeram mais, deliberaram abrir

entre si uma cotisação voluntaria, para crear um premio, que fosse conferido ao socio da *Eschola Livre das Artes do Desenho* que d'elle se tornasse mais digno pela perfeição dos seus trabalhos.

Depois do exame e exactas informações a que procedeu, conferiu o jury esse premio ao distinctissimo socio da *Eschola Livre,* o sr. Julio Augusto da Costa Motta, a esse operario intelligente, activo e modesto, que honra não só a classe artistica a que pertence, mas a benemerita *Eschola,* de que é um dos socios mais prestantes.

Semelhante premio não galardoou só este habilissimo operario; honrou collectivamente a *Eschola Livre das Artes do Desenho* — essa utilissima aggremiação, filha da dedicação e esforços perseverantes de alguns cidadãos patriotas, que desde 1878 têm, á custa dos seus proprios recursos, promovido a educação artistica de muitos operarios, que nas aulas nocturnas da associação têm aprendido o muito que hoje valem e de que se vêem numerosos e brilhantes documentos n'esta exposição de artes e manufacturas.

Cumpre-nos egualmente agradecer á esclarecida imprensa periodica d'esta cidade, e a outros muitos periodicos do paiz, o valioso auxilio que prestaram com as suas palavras auctorisadas á Exposição que hoje termina.

Não devemos tambem deixar de agradecer ás benemeritas philarmonicas *Conimbricence* e *Boa-União* o prestarem-se a tornar mais festiva e attrahente a Exposição de manufacturas.

Em quanto ao Definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que da melhor vontade annuiu ás nossas repetidas pretensões, com respeito ao emprestimo d'esta importante casa, que o mesmo Definitorio louvavelmente destina para os seus hospital e asylo, devemos renovar de um modo bem publico e solemne o testemunho do nosso mais vivo reconhecimento.

Finalmente, repetimos os nossos agradecimentos ás

differentes corporações, auctoridades, delegados da commissão executiva nos diversos concelhos do districto, e cidadãos de todas as classes que se dignaram de coadjuvar os nossos esforços.

Oxalá que esta Exposição produza todos os resultados, que são de esperar e muito desejamos, e que decorrido algum tempo venham outros cidadãos promover um novo certamen industrial e civilisador, ainda mais amplo e progressivo do que este.

Com isso nos daremos por bem pagos das nossas fadigas.

Resta-nos, em vista da ausencia do sr. governador civil d'este districto, pedir ao sr. presidente da commissão executiva da junta geral, se digne dar por terminada hoje a Exposição de manufacturas do districto de Coimbra, promovida pela *Eschola Livre das Artes do Desenho* n'este anno de 1884.

O sr. dr. João José d'Antas Souto Rodrigues, tomando a palavra, disse que fôra surprehendido com o convite que alli mesmo acabava de lhe ser feito, na sua qualidade de presidente da commissão executiva da junta geral do districto, para, na ausencia do sr. governador civil, encerrar a Exposição districtal de manufacturas.

Que da melhor vontade se prestava a essa honrosa missão; mas que, antes de desempenhal-a, sentia ser do seu rigoroso dever dar os merecidos louvores aos membros da *Eschola Livre das Artes do Desenho,* que haviam concebido o grandioso plano d'aquelle brilhante certamen industrial, e aos vogaes da commissão executiva, que, atravez de difficuldades que se afiguravam insuperaveis, tão fielmente o haviam realisado.

Que lhe cumpria egualmente agradecer aos distinctos artistas, que da melhor vontade tinham acudido ao

convite da commissão para prepararem e levarem á Exposição os variados e mais perfeitos productos das suas industrias.

Que eram de reconhecida utilidade estes certamens do trabalho para tornarem conhecido o progresso das artes nas suas multiplices manifestações, e para servirem de incitamento a sempre maiores e cada vez mais uteis aperfeiçoamentos.

Que todos quantos haviam visitado a Exposição ficaram admirados do estado prospero a que tinham attingido as differentes industrias do districto em geral e das duas cidades de Coimbra e Figueira em especial; e que lhe parecia superfluo demonstrar a grande utilidade que d'isso resultava aos expositores.

Que os aconselhava a que cada um, na sua esphera e na proporção dos seus meios, continuassem a trabalhar por aperfeiçoar os seus productos, servindo-lhes de incentivo a judiciosa phrase do eloquentissimo orador que na noite antecedente a todos assombrara com a potencia do seu verbo inspirado: — que não ha força, por pequena que seja, que se não aproveite.

Terminou o seu breve, mas conceituoso improviso, declarando n'aquelle dia encerrada a Exposição.

Em seguida o sr. Bispo Conde pronunciou um discurso, cujos principaes topicos foram os seguintes:

Que tendo chegado n'aquella manhã a esta cidade, d'onde estivera ausente alguns dias, para assistir á festividade religiosa na sua sé cathedral, sómente á hora tivera conhecimento do convite que lhe fôra dirigido pela commissão da Exposição districtal para assistir ao seu encerramento.

Que, apezar d'isso, não quizera deixar de vir com a sua presença dar um testemunho publico da consideração que tinha por aquelles que emprehenderam uma

obra tão civilisadora, e congratular-se com elles por verem felizmente coroados os seus trabalhos.

Que sendo o primeiro ministro de Christo na sancta egreja conimbricense, não podia tambem, n'essa qualidade, deixar de acceitar o convite que lhe fôra feito; porque, se Jesus Christo honrou, abençoou e sanctificou o trabalho; — se sobre a civilisação antiga, na qual eram desprezados os pobres, abandonados os velhos e aleijados, e tidos como vis os que exerciam artes e officios mechanicos, elle levantou a civilisação moderna, que deu a todos os homens a mesma consideração e os mesmos direitos por effeito das doutrinas de amor e caridade que praticou e ensinou; — se Jesus Christo teve sempre bençãos e carinhos especiaes para os que soffrem e trabalham, não podia elle, como seu ministro, deixar de vir abençoar os fructos do trabalho intelligente e perseverante, que esta brilhante Esposição representava; e de certificar a todos os artistas que a ella concorreram do alto apreço e sincera estima em que os tinha.

Que n'isto não obedecia sómente aos deveres do seu ministerio, mas tambem aos impulsos do seu coração.

Que vivia ha muitos annos n'esta cidade; e que era de todos sabido quanto gostava de emprehender obras que déssem trabalho aos artistas; que experimentava por isso grande contentamento em se ver alli no meio d'elles n'aquelle honroso certamen do trabalho, como já o experimentara na visita que havia feito á Exposição, em que vira attestados nas obras expostas a intelligencia, actividade e amor do trabalho de muitos d'elles, tanto d'esta cidade como da Figueira da Foz e de muitos outros pontos do districto.

Que no esforço immenso e mui louvavel dos iniciadores d'aquelle certamen industrial, tão briosamente correspondido pelos expositores, via um elemento de progresso e prosperidade para esta cidade e para todo o districto, com que muito exultava: — que a todos pedia e muito recommendava que continuassem a aper-

feiçoar as suas artes e industrias, para que noutra Exposição podessem apresentar ainda com maior vantagem os seus productos.

Mas que se lembrassem de que o trabalho, por si só, não basta para o bem e perfeição do individuo, da familia e da sociedade; — que era preciso que o amor do trabalhó fosse acompanhado dos sentimentos de honra e probidade e do cumprimento de todos os deveres religiosos e civis.

Que por isso lhes pedia que em tudo dessem testemunho das suas virtudes civicas, e principalmente das christãs; tendo bem presente ao seu espirito que a fiel observancia dos preceitos da sancta religião que professamos era, e seria sempre, o mais seguro penhor, a mais solida garantia da sua felicidade.

Que concluia, protestando-lhes novamente o seu affecto, e asseverando-lhes que o teriam sempre a seu lado como seu pastor e como seu amigo.

E assim terminou esta brilhante festa do trabalho, em que o districto de Coimbra ostentou os seus grandes recursos, e mostrou que, contando só com as suas forças productivas, está nas circumstancias de progredir notavelmente, e até de dar exemplos d'uma vitalidade e engrandecimento esplendorosos.

Eduardo Mendes Simões de Castro.

A FIGUEIRA E A EXPOSIÇÃO

Á BENEMERITA

ESCHOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO

Offerece

O seu admirador

Francisco Maria de Lima e Nunes

A FIGUEIRA E A EXPOSIÇÃO

Se alguem houver de tomar-se de espanto, porque entrasse na mente de meia duzia de moços, avidos de instrucção e de a propagarem, uma tentativa analoga ao milagre do heroico Moysés, fazendo brotar da rocha caudaes abundantissimos, não será por certo o individuo não lettrado, e para o qual sejam fructos defesos as publicações officiaes do nosso abençoado paiz.

Folheie qualquer os differentes volumes do *Inquerito Industrial,* ordenado pelo governo em 1881; procure n'elles a parte que se refere ao districto de Coimbra, e venha depois declarar em san consciencia, qual mais digno da geral admiração: — se o facto attribuido ao biblico personagem, ou a empreza a que metteu hombros a *Eschola Livre das Artes do Desenho,* levando á practica uma Exposição de industrias onde *officialmente* não existiam!

E em verdade consta do Relatorio dos Delegados da Commissão Central Directora do Inquerito Industrial no districto de Coimbra[1], que n'esta formosa parte da monarchia portugueza (388:300 hectares de superficie com 280:593 habitantes) apenas mereceram visita ou simples menção: tres fabricas de papel, que tomam

---

[1] *Inquerito Industrial,* Visita ás fabricas, — Liv. 3.º, pag. 220 e seguintes.

duas paginas e meia do substancioso relatorio; duas fabricas de massas — uma pagina; uma fabrica de vidros — duas paginas; *umas quinze pequenas fabricas de louça* — nove linhas; mais uma fabrica de massas — tres linhas; uma de serração de madeira — quatro linhas; uma de moagem — nove linhas; e *algumas de cortumes* — cinco linhas incompletas, quasi metade das quaes para dizer, por outiva, que esta industria tem certa importancia local (na Pocariça), mas que é de pouca monta em relação ás necessidades geraes do consumo.

N'estas condições, o simples annuncio d'uma Exposição de industrias do districto devia antolhar-se a muitos — aos que não vêem senão pelos relatorios e documentos de secretaria — como tentativa que havia de mallograr-se, em face das declarações feitas pelos delegados officiaes do inquerito. Onde o governo... onde a auctoridade nada, ou pouco mais encontrara, não acharia campo para grandes descobrimentos, a Eschola Livre, composta de espiritos juvenis e pouco experientes, que se atrevera a abrir aulas, a derramar pelos seus concidadãos conhecimentos especiaes, sem auxilio dos poderes constituidos—o que para muita gente se torna quasi crime nefando, habituados, como estamos, a ouvir pedir tudo aos governantes.

O caso é que, d'aquellas cinco paginas e meia e dezeseis linhas officiaes partilha a Figueira duas paginas, empregadas—uma e meia na parte concernente á fabrica de vidros do Cabo Mondego, e meia pagina nas relações entre esta e a da Marinha Grande. Foi esta a singular industria que logrou figurar no Inquerito, não devendo espantar que outras não tivessem n'elle cabimento, quando foram lançadas ao olvido as que se alimentam da mesma fonte — a Companhia Mineira do Cabo Mondego — que se chama tambem *Industrial*, e que fabrica tijolo, telha, cal simples e hydraulica, cimento—industrias que justificam aquelle titulo, e a que ella presta o primeiro elemento de existencia — o combustivel.

E não deixa de ser notavel ainda que, tractando-se do districto de Leiria e das pescarias de Peniche, em cuja salga, diz o relatorio, se emprega o sal da Figueira, não lembrasse que, tendo o districto uma extensa costa maritima, indubitavelmente e por egual se exerceria n'elle a industria da pesca, de que teremos adeante de fallar, e cuja importancia vai muito além dos 40 a 50 contos que vale em Peniche; e que, visto usar-se do sal da Figueira em districtos differentes, talvez merecesse a pena inquirir aqui da sua laboração ou fabrico, quando mais não fosse para se consignar o seu valor no trabalho estatistico, que deveria fundar-se no inquerito mandado effectuar pelo governo.

Seja, porém, como fôr, que a Figueira haja sido estudada, tractada ou martyrisada *in absentia* nos documentos officiaes, ella foi convidada para mostrar o estado actual das suas industrias n'aquelle certamen pacifico, iniciativa feliz da Eschola Livre, que sem duvida se inspirou na memoria da brilhante Exposição districtal de 1869, e por certo recebeu alento e animação dos esplendidos resultados das Exposições que a cidade do Porto successiva e ininterrompidamente está realisando, merecendo assim por mais gloriosos titulos a denominação de *invicta* — a primeira nas luctas pacificas e incruentas dos melhoramentos de toda a especie, de que os seus filhos, sem discrepancia, querem ser os mais denodados propugnadores.

E a Figueira respondeu ao attrahente convite, não como podia e devera ser, é verdade, mas pelo menos de fórma a não deixar vogar e crescer, como nodoa gordurosa que se alastrasse pelos seus pergaminhos de novel cidade trabalhadora, a falsa ideia de que não havia aqui industrias capazes de representação num inquerito official, ou num certamen como aquelle para que ella era reptada, em pugna leal, no campo sympathico do trabalho.

Grandes industrias, propriamente dictas, não as possue a Figueira. Segregada até ha pouco do convivio

intimo com o resto do paiz, ao qual durante longo tempo apenas a ligavam as vias fluvial e maritima, nem sempre isentas de perigo e por isso temerosas, a Figueira deve sem duvida a este isolamento o atrazo industrial em que se encontrou, quando pôde conhecer o adeantamento das artes, officios e industrias do resto do paiz. Nem outra explicação mais plausivel póde ter tambem o retrahimento e falta de iniciativa dos capitaes para applicações de qualquer especie, deixando sem emprego a aptidão natural dos habitantes do concelho, e em especial das suas principaes povoações.

Como actualmente ainda (e aqui lembram as construcções navaes, que de todo desappareceram do nosso estaleiro!) a exportação de vinhos para o Brazil e a industria da pesca eram os dois principaes factores do bem estar e abundancia de grande numero de individuos da Figueira e de Buarcos—seu principal suburbio —occupando-se a população das restantes freguezias especialmente nos trabalhos agricolas, em que sobresahiu sempre a viticultura e creação de gados (Lavos, Paião, Maiorca); no fabrico de sal — genero que teve, e terá sempre, facil e remuneradora extracção (Lavos e Villa Verde); na moagem de cereaes, um pouco afrouxada actualmente pela applicação do vapor a tal mister (Alhadas, Maiorca, Brenha e Ferreira); na silvicultura e exploração florestal (Maiorca, Ferreira, Brenha, Quiaios) etc.

A falta de communicação das differentes freguezias e seus povoados entre si, com a séde do concelho e com os concelhos visinhos e resto do paiz, necessariamente deixou estagnar as riquezas com que o solo e as industrias costumam remunerar os que sabem explor-al-os convenientemente. Hoje começa a desapparecer essa barreira, ante a qual não ha desenvolvimento industrial que seja possivel, e começam a experimentar-se os beneficos effeitos da mais facil permutação dos productos naturaes e da actividade humana, ao presente fortemente excitada ainda pelo mais cabal conhecimento dos productos e industrias de paizes mais adeantados.

Ha tambem o obstaculo passivo, offerecido pelo retrahimento dos capitaes que desertam das industrias que offerecem lucros morosos e contingentes, para se empregarem na menos arriscada collocação em titulos da divida publica e papeis de credito e mutuo, cuja administração é isenta de embaraços e trabalhos. Á excepção da Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego e da sociedade Guimarães & C.ª (fabrica de vidros alli estabelecida), não existe n'este concelho sociedade alguma de vulto, cujos capitaes procurem crear, desenvolver ou animar qualquer industria local, que encontraria elementos de prosperidade no modico salario dos trabalhadores, na aptidão natural dos artistas da Figueira, e na multiplicidade de vias de communicação existentes e projectadas (especialmente a ferro-via de Torres.) A sobriedade da gente d'estes contornos é conhecida, e d'ahi o menor numero de necessidades a satisfazer, e por tanto a modesta remuneração dos serviços prestados; e em quanto aos artistas da Figueira, não se limita já a esta cidade o seu bom nome, porque em quasi todo o paiz elle é notorio — ou porque lh'o hajam alcançado os trabalhos executados fóra — que vão d'aqui muitos artistas procurar fortuna pelas provincias — ou porque os frequentadores da nossa bellissima praia hajam tido ensejo de verificar como as construcções urbanas se destacam do geral pelo seu aspecto airoso e pelo bom acabamento das suas differentes partes, e como são perfeitos e de preço convidativo os artefactos da industria local — vasilhame, calçado (incluindo a tamancaria), poleame, chapelaria etc.

Pouco inventivo, como em geral acontece a quem não tem elementos de educação profissional, o artifice figueirense extrema-se pela facilidade com que rapidamente comprehende a vantagem das modificações nos antigos processos, e pela avidez com que aproveita todas as innovações introduzidas nos seus officios ou industrias — circumstancias estas de que provém o

bom gosto, elegancia, e garridismo até, com que se apresentam as obras aqui fabricadas. Nota-se isto nas construcções urbanas, como se vê na marceneria, na sapataria, na ceramica, serralheria etc.

Com taes elementos de que não seria capaz esta terra, se aqui se comprehendesse devidamente o alcance das industrias, o futuro dos artistas e a missão dos bafejados pela fortuna? Teriamos com certeza aberta e concorrida uma eschola de desenho industrial, de physica e chimica applicadas ás artes, de geometria, etc., etc.

Tractemos da Figueira na Exposição; e, pois que dissemos ser o commercio de vinhos o ramo principal, e mais valioso, da sua riqueza, por elle começaremos.

Produz e exporta vinho o concelho da Figueira. D'aquelle, porém, que menos exporta, é o que n'elle se produz. Tempo houve em que a vinha occupava larga extensão de freguezias, onde hoje, com justificado pasmo dos homens antigos das localidades, ou ella se não vê de todo, ou lucta com as condições adversas que a definham e matam. Succede por tal fórma na Figueira, Tavarede, Villa Verde, Quiaios, e talvez Maiorca. A grande producção actual concentra-se nas duas freguèzias de Lavos e Paião, especialmente no chamado *Campo de Lavos,* formado pelas alluviões do Mondego e do rio de que o campo toma o nome, cujas aguas o inundam e cobrem totalmente nas grandes enchentes do inverno e da primavera—tão uteis aquellas para *tirarem o salgado* ás terras e ennateiral-as, como, nocivas estas, por vezes, quando, alagando a vide nas suas primeiras manifestações exteriores de vegetação, lhe mata os gomos, obrigando-a a nova rebentação.

Estes vinhedos são notaveis pela sua abundante producção, que vai de 10 a 12 pipas, por hectare, de 520 litros cada uma (campo do Frade), até 16 ou 18 (no campo d'Avessada): sendo corollario quasi obrigado

d'esta circumstancia e do pouco cuidado que alli se presta á vinificação, a qualidade inferior do genero produzido. E, que em especial influe no caso o pouco esmerado fabrico, demonstram-n'o as ècxellentes amostras de vinho e geropiga que na Exposição apresentaram os productores, os srs. José Assalino de Brito, D. Maria José Pedroza Guimarães, Manuel Morgado dos Santos e José Rolinho de Freitas.

Não é para aqui relatar os processos primitivos empregados ainda, n'este concelho, em tão lucrativa industria (vende-se ordinariamente por 10$000 a 12$000 réis cada uma das 6 a 7:000 pipas de vinho que o campo produz). Se a cultura da vinha attrahe a attenção do proprietario, o fabrico do vinho em geral molda-se pelos processos de ha seculos. É que o lavrador mais attende á porção do que á qualidade, visto destinar á queima a maior parte dos vinhos que lavra, e tanto darem os compradores pela pipa do de melhor qualidade e de maior percentagem alcoolica, como por aquelle que representa o vinho mais fraco e ordinario. Como a questão é de pipas, cada um tracta de alcançar a maior quantidade; de pouco vale a qualidade.

Ainda assim, aquelle *vinhito,* de apparencia tão innocente e a que, talvez para o amesquinharem, chamam por aqui *cervejão,* rende uma pipa de aguardente por oito a dez que se distillem. Para consumo fóra da adega vai algum, que não deixa de ser apreciado pelos amadores, que o absorvem ás vezes em grandes quantidades a titulo de fresco... no verão — e provavelmente quente no inverno, segundo a elastica logica dos dignos descendentes de Noé.

Algum vinho é tambem exposto proveniente d'outras freguezias do concelho, como a de Villa Verde (expositor A. Alves Ribeiro) onde o sr. Julio Dolbeth planta, ha annos, largos vinhedos na sua grande propriedade de Valle de Murta — a de Maiorca (Quinta de Foja) etc.

Vem aqui a proposito fallar dos vinhos de Queitide, localidade do limitrophe concelho de Soure, expostos

pelo seu cultivador e preparador, o sr. Joaquim A. Simões, e por isso podendo quasi considerar-se como productos do concelho da Figueira. Apresentam estes vinhos tal excellencia de paladar e aroma *(bouquet)*, que em nossa opinião sobrelevam em muito os mais afamados de Bucellas, podendo collocar-se a par dos mais apreciados vinhos finos ao cabo de alguns annos de tractamento, e quando preparados, desde o lagar, com a intelligencia e cuidado que mereceram os expostos.

E assim se verifica mais uma vez que, se o terreno e a planta muito concorrem para a bondade do vinho, é no fabrico que se aproveitam e desenvolvem as superiores qualidades naturaes d'aquelle producto, contrariadas tantas vezes pelo completo olvido das regras mais elementares que a sciencia, e até a simples razão, prescrevem ao vinicultor.

O grande commercio, porém, de vinhos da Figueira consiste no seu preparo e adaptação ao gosto e paladar dos differentes centros do consumo a que é destinado, fóra do nosso continente. Tendo n'outro tempo explorado os Açores (onde a vinha se vai rehabilitando rapidamente), Africa e Brazil, é este ultimo, actualmente, o quasi exclusivo consumidor dos vinhos da Figueira, alli tanto ou mais acreditados que os de Lisboa, cujas cotações lhes são quasi sempre inferiores. Se esta preferencia é tributo pago á boa qualidade do genero, merecem-n'a justamente os exportadores pelo meticuloso esmero com que escolhem e preparam os vinhos, sem para isso evitarem despezas, e pela honrosissima probidade com que abstrahem de todos os meios artificiaes de lhes dar qualidades que lhes fallecem, e que nem sempre adquirem sem prejuizo do consumidor. O *preparo*, aqui, não consiste em mais do que na conveniente lotação de vinhos, geropigas e aguardente em proporções que mais adaptam os vinhos ao gosto dos consumidores, tão variado como as localidades em que elles habitam; não constando que se

lance aqui mão, para clarificar, dar côr ou força aos vinhos, de quaesquer d'essas substancias nocivas que a chimica moderna tem descoberto em tão saudavel bebida, quando alterada por gente sem escrupulos nem consciencia.

É assim que a Figueira sustenta em annos regulares uma exportação de 7 a 8:000 p'pas de vinho (33:600 a 38:800 hectolitros), que vai procurar á fertil Bairrada, á uberrima Beira, nas afamadas margens do Dão, e ainda a Torres, a Borba, e até ao especialissimo Douro; havendo-se representado sempre brilhantemente nas exposições universaes a que tem concorrido, e onde os seus productos ganharam sempre os mais subidos encomios e as mais distinctas qualificações.

A Exposição districtal de Coimbra não pareceu aqui de maior importancia para um commercio todo de exportação, julgando tambem muitos que não figurariam alli bem os vinhos de embarque, por não deverem agradar ao jury os typos adaptados ao gosto especial dos consumidores d'além-mar. Demais que nem sempre se guardam amostras das colheitas ou expedições dos annos findos. E por isso, força é dizel-o, não houve enthusiasmo na concorrencia; mas as distincções alcançadas demonstram que ainda alli a Figueira conservou o seu bom nome e a fama, justamente adquiridos no paiz e no extrangeiro. E para agradecer é que se não deixasse sem representação a industria de que a Figueira aufere a sua mais avultada importancia, e que é a origem de outras que, pelos variados misteres a que obrigam e pelo pessoal que empregam, têm direito á consideração de quem se interessa pelo desenvolvimento das industrias e bem estar dos industriaes. Não alongaremos estas linhas com a repetição dos nomes dos expositores d'esta especialidade, que aliás se encontram facilmente no catalogo geral.

Apoz os vinhos é natural fallar-se de vinagres, de que poucos expositores se apresentaram, lembrando-

nos agora apenas da sr.ª D. Maria José Lopes Pedrosa, que o jury distinguiu, e de aguasar dentes—principal derivado dos primeiros, e seu indispensavel elemento de conservação.

Pelo que dissemos da natureza dos vinhos do *campo* de Lavos, vê-se que a fabricação da aguardente deve ter grande desenvolvimento no concelho. Assim é, mas não em proporções demasiado largas. Muitos lavradores *queimam* nas suas adegas, servindo-se dos antigos apparelhos de distillação: e não é difficil descobrir os inconvenientes que tal processo trará, tanto para o maior aproveitamento de todo o espirito do vinho, como para a força d'elle. Outros, o maior numero, vendem o genero em ser aos negociantes, ou mandam-n'o distillar ás fabricas. D'estas, apenas duas se fizeram representar: a do sr. Rolinho, dos Armazens, e a do sr. Francisco dos Santos Rocha, recentemente estabelecida na Figueira, e onde se emprega um apparelho de distillação constante, systema Collares, que dá os melhores resultados, favorecidos pelo esmero e attenção que a tal fabrico alli se presta.

Funccionam n'esta cidade mais dois importantes apparelhos de distillação: um, porém, é particular, e trabalha só para uso do estabelecimento do seu proprietario, o citado expositor de vinhos, o sr. J. A. Simões; o outro pertence a uma fabrica, não representada na Exposição. Productos da mesma industria, mais modestamente organizada, vêem-se entre os que este concelho mandou a Coimbra, e constam do catalogo respectivo.

De licoristas apresentou-se apenas o sr. J. Assalino, d'esta cidade, mas por fórma a não dar má ideia d'aquella industria, como foi reconhecido pelo jury que lhe distinguiu os productos com uma classificação de segunda ordem. Porque não foram mais os representantes d'esta industria? E porque não tem ella tomado

maior desenvolvimento aqui, n'uma terra de exportação vinicola, e onde tão facilmente se acham os elementos para larga producção e exportação de taes generos, hoje largamente aceitos no paiz e em muitas das localidades com que entretemos relações commerciaes?

É que, acima de tudo, nós somos um povo sem iniciativa, nem coragem... nem dinheiro. Apavora-nos o empate de qualquer pequeno capital, embora empregado em negocio que prometta lucros remuneradores: vemos os extrangeiros explorando com magnificos resultados no paiz industrias que os naturaes n'elle podiam aclimar e desenvolver prosperamente, e não sahimos d'esta sancta inercia, para alcançarmos com recursos proprios o que vamos pedir aos extranhos a troco do nosso capital!

Parecem querer contrariar esta pécha nacional os srs. Sotero & C.ª, que tão brilhantemente inauguraram ha pouco n'esta cidade o fabrico de limonadas gazozas, agua de Seltz, xaropes, etc., de que expõem amostras dignas de apreço. Dotado dos mais recentes apparelhos, o seu estabelecimento acha-se nas circumstancias de prover a muito mais do que ao consumo local, e parece que no corrente anno os nossos estimaveis vizinhos beirões, que não poderem vir refrescar-se nas aguas salgadas do mar, terão ensejo de moderar os seus calores usando das espumantes gazozas que a Figueira lhes vai fornecer a flux.

Annexa ao principal ramo de commercio da Figueira anda uma industria, que vive da sua vida, e por isso se anima ou afrouxa com o seu maior ou menor desenvolvimento. Refiro-me á tanoaria, em que os artistas d'esta cidade primam notavelmente pela perfeição do seu trabalho.

Para calcular a importancia d'esta industria basta lembrar que a quinta parte do vinho exportado an-

nualmente para o extrangeiro segue em barris de quinto e de decimo (5 e 10 em pipa: isto é, de quasi 96 e 48 litros cada um); além de que avulta egualmente a fabricação e reparos do vasilhame dos armazens e dos *cascos,* ou *pipas de tirada,* que assim se denominam aquellas que, pelas suas maiores dimensões e mais resistentes materiaes, são destinadas ao transporte dos vinhos, da adega do lavrador para os armazens onde ham de ser preparados.

Nova York, Philadelphia e Nova Orleans contribuem annualmente para esta industria figueirense com uns 130 milheiros de aduella de *chuê,* ou carvalho do Norte, no valor de 22:000$000 réis, e quasi exclusivamente aqui usado no vasilhame: A Inglaterra fornece-nos os arcos de ferro, fracção dos 693:000 kilogrammas de ferro, que, valendo 30:000$000 réis, importamos annualmente pela nossa barra (não fallando n'aquelle que os caminhos de ferro nos trazem); finalmente, o paiz offerece-nos apenas o arco de madeira, producto de cortes triennaes nos soutos de castanheiros, que têem podido escapar á epiphytia, que ha annos vai desbastando aquella essencia florestal, hoje uma verdadeira riqueza para os seus proprietarios.

No custo de uma pipa, 5$000 réis, figura a mão de obra pela seguinte maneira: Serrador (que corta a aduella) 140 — Lavrante (que a apparelha) 215 — Tanoeiro (que arma e conclue a vasilha) 360 réis. Nos barris de quinto a mão de obra orça por 300, e nos decimos por 220 réis.

Havendo já dicto qual a exportação que a Figueira faz, quer em pipas quer em barris, e qual a producção vinicola do concelho, e tomando-se em conta os milhares de cascos indispensaveis nos armazens e adegas para a labutação d'este negocio, far-se-á ideia approximada da importancia da tanoaria n'esta cidade.

A apreciação do trabalho d'esta especialidade foi na Exposição districtal demonstrada pelo seguinte facto: de todos os productos que alli concorreram — não só

vasilhame, como *celhas* ou tinas — apenas recolheram a esta cidade tres peças; as demais foram todas compradas lá.

E — beneficio das exposições! — ha bem fundadas esperanças de alargar as relações commerciaes d'esta secção industrial, pois se têem já procurado esclarecimentos sobre ella, denunciando este facto o bom juizo sobre os productos expostos, e os desejos de fazer aqui d'elles mais largo abastecimento. Não é isto novidade, ainda assim. Para os districtos de Aveiro, Vizeu, Guarda, Leiria e Santarem, não só vai vasilhame da Figueira, mas são para alli, e para Lisboa e Porto, procurados os tanoeiros d'esta terra, estimados pela perfeição do seu trabalho.

Aqui em geral cada armazem possue uma tanoaria annexa (de 6 nos lembramos agora); além d'essas, porém, outras ha que trabalham a granel, diremos assim (umas 7 ou 8). Quantas concorreram á Exposição, todas alli foram distinctas. Isto diz o sufficiente.

Uma das industrias, que mais promettedoras e florescentes se nos antolham na Figueira, e em que esta cidade é a primeira do paiz, é a de poleame — tal é a reputação que tem sabido grangear no paiz e fóra, pelo bem acabado e seguro de seus artefactos. Apezar da manifesta decadencia da navegação veleira, hoje por toda a parte supplantada pela de vapor, as seis officinas de poleeiro d'esta cidade conservam em constante e assiduo trabalho o seu pessoal (30 officiaes, 15 apprendizes e 12 ferreiros e fundidores), e não podem, ainda assim, satisfazer de prompto os pedidos que lhes são dirigidos, tanto do paiz como, especialmente, da America do sul (valor — 15:000$000 réis).

E, sabendo-se que um dos poucos premios de 1.ª classe foi conferido a um dos expositores de poleame da Figueira, o sr. Julio Braz de Lemos, avaliar-se-á o merito da industria cujos specimens figuraram na Exposição. Desde o pequeno moitão de 2 pollegadas

até ao de 12, e ainda ao enorme apparelho de virar de querena os navios de 250 toneladas, formado por 2 cadernaes de 15 pollegadas e uma patesca de 18 — de tudo se encontra alli uma amostra, perfeita, *bonita*, patenteando a todos o esmero do trabalho que produz taes objectos por baixo preço (o mais pequeno moitão custa 60 réis, e o cadernal o dobro): trabalho a que, infelizmente, ainda se não applicaram as forças e machinismos que a sciencia indica para poupar a força directa do homem.

Usa-se nas *rodas* o freixo, em que abunda o paiz, ou então o *pau de pezo* proveniente da America (do custo de 800 réis a arroba); na *caixa* empregam-se as madeiras vulgares mas fieis, taes como a cerejeira, acacia, faia, lamigueiro, laranjeira, platano, etc.

Pouco resistiriam as rodas ao attrito violento a que são sujeitas, não lhes sendo elle diminuido ou facilitado por *cylindros*, de que o mesmo expositor apresenta tres systemas differentes: o de patente (metal amarello e ferro), o americano (metal amarello), e o de 3.ª sorte (ferro). Estes cylindros, formados por 6 ou 8 *roletes* metallicos dispostos em circulo, são embutidos nas rodas, servindo de facilitar-lhes o movimento sobre o eixo.

Incumbe ao *fundidor de amarello* esta parte complementar do trabalho de poleeiro, e na Exposição foi ella brilhantemente representada. Além do citado expositor, e dos poleeiros, os srs. Mesquita & Verissimo, que não só enviaram poleame acabado, como em separado todas as peças que o compõem, fabricadas na sua propria officina, concorreram com productos analogos os srs. Guilherme Dias da Costa e Joaquim Mendes da Costa Junior, a que junctaram outros (torneiras, syphões, aldravas de porta, etc.), em que se mostraram á altura do conceito geral em que são tidos os artistas que n'esta cidade fundem e trabalham o metal amarello.

Vem a proposito n'este logar fazer referencia aos

trabalhos expostos por um serralheiro, o sr. José Bernardes de Sousa: um relogio de torre, batendo horas e quartos, e uma bomba aspirante e de compressão. Dois bonitos apparelhos, que se esperariam de outrem que não d'um serralheiro! É que na officina d'aquelle artista o estudo e a applicação produzem d'estas anomalias apparentes; e quando vemos as dezenas de bombas de differentes systemas que annualmente d'ella saem, não só para o nosso districto mas tambem para os circumvizinhos, assim como os variados e perfeitos objectos de metal de que á Exposição não mandou amostras, sentimos então mais funda a magua de ver gastaram-se em esforços penosos aptidões, a que uma boa educação industrial teria facilmente patenteado largas vias, accessiveis e por egual proveitosas ao paiz e ao artifice.

De serralheria não houve mais nenhum concorrente. Que dirão os que souberem do adeantamento que na Figueira tem aquella industria, em que chega a empregar-se aqui um motor a vapor na mesma officina em que existe uma notavel fundição de ferro?

Ha no concelho uma povoação de que ás vezes se diz, rindo, que é composta sómente de ferreiros. É a dos Carvalhaes de Lavos.

A sua pregaria, embora depreciada pela de fabrico mechanico, ou prego de arame, ainda n'algumas especialidades leva de vencida a sua rival, conservando a antiga fama que por tantos annos sustentou nos mercados do districto e nos extranhos.

Se não foi esta industria que fez com que a importação do carvão de pedra pelo nosso porto fosse de 2:382, 5:081, e 6:961 toneladas nos ultimos tres annos, no valor de 12:195$000, 25:189$000 e 34:717$000 réis, é bom que se saiba, ainda assim, que nas forjas dos Carvalhaes se emprega já aquelle combustivel, com o qual provavelmente foram fabricadas as podoas, apresentadas por dois expositores d'aquella povoação,

bem como a boa collecção de prego, *suecio* e *escocio*, cravos para cavalgaduras, ganchos de candeias (ultra-primitivos!), tenazes, dentes para grades, etc., que formaram a amostra que d'esta industria fez o sr. Silvestre da Silva Jordão, e que tambem mereceu ser distincta pelo respectivo jury.

E pena foi que a Exposição do producto das ferrarias dos Carvalhaes, e que os machados, enchadas, ferros de charrúa, etc. alli fabricados, e geralmente bem reputados, não dessem occasião a ser competentemente avaliados.

Os latoeiros da Figueira não concorreram, perguntando admirados se haviam de lá mandar, a *Coimbra*, as panellas, chocolateiras e candeias, do uso domestico, ou os regadores, cabaços e outros utensilios, empregados nos serviços agrarios...

Apenas o sr. Fernando Janini enviou dois bellos ventiladores automaticos, de notavel perfeição; e alguns objectos caseiros — regador, balde, escarradeira de zinco e de metal amarello, etc., outro artista.

Foi distincto, apezar de não comprehendido no quadro da Exposição, um modelo de moinho de vento, enviado de Buarcos.

Nem por outra fórma se fez lembrada a valiosissima industria das moagens, senão pelo simulacro de um d'esses apparelhos rudimentares, em que se aproveita, e pouco bem, a força do vento! Pois, como em toda a beira-már, não nos faltam aquelles moinhos economicos, como não escaceiam egualmente as azenhas e moinhos hydraulicos — figurando aquelles em numero de 82, e estes no de 162 com 214 mós, nas relações que os regedores forneceram no ultimo anno para o lançamento da contribuição industrial. E não será fóra de razão avaliar-se no dobro o numero de taes engenhos de moer trigo e milho, em o nosso concelho.

Existe n'elle tambem, n'esta cidade, uma fabrica a vapor, cuja força é empregada n'aquella industria, assim como na pilação de arroz, serração de madeira, etc. Tambem não concorreu.

Um dos artigos mais apurados da industria figueirense é o calçado e tamancaria. O primeiro desenvolve-se á custa do consumo local permanente, e do que se effectua na epocha balnear, em que raro é o banhista que não queira prover-se aqui do sapato ou botina branca, propria da praia, ou da que actualmente se exige para entrar n'um salão, mais ou menos aristocratico. Ainda não decorreram muitos annos depois que a Figueira deixou de ser, n'este ramo de commercio, um bom freguez do calçado de Coimbra e Lisboa. Hoje fabrica-se tão bem como em qualquer d'aquellas cidades, e deixou a Figueira de pagar aquelle pezado tributo annual, com o que economisa 2 a 3 contos de réis, pelo menos.

De tamancos sabem todos que é a Figueira que fornece o baixo districto, parte do de Aveiro e Leiria, e ainda parte da provincia da Beira. Desde o mais simples socco, até o mais arrebicado tamanco, de laços, de bordados a seda etc., tudo alli se encontra, nas exposições do sr. Joaquim Bento Pinto, e Esteves Pereira, Irmãos, aos quaes foram conferidos bem merecidos diplomas.

Na officina dos srs. Esteves fabricam-se egualmente, por preços convidativos de uma modicidade pasmosa, fôrmas para calçado, aqui geralmente usadas. Vendendo-se na localidade umas fôrmas, pelo terço do valor que elles têem em Lisboa, só ha a admirar que, não cedendo a estas ultimas em perfeição, não haja para alli consumo algum — culpa, egualmente, d'aquelles artifices que não curam do meio de tornar conhecidas e apreciadas no paiz as bellas fôrmas que saem do seu pequeno estabelecimento, onde o trabalho é constante e o movimento de saida da fazenda altamente animador.

O concelho da Figueira é frequentemente citado nas amostras da explendida collecção de marmores, apresentada pela direcção das Obras do Mondego e Barra da Figueira. Não menos de 15 variedades alli têm os seus especimens, desde a mimosa côr levemente rosada até o rosa carregado, desde o amarello desvanecido até á côr de canella, e ainda o negro de bello polido.

Lá se acham egualmente as cantarias brancas e azuladas dos Carvalhaes e Alhada, cinzentas do Cabo Mondego, e rosada da Salmanha — de que se fez largo uso na edificação dos paços do concelho em Coimbra.

Infelizmente poucas são as pedreiras regularmente exploradas; sendo algumas das outras — por vezes as de mais bella côr e de melhor grão — um convite incessante a uma exploração cuidadosa e remuneradora, que vá além do emprego que hoje se dá aos seus productos, e que se limita á applicação de um ou outro fragmento á campa de modesto tumulo, ou á pyramide que o encima algumas vezes.

N'esta especialidade foi expositor particular o sr. José Maria Dias, canteiro d'esta cidade, que apresentou cinco qualidades mais geralmente empregadas de cantaria do concelho, e uma de Verride.

A indicação das pequenas industrias, que de relance temos apontado, fez tomar o ultimo logar a outras, que pela sua importancia deviam ter seguido aquellas que constituiram o assumpto das primeiras linhas d'este artigo, escripto, por assim dizer, sobre o joelho.

Referir-nos-emos agora a ellas para terminar, concisos para não enfadar mais os leitores, mas sufficientemente explicitos para não as deixarmos em immerecida obscuridade.

Ligam-se intimamente as duas industrias da pesca e do fabrico do sal.

Já alludimos á extensa costa, que permitte ao concelho da Figueira a exploração do oceano; por infelicidade a costa é demasiado exposta e desabrigada, para

que a pesca se faça em condições regulares. E d'ahi provirá, cumpre dizel-o, que os nossos pescadores não são tão dados ao mar, tão aguerridos nos perigos que elle a cada momento offerece, como os afamados *povoeiros,* que ousadamente percorrem os mares no encalço da pescaria, que muitas vezes vêem colher á vista, quasi, das nossas praias, sem que demovam os pescadores a seguil-os ao mar, e a sacrificarem as suas commodidades ao lucro um pouco trabalhoso.

Nos ultimos tres annos rendeu o imposto do pescado nos seis postos fiscaes do concelho (Quiaios, Buarcos, Figueira, Cova, Lavos e Leiroza) a importante quantia de réis 6:795$984, que corresponde approximadamente ao valor de 100:000$000 de réis de peixe, ou 33 contos annuaes. Nas verbas, com que os differentes postos contribuiram para tal somma, occupa o primeiro logar Buarcos, e seguem-se depois Figueira, Leiroza, Cova, Lavos e Quiaios.

Deve, porém, notar-se que, por costume, e dizem até que *por equidade,* visto chamar-se vexatorio e iniquo a tal imposto, elle não incide sobre toda a pescaria, mas sómente sobre a que resta depois de retirada uma porção que se julga destinada ao consumo pessoal do pescador e de suas familias, e a que se dá o nome de *caldeiradas.* Attendendo a isto, e a que o imposto nunca é rigorosamente applicado, póde avaliar-se em mais do dobro d'aquelles algarismos o valor da pescaria do concelho da Figueira — valor, aliás, que nem sempre representa os lucros dos nossos municipes, visto que os *povoeiros* exploram de quando em quando esta industria por aqui perto, e vêem vendernos o seu producto, cujo imposto figura nas sommas apontadas.

N'um paiz em que todos os annos os poderes publicos commissionam tanta gente para ir ao extrangeiro estudar(?) tanta cousa, é para lastimar que não haja lembrado ainda que os actuaes processos de pesca são um verdadeiro anachronismo; e que, sendo esta uma

abundante fonte de receita para o estado e de riqueza para o paiz, aos governos incumbe fazer estudar os melhores meios, e os mais completos, de auferir d'ahi o maximo proveito (redes, barcos, engodos ou iscas, processos de pesca, etc.), propagando depois entre os pescadores o resultado de taes investigações, feitas nos paizes onde a pesca se acha elevada a uma verdadeira arte, provida de tudo quanto possa tel-a aperfeiçoado.

Ainda bem que na Exposição appareceu alguma cousa, que tornasse lembrada esta importantissima industria do concelho da Figueira. O sr. Manuel Gaspar de Carvalho expoz conservas de differentes peixes, das quaes faz larga exportação para o extrangeiro. Em todo o concelho é o unico a explorar esta industria; com tal perfeição prepara os seus productos, que mereceram distincta classificação em Coimbra.

Algumas amostras de peixe secco serviram tambem para evidenciar que, desenvolvida convenientemente, a pesca não só póde proporcionar-nos com abundancia o peixe fresco, mas até o que, excedendo ao consummo e exportação do momento, constitue mais tarde, e depois de secco, um excellente e barato alimento—e que, além d'estas vantagens, nos pouparia ao pesado imposto que pagamos á Inglaterra, consumindo-lhe annualmente milhares de quintaes de bacalhau.

Da pescaria *do alto* deriva uma industria, que depende absolutamente da maior ou menor quantidade de peixe trazido para terra: é a fabricação do azeite de peixe, de que se exhibiram duas amostras, escuro e claro.

Depois de entrados em quasi completa putrefacção em depositos apropriados, fervem-se os figados de certos peixes para se lhes extrahir a gordura ou azeite; e d'este se usa em larga escala para a pintura dos barcos, armazens, e em geral de todos os objectos que se queiram preservar da deterioração pela humidade. Sobe a cifra notavel o producto d'esta pequena industria, pouco desenvolvida, infelizmente, porque o é egualmente a origem de que deriva.

É objecto importante para o pescador a rêde: importante pelo fim e pelo custo. Lá appareceu igualmente, enfeitando galhardamente a sala quarta, uma das que se usam para apanhar peixe do alto. O fabríco das redes é de importancia para a povoação de Buarcos, que outr'ora era contribuinte, n'este capitulo, das praias do norte donde lhes provinham aquelles *instrumentos* do seu officio. Hoje póde exportar, e com vantagem do comprador, porque não é exigente o fabricante — que é quasi todo o pescador de certa edade e tirocinio.

A pag. 74 do presente volume se encontrarão esclarecimentos, que não repetiremos aqui.

Alludimos á intima ligação da pesca e ao fabríco do sal. Não carecemos de demonstral-a por evidente.

É o concelho da Figueira o unico do districto onde se encontram abundantes e rendosas marinhas, cujos productos apenas foram representados por tres expositores: os srs. Bernardino Teixeira d'Araujo, da Figueira, Antonio Alves Ribeiro, de Villa Verde, e a sr.ª D. Maria José Lopes Pedrosa, de Lavos.

Aos dados que se lêem a pag. 78 só accrescentaremos o seguinte, que bem mostra quanto é valiosa esta industria para a Figueira:

Nos ultimos tres annos exportaram-se pela alfandega d'esta cidade *para portos nacionaes* 6.187:390 litros de sal no valor de réis 8:842$537, e *para portos extrangeiros* 26.402:633 no valor de réis 39:241$250 ou 32:590:023 litros de sal na importancia de réis 48:083$787 — o que dá a media annual, respectivamente, de 2.062:463 e 8.800:877 litros, e réis 16:027$929.

Pela 3.ª secção do Jury da Exposição foi classificada em 1.ª classe a magnifica roupa branca da camisaria figueirense, pertencente ao sr. Manuel Augusto da Conceição Novaes. *Completa, superior,* tal foi a qualificação dada aos productos expostos, e que, pela modicidade de preços alliada á perfeita execução, merece-

ram attrair o exame e louvor geraes, e a distincta classificação do Jury.

Não merece ficar no olvido uma collecção de trabalhos calligraphicos, desde o simples cursivo e bastardo até á lettra mais arrendada e vistosa, feitos por varios discipulos e discipulas da sr.ª D. Amelia Braz, distincta professora da Figueira; e em quadro variado fez analoga exhibição de rara habilidade a menina Gertrudes Carlota Biscaia, uma ex-discipula (se me não engano) da mesma senhora.

Tornou-se egualmente digno da attenção dos visitantes á Exposição um quadro do sr. Ernesto Benedicto, a bico de penna, expressamente executado para esta occasião.

Resta-nos fallar nos productos do Cabo Mondego, que se desdobram em duas classes, conforme provêem da Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego, que explora o carvão de pedra, o fabrico de cal commum, hydraulica e cimento, e o de tijolos, telhas de differentes systemas e variados productos de ceramica; ou da Fabrica de Vidros de Guimarães & C.ª, annexa á primeira, mas com administração independente.

A Companhia Mineira é a unica, no seu genero, que temos no districto, e mereceu a classificação de 1.ª classe pelo Jury da 4.ª Secção, pela sua importancia e variedade de productos que expoz muito methodicamente. A par do carvão, e compartilhando a alta distincção obtida por elle, estavam a cal commum, a cal hydraulica e o cimento, com os respectivos calcareos de que são extrahidos, bem como obras fabricadas com estes materiaes — ladrilhos, canos, caleiras etc., demonstrando parte das variadas applicações que tão importantes substancias pódem ter.

Uma outra industria, egualmente explorada pela Companhia, é a do fabrico de tijolo, telhas variadas, telhões, etc.; e ainda n'esta parte o Jury reconheceu

merecimento bastante para a qualificar muito lisongeiramente.

O carvão de primeira classe alcança prompto consumo, tanto em Coimbra como noutros pontos do paiz, em que tem sido usado com excellentes resultados — Thomar (fabrica de fiação), Lisboa (machina a vapor da fundição e serralharia do largo do Caldas) minas do Braçal (machinas a vapor) etc.; o de segunda e terceira applicam-se ás industrias exploradas pela Companhia, e á fabricação do vidro, de que em breve fallaremos.

O seu pessoal varia entre 100 a 150 pessoas.

Annexa, e sua dependencia apezar de arrendada ha 5 annos, existe a fabrica de vidros explorada pela firma A. Guimarães & C.ª, e cujos productos foram admirados por quantos os viram, e que bem longe estavam de pensar que no paiz, e até bem perto de Coimbra, se fabricasse tão bem essa variedade de objectos, que faziam o enlevo de quem os examinava. Uma revelação! disseram quasi todos — e creio que assim foi.

Além dos grandes tubos ou mangas de vidro transparente que, estendidas, constituem a chapa, ou vidraça, foram apresentadas amostras de vidro branco opaco, e côr de violeta; diamantino amarello, azul claro, violeta, encarnado, branco e riscado, formando uma collecção tão notavel pela belleza das côres como pela perfeição da chapa. Chamaram egualmente a attenção geral os vidros *mousselines,* e fôscos lavrados.

A par de varios especimens de frascaria, de que na fabrica de Buarcos se tem feito milhares de exemplares, é notavel a variedade de typos de garrafas alli fabricadas, desde meio até 7 litros, bordelezas, inglezas, de vinho do Rheno, e para cerveja e gazosas, bem como garrafões de differentes tamanhos.

Anda por 80 o numero de pessoas alli empregadas, entre homens, mulheres e rapazes; e com os estabelecimentos da Companhia constitue a fabrica um largo

recurso para as povoações de Buarcos e Serra da Boa Viagem, como para o paiz que tira largo proveito dos differentes productos alli fabricados, e que se vendem por preços inferiores aos similares que apparecem no mercado, quer nacionaes quer extrangeiros; sendo apenas para lamentar que em grande parte de Portugal se desconheçam ainda as grandes vantagens que certas industrias podem auferir das manufacturas do Cabo Mondego, e em especial da fabrica de vidros. É questão de tempo, todavia, e o paiz sanccionará ainda as mais elevadas distincções que ellas obtiveram na Exposição de Coimbra.

Concluindo, diremos que nos seguintes algarismos se resume bem a posição relativa que n'este certamen occupou a Figueira, e que não deixa de lhe ser em extremo lisongeira:

De 336 diplomas concedidos obteve 55, isto é, 15 por cento; sendo 8 de 1.ª classe em 24 distribuidos, 5 de 2.ª em 74, 16 de 3.ª em 97, e 26 de 4.ª em 171.

F. M. de Lima e Nunes,

Delegado da Exposição na Figueira da Foz.

SEGUNDA PARTE

CONFERENCIAS

PRIMEIRA CONFERENCIA

(reconstruida)

A esculptura em Coimbra no seculo XVI — A proposito das reproducções em gesso do pulpito de Sancta Cruz e do tympano da porta lateral da Sé Velha, pelo dr. Augusto Filippe Simões.

Quando em 28 de janeiro ouvimos a conferencia do nosso prezado amigo ácerca do assumpto indicado na epigraphe, mal diriamos que, passados tão poucos dias, haviamos de juntar ao testemunho de consideração pelo seu talento o tributo de saudade pela sua memoria. A inesperada e desastrosa morte do illustre professor, que a todos profundamente commoveu, ainda hoje não permitte satisfazer cabalmente ao honroso convite de um dos seus mais desvelados amigos para reconstruir aquelle notavel discurso; a tristeza do quadro a que assistimos ainda nos opprime, faltando á memoria a lucidez necessaria para reproduzir o que a reminiscencia simplesmente indica. Demais, não tendo tomado apontamentos durante a conferencia e não possuindo para nos guiar outro subsidio além do artigo publicado pelo sr. Martins de Carvalho no *Conimbricense* de 29 de janeiro, deixaremos com certeza de referir muitos pontos interessantes do discurso, succedendo tambem alterar involuntariamente o pensamento do prelector: cumprimos no emtanto aquelle desejo, fiados em que o pensamento que preside a esta homenagem desculpe a incontestavel incompetencia de quem a escreve.

Principiou o dr. Filippe Simões o seu discurso por felicitar os promotores da Exposição districtal, demonstrando a notavel importancia d'estes commettimentos para conscienciosamente se avaliar o progresso realisado nas artes e nas industrias, sendo certo tambem que estes pacificos certames do trabalho servem

de brioso estimulo ao productor, que tem a satisfação de ver apreciados e conhecidos os artefactos, onde applicou a sua intelligencia e os seus esforços. Referindo-se particularmente á Exposição de Bellas Artes, mostrou quanto conviria ter reunido diversos especimens dos tempos que findaram a fim de se estabelecer o parallelo com os da actualidade, servindo sempre o conhecimento do passado de proveitosa lição para o futuro; reconheceu no emtanto a impossibilidade de se fazer representar mais cabalmente a parte retrospectiva, tendo já sido innumeras as difficuldades com que luctou a commissão para realisar o seu elevado intento.

Fallou da importancia da arte religiosa[1] e dos relevantes serviços prestados á civilisação pelos mosteiros, emquanto serviram de abrigo ás producções artisticas, reconhecendo que muitos institutos, que hoje se nos afiguram inuteis ou prejudiciaes, tiveram a sua utilidade especial. Estão n'este caso as ordens monasticas, as quaes cultivaram as artes e as sciencias e se distinguiram pelas suas luzes no meio da tenebrosa ignorancia da edade media; sem o seu auxilio, sem a sua intelligente perseverança não poderiamos hoje observar os productos artisticos, as preciosas reliquias, que os mosteiros salvaram do vandalismo do tempo[2]. Era tambem mais facil a sua conservação nos mosteiros pelo caracter de permanencia que as ligava aos seus possuidores, não estando sujeitas á lei das successões ou á vontade dos testadores, conforme succedia a todos os outros productos da arte profana. D'este modo refutou a opinião d'aquelles que censuravam a grande accumulação de alfaias do culto na Exposição retrospectiva de Lisboa[3], como se para a historia artistica fosse possivel prescindir da arte religiosa, que é a unica luz, que á falta de documentos escriptos póde esclarecer-nos ácerca da historia da arte nacional.

Entrando depois propriamente no assumpto da conferencia, disse que ao brilhante periodo da architectura grega e latina seguiu-se, como é sabido, a decadencia e barbarie[4], e longos seculos decorreram até que se construisse algum monumento architectonico digno de memoria. Após a queda do imperio romano a invasão dos povos do norte destruiu todas as manifestações artisticas e litterarias, que distinguiam os povos latinos, e o que não foi destruido foi ignobilmente conspurcado por

---

[1] Vid. *Entretiens sur les l'architectures* par M. Violet-le-Duc — Paris, 1863, vol. 1.º, *sixième entretien.*

[2] *Histoire de la civilisation en Europe* par M. Guizot — Paris, 1871.

[3] *A Exposição retrospectiva da arte ornamental em Lisboa:* cartas ao redactor do «Correio da Noute» pelo dr. Augusto Filippe Simões. Lisboa, 1882.

[4] *Études sur les arts au moyen âge* — Prosper Mérimée. 1875.

aquelles que não sabiam comprehender taes maravilhas da arte. Não vem para aqui apreciar os elementos de vida e de vigor que surgiriam de tão assombrosa catastrophe[1]; restringindo-nos ao ponto de vista artistico, o que sabemos é que poucos monumentos escaparam ao vandalismo, e esses pelo facto de serem apropriados sem notaveis alterações para outros usos; taes foram as basilicas[2], que d'antes serviam de tribunaes e mercados, e que por uma extraordinaria singularidade tinham a fórma de cruz, notavelmente apropriada para o novo culto. Ora nos primeiros tempos que succederam a este cataclysmo predomina o estylo denominado latino pelos archeologos, e que representa a decadencia da architectura romana; as construcções d'este genero foram pouco solidas, e nem sequer deixaram ruinas, não lhes garantindo a acção do tempo uma existencia perduravel, mesmo sem attender ás continuas luctas de tão agitado meio social.

Determinou-se depois o estylo romano-bysantino[3], e só mais tarde se revela o ogival na sua simplicidade e belleza; este no emtanto já recebera do anterior os elementos que, depois de variadas transições, o deviam tornar independente e distincto, encontrando-se no estylo romano-bysantino, romanico, lombardo, normando e saxonio, que assim é diversamente conhecido, o imperfeito esboço destinado a produzir a elevação e grandeza do ogival.

Com effeito, no templo romano-bysantino as columnas massiças e baixas não têem a altura proporcional ao diametro; as paredes, não obstante a sua excessiva espessura, são revestidas de pegões e contra-fortes, mas pouco salientes; os portaes de muitas archivoltas, sustentadas em columnatas, são de volta redonda ou em ogiva pouco elevada; as janellas ou são de arcos geminados, que se firmam n'uma columna central no gosto bysantino, ou redondas e de pequeno diametro, pelo que se denominam olho de boi; apresentando a fabrica do edificio um todo solido e pezado, o qual, muito embora nos proteja, nos opprime pela sua rudeza, que a profusa ornamentação não consegue adoçar.

No templo ogival as columnas elevam-se; as paredes deixam de ter uma excessiva espessura, e todas as formas essenciaes do edificio se tornam esbeltas e elegantes; os pegões e contra-fortes das construcções romanicas desligam-se dos muros, e sem lhes tirar a solidez, convertem-se em botareus, que sustentam os encontros das abobadas. O portal de volta redonda ou formado

---

[1] *Hist. de la civilisation.* M. Guizot.
[2] *Dictionnaire d'Architecture,* par M. Violet-le-Duc.
[3] *Dictionnaire* já citado vol. VI.

de dois arcos de circulo, apresentando no vertice um angulo pouco sensivel, eleva-se tambem; a ogiva de lanceta, cuja arcada é constituida por dois arcos, tendo cada um o centro fóra da circumferencia do arco que lhe é opposto, substitue os cymbros byzantinos[1], e em vez da janella redonda, olho de boi, surge a formosa rosacea guarnecida de vidros pintados de variegadas côres, que se ostenta em todas as cathedraes de tão maravilhosa architectura. D'aqui se deprehende o proximo parentesco dos dois estylos, apezar da notavel differença que os separa.

Antes porém de se attingir semelhante gráu de perfectibilidade, muitas e variadas foram as phases por que passou a architectura em Portugal, sendo mui diversa a sua revelação ainda na mesma epocha nos differentes pontos do paiz; n'umas terras é mais accentuada a influencia arabe, n'outras a romana e saxonia ou a normanda, resultando d'ahi a falta de uniformidade, que desnorteia o archeologo nas suas investigações.

No fim do seculo XV os edificios mais notaveis que existiam em Portugal eram do estylo romano-bysantino[2], e os monumentos d'esse tempo que ainda hoje subsistem, claramente o demonstram, provando-se que as alterações que soffreram, ou com que os profanaram, não são anteriores ao primeiro quartel do seculo XVI. Estão n'este caso as egrejas de S. Thiago, Salvador e Sé Velha em Coimbra; Cedofeita no Porto; S. Miguel do Castello em Guimarães; N. Senhora de Almacave em Lamego; Sés do Porto e Lamego; claustro de N. Senhora de Oliveira em Guimarães; Sé de Braga; Villar de Frades; Capella Mór da Egreja de Christo em Thomar; S. João de Alporão em Santarem, e Sé de Lisboa.

No seculo XVI, depois da descoberta da India, diversissimas causas concorreram para modificar a architectura existente; attrahindo tambem as riquezas trazidas pelos galeões a Portugal numerosos artistas, que generalisavam aqui os variados estylos architectonicos[3]. O estylo ogival terciario[4] constituia o fundo em que assentavam os outros generos, tendo sido os principaes elementos modificadores o gosto arabe e o da renascença. Ao sul de Portugal predomina o primeiro, e ao norte observa-se mais a influencia do segundo.

---

[1] *Stili di Architettura com note ed aggiunte de* Riccardo Brayde — Torino e Roma, 1879.

[2] *Reliquias da architectura romano-bysantina em Portugal* pelo dr. Augusto Filippe Simões — Lisboa, 1870.

[3] Vid. *Dictionnaire historico-artistique du Portugal* par le Comte A. Raczynski — Paris, 1847.

[4] Classifica-se o estylo ogival em primario, secundario ou radiante, e terciario ou flammejante.

Entre os diversos exemplares d'esse tempo, em que o estylo da renascença é quasi puro, nota-se n'esta cidade o pulpito da egreja de Sancta Cruz,[1] que se ostenta fielmente modelado em gesso n'esta sala; ahi se póde ver a elegancia das proporções, a perfeição das estatuetas, o rendilhado dos baldaquinos e a variedade dos ornatos, que tornam esta peça um verdadeiro primor de esculptura.

No tympano da porta lateral da Sé Velha, egualmente aqui representado, observa-se o estylo da renascença em toda a sua pureza; devendo notar-se, como já dissemos, que a architectura da Sé Velha é do estylo romano-bysantino, e só destoam d'esse genero as portas lateraes, o zimborio, as columnas interiores revestidas de azulejos, as janellas ao lado da porta principal e a varanda que lhe fica superior[2].

As janellas da fachada do edificio são obra do seculo XVI, tendo existido em seu logar duas frestas que o bispo D. João de Mello mandou alargar para dar mais luz ao interior, sendo geral o empenho dos bispos e cabidos d'esse tempo em tirar aos templos medievaes um dos seus mais bellos attributos, qual era o das sombras das mysteriosas naves, que incitavam o espirito ao recolhimento e á meditação. Na porta d'este lado nota-se tambem a falta do tympano, que seria tirado pela mesma razão que motivou o alargamento das frestas.

O portico, onde se vê o tympano de que tractamos, faz parte da fachada septentrional da egreja; attribue-se este accrescentamento ao bispo D. Jorge de Almeida, presumindo Varnhagem ter sido executado por João de Castilho. Este notavel architecto realisou com effeito muitissimas obras em diversos pontos do paiz durante o largo periodo da sua longa existencia, e algumas esculpturas se lhe attribuem no mosteiro de Sancta Cruz, sabendo-se porém os nomes dos artistas que principalmente trabalharam n'este edificio, o que não obsta a que João de Castilho desse alguma traça ou plano para essas obras. Os artistas que durante o reinado de D. Manuel trabalharam na egreja de Sancta Cruz chamavam-se mestre Nicolau, João de Rouen, Jacques Longin e Filippe Edoard: julga-se geralmente que eram francezes, e só alguns discordam ácerca da nacionalidade do primeiro por se lhe attribuir o retabulo da egreja de S. Mar-

---

[1] *Les arts en Portugal*, par le Comte A. Raczynski — Paris, 1846. *Guia historico do viajante em Coimbra*, por Augusto Mendes Simões de Castro — Coimbra.

[2] *Reliquias* já citadas. Na «*Epocha*» tom. 1.º artigo de Rebello da Silva. *Panorama*, tom. 10.º — 1853. *Historia de Portugal*. A. Herculano, tom. 1.º Varnhagen.

cos nos suburbios d'esta cidade e o retabulo de alabastro da Pena em Cintra, nos quaes melhor se revela o estylo italiano.

Pela mesma epocha apresentava a architectura ao centro do paiz um aspecto especial d'uma originalidade tão pronunciada, que muitos, extasiando-se deante dos primores e magnificencia do mosteiro de Belem, da egreja de Thomar e das capellas imperfeitas da Batalha, viram ahi um novo estylo, o manoelino. O Visconde de Almeida Garrett, descrevendo o claustro do mosteiro de Belem, diz que entre os diversos estylos de architectura que existiam entre nós está bem caracterisado o manoelino, propriamente portuguez, segundo as palavras textuaes do eminente escriptor [1].

A fusão dos estylos normando-bysantino e do arabe nunca se reuniu com tanto esplendor, e podemos dizer com tanta originalidade. De facto a architectura manoelina ata e enfeixa com suas inredadas laçarias todos os generos anteriores, confundindo as tradições gothicas e as reminiscencias classicas, a simplicidade normanda e a luxuriante riqueza mourisca, avultando porém no todo o sentimento nacional. Que os architectos dos principaes monumentos fossem nacionaes ou extrangeiros, que se chamassem mestre Botaica ou João de Castilho, é certo que se inspiraram do espirito nacional, revelando a elevação e a grandeza d'aquella epocha excepcional e brilhante da nossa historia; se por acaso Luiz de Camões fosse extrangeiro, a sublime epopeia dos Luziadas tinha-o naturalisado. Ora o poema escripto com o cinzel tem o indelevel cunho portuguez; a recordação dos paizes remotos e longinquos, a ousadia dos nossos navegantes, as nossas descobertas, a alliança do oriente com o occidente, a edade heroica da industria, das feitorias, dos emporios, os germens do grande commercio moderno, tudo ahi se manifesta d'um modo sublime.

Citou em seguida varios exemplares, que se conservam n'esta

---

[1] Os estylos dos diversos monumentos que têem existido em Portugal classifica-os o Visconde de Almeida Garrett, do seguinte modo: affonsino ou quasi gothico, joannino ou quasi normando, manoelino, propriamente portuguez, philippico ou da restauração classica, e moderno.

Vid. *Descripção do claustro do mosteiro de Belem*, pelo Visconde de Almeida Garrett. *Comte Raczynski*, citadas obras. Murphy *Travels in Portugal*. London — 1795. *Plans elevations, sections, and views of the church of Batalha by James Murphy* in fol. London — 1795. Não obstante a extraordinaria accumulação de riquezas, proveniente da descoberta da India, que attrahio a Portugal o commercio anteriormente monspolisado pelas cidades Anseaticas e Veneza, é certo que de todo este esplendor transpareciam os symptomas d'uma proxima ruina. Igualmente na magnificencia da architectura manoelina revela-se o excessivo luxo que precede quasi sempre as grandes decadencias.

cidade e seus suburbios, de esculpturas d'aquelle estylo executadas em pedra de Ançã, e, apreciando os trabalhos da epocha actual, nutria bem fundadas esperanças de que os artistas de Coimbra n'esta especialidade tinham deante de si um auspicioso futuro, podendo a esculptura em pedra attingir o eximio aperfeiçoamento que a distinguiu no seculo XVI.

E assim terminou o seu discurso no meio de geraes applausos o sabio professor, cuja intelligencia vividamente nos illuminava ainda na vespera do dia em que se precipitou no abysmo da eternidade.

Coimbra, 8 de fevereiro de 1884.

A. Neves e Mello.

SEGUNDA CONFERENCIA

Da architectura manuelina

I. *Poderá crear-se um estylo original portuguez na arte? — Existiu algum dia esse estylo, e quaes os elementos que o caracterisavam?*

Tem-se fallado entre nós da originalidade de um estylo *nacional*, representado nos monumentos do seculo XVI, como de um facto historico provado e já absolutamente indiscutivel. Deu-se a esse estylo até um nome: chamou-se *manuelino*, isto é, pertencente á epocha de El-Rei D. Manuel (1495–1521).

Ninguem se lembrou, porém, de perguntar pelas provas, de reclamar a apresentação de documentos coevos, que attestassem, por exemplo, que os contemporaneos tiveram uma ideia clara dos caracteres d'esse estylo manuelino; que affirmaram de algum modo uma tendencia de innovação, quer directamente nos tractados especiaes theoricos, quer indirectamente pela bocca dos eruditos, dos antiquarios ou archeolôgos da Renascença portugueza:

Ninguem se lembrou de comparar os monumentos, dispersos pelo paiz, entre si; e depois com os extrangeiros da mesma epocha; ninguem calculou se entre a arte portugueza do primeiro terço do seculo XVI e a arte hespanhola da mesma epocha existiu alguma relação de affinidade, quando era natural suppor alguma influencia, algum parentesco, já provado e amplamente documentado no campo litterario.

Para dizermos tudo, parece-nos até que se ignorava a procedencia do termo *manuelino*, attribuindo, uns a invenção a Herculano, outros a Garrett. Era o que dizia a tradição.

O caso explica-se com relação a Herculano pela propaganda a favor dos *monumentos nacionaes* na revista *O Panorama* (vol. II, 1838, pag. 277 e vol. III, 1839, pag. 45). Garrett tinha feito umas phantasias sobre a arte, com pouco criterio, no *Retrato de Venus*, publicado em 1822, e cheio de erros grosseiros, como se não existissem as obras fundamentaes de Fiorillo e Lanzi, publi-

cadas a primeira de 1798–1808 em 5 volumes, a segunda em 1789, em 3 volumes e com 5 edições até 1818, augmentando mais 3 volumes (*seis*, desde a 3.ª edição) n'esse intervallo. É em outra obra, na 4.ª edição (1854) do poema *Camões*, muito divulgada, que apresenta o estylo manuelino, nos seguintes termos:

«No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tão unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*...» Segue uma nota a este termo: «Obteve por fim o indicado nome, hoje europeu, depois das ultimas publicações do sr. conde de Rackzinski» (pag. 200 das notas á 6.ª edição do *Camões*, 1863).

Garrett, escrevendo isto, esquecia-se do que assignara em 1846, n'um artigo intitulado *Claustro de Belem*, que começa assim:

«Eu creio seguramente que se podem marcar cinco epochas d'arte em Portugal, cujos estylos estão bem characterisados em seus diversos monumentos. O primeiro, o affonsino ou quasi gothico; o segundo, o joannino ou quasi normando; o terceiro, o manuelino, propriamente portuguez; o quarto, o philippino ou da restauração classica; e o quinto, finalmente, o moderno. Do novissimo, que poderia marcar uma sexta epocha, temos poucos exemplares, e não vem para aqui fallar d'elle.

«O claustro de Belem, pertence incontestavelmente á terceira epocha ou estylo, o manuelino. Bem como a egreja d'aquelle mosteiro, elle ata e infeixa com suas inredadas laçarias todos os generos de architectura, confundindo as tradições gothicas e as reminiscencias classicas, a simplicidade normanda e a luxuriante riqueza moirisca. Domina, porém, sobre tudo um pensamento nacional e proprio, uma ideia de grandeza, de elevação e de enthusiasmo, que geralmente characterisam aquella epocha desde os ultimos annos de D. João II, no glorioso reinado de D. Manuel, no de seu filho e até o fim dos heroicos e malfadados arrojos de D. Sebastião.

«Vê-se que aquillo foi edificado com o ouro, os diamantes e as perolas do oriente, e com a não menos rica especiaria d'essas terras de maravilhas, conquistadas pela industria e pelo valor dos edificadores. Que o architecto se chamasse João de Castilho, Jacomo de Bruges, ou como quer que se chamasse, que fosse portuguez ou castelhano, flamengo ou de Italia, elle inspirou-se das coisas portuguezas, e foi portuguez o que executou.

«Tão portuguez como os Luziadas.

«E não é dizer que nos Luziadas o genio da renascença não seja visivel. Ha alli reacção classica; ha sim, como a ha em Belem. As estancias do poema e as pedras do mosteiro são lavradas no mesmo espirito, foram desenhadas pela mesma inspiração. E ambos têem, o poema e o convento, um sabor normando *no fundo*, que nenhum ornato classico lhe póde tirar.

«Basta reflectir nos *doze de Inglaterra* quanto aos Luziadas, no talho e altivez das columnas e abobadas quanto ao edificio.

«Pretendem que em Belem domine o gosto flamengo. — Não sei em quê nem porquê. Ha similhanças certamente entre todos os edificios d'esta epocha por toda a parte da Europa, especialmente em Hespanha, França e Flandres. Mas o character do estylo manuelino é tão singularmente marcado, que mais depressa influiria do que receberia influencia de outros generos contemporaneos.

«Os antigos já disse que todos os reuniu e fundiu.

«A pintura é muito mais cosmopolita: a architectura e a poesia de um povo que tem verdadeira vida, como o nosso tinha então, fazem-se independentes, qualquer que seja a sua origem e tomam character nacional.

«Por isso Belem e os Luziadas são as cousas mais indisputavelmente portuguezas e originaes que ha em Portugal, apesar de todas as suas tão variadas reminiscencias.

«Em algumas notas ao meu poema *Camões* e n'outros bosquejos similhantes, *eu lancei esta ideia* ha bastantes annos; lisonjeio-me de a ver hoje tão seguida, e adoptada até por distinctos extrangeiros. A Batalha é bella, mas quasi puramente normanda» (sic) etc.

Isto escrevia Garrett em 1846, com quarenta e sete annos! Não fariamos a longa citação, se não fosse certo, infelizmente, que a auctoridade litteraria do nosso poeta deu fóros de axioma a esse arrazoado absolutamente phantastico. A citação transporta-nos a uma epocha em que os nossos poetas tinham escolhido o dominio da arte para as suas divagações estheticas, considerando-o como um appendice dos campos elysios, da abobada azul celeste e do céu estrellado; a illusão ainda continúa, posto que o *fundo normando* e o episodio *moirisco* decahissem um tanto da moda.

Estas divagações de Garrett tiveram voga, repetindo os seus admiradores a descoberta, até que em 1879 restabelecemos a verdade, apontando para a declaração de Varnhagen, já de todo esquecida.

O completo abandono dos estudos de archeologia nacional, a ignorancia das fontes da nossa pequena litteratura d'arte deu esse resultado: não se saber já que foi um auctor de merito secundario — F. A. Varnhagen — o inventor do estylo *manuelino*.

Já declarámos em outro logar que nada tinhamos a dizer «contra a designação de estylo manuelino, applicada aos edificios mandados construir no tempo de D. Manuel; porém, até hoje ninguem provou, pela critica comparada dos monumentos da Europa meridional, que os caracteres d'esse estylo sejam propriedade exclusiva dos nossos edificios de epocha manuelina.»

A citação de Varnhagen é um pouco extensa, mas não menos

caracteristica do que a de Garrett, ao qual forneceu noticias archeologicas.

«El-Rei D. Manuel, não satisfeito com deixar o seu nome escripto nos foraes que reformou de quasi todo o reino, e no codigo legislativo, bem conhecido com o nome de manuelino, e nas muitas moedas que metteu em circulação, e nas numerosas cartas que assignou para enviar pelos archivos do orbe, escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino — já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando — já nas portas das egrejas que construia. E com effeito as espheras armillares e as cruzes de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente sim, em geral, á epocha anarchica do renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular *sui generis*, que ainda se ha de caracterizar com o nome talvez de *manuelino*, quando por cá se der importancia á architectura, que de certo está mui longe de consistir nas regras materiaes de Vignola e seus numerosos commentarios seguidos nas escholas.

«Estudem-se nos originaes as obras de Belem; Sancta Cruz de Coimbra, que foi n'esse tempo reedificada de novo; as das capellas imperfeitas e arrendados da crasta real, e a portada da freguezia na Batalha; e em Thomar as do claustro antigo e casa do capitulo no convento, e as da egreja de S. João na villa; as das egrejas principaes em Soure e Evora d'Alcobaça; e em Lisboa a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o convento da Pena em Cintra, o de S. Francisco em Evora e restos de construcções em Serpa, Tavira e outras terras. — Só um tal estudo, feito depois de muita observação, nos poderá conduzir a estabelecer com firmeza os caracteres d'esse estylo manuelino, cujo typo é Belem.»

Tivemos o cuidado de estudar tudo isso, com attenção. Em Tavira não ha nada de *manuelino*, presentemente. S. Francisco de Evora nunca pertenceu a esse estylo; é um monumento caracteristico do reinado de D. João II, e lá tem o seu emblema favorito por cima da porta principal, debaixo da galilé. Em compensação podia ter citado outros edificios — fragmentos — do mesmo genero; mas esse pouco bastou para deduzir os seguintes *caracteres*, que V. apresenta só como amostra «por emquanto»:

1.º Predominio da volta inteira e do sarapanel, terminando nos dois extremos em arcos de circulo, o que segundo Willis é privativo do gosto arabico.

2.º Tolerancia de todas as mais voltas; tendo as de ponto subido um retabulo em harmonia, e os de mais de dois centros, pinhas ou maçanetas cahidas das intersecções ou vertices dos angulos curvilineos.

3.º Abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou en-

feixados, e com pedestaes; sendo o enfeixamento disfarçado não só pela falta de arestas salientes de permeio, como pelas muitas esculpturas e meios relevos.

4.º Demasia e extravagancia nos ultimos, comprehendendo bustos em medalhões, arabescos, bestiaes, brutescos, etc.

5.º Ausencia de molduras rectas, ou, antes, cortes amiudados d'ellas por outras curvas, preferindo nos lavores meias laranjas, bocetes, etc.

6.º Os corpos verticaes interceptados por nichos de estatuas, ou por baldaquins torreados e rendados.

7.º As hombreiras das portas, frestas e janellas quasi sempre compostas, e as bases das columnas, cortadas por salientes repetições angulares, de caracter peculiar.

8.º Entre as harmonias de construcção — odio continuo a repetições de monotona igualdade nos capiteis, misulas e gargulas, e em geral falta de symetrias bilateraes.

9.º Adopção de preferencia ás fórmas oitavadas, assim na ramificação dos artezões, como nas bases octogonas.

10.º Finalmente, o uso continuo para os florões e ornatos de logares mais notaveis, das divisas conhecidas do rei fundador, e, além d'isso, tanto em Belem como na Batalha, mais uma esculpida n'um escudo, sobre que pedimos o parecer dos eruditos. Consiste n'um ramo de tres flores eguaes, com pés e folhas que parecem de lys. — Cremos até, pelas occasiões em que as achamos empregadas, que symbolisam a ordem d'Aviz, de que fôra grão-mestre el-rei D. João II, e o era então seu filho natural D. Jorge, duque d'Aveiro, primo do fundador.

Isto são as theses de Varnhagem em 1842.

Considerando bem todos os dez paragraphos, notaremos que apenas os tres primeiros se referem ás condições estaticas da architectura, e os restantes, simplesmente, á ornamentação d'ella. Ora da estatica depende a existencia de uma obra de arte, a qual póde muito bem existir sem o menor ornato. Tudo o que diz respeito á ornamentação é pois um accidente, e tem uma importancia secundaria; só póde ser considerado depois de se haver attendido á solidez da construcção, que se baseia nas leis do equilibrio.

Se Varnhagen nos tivesse descripto as feições caracteristicas dos elementos constructivos ou estaticos dos edificios manuelinos; se nos houvesse apresentado uma collecção de *plantas*, em que demonstrasse a originalidade dos traçados; se a estes documentos tivesse juntado os respectivos *alçados*, não esquecendo os perfis dos elementos essenciaes da construcção (columna ou pilar, arco, artezão, abobada, etc.) — então teriamos um material valioso; então seria facil verificar a originalidade das concepções artisticas da epocha manuelina por meio de um estudo comparado. Em parte alguma, mesmo no anno de 1842, se ten-

tou a analyse de um edificio, (quanto mais de um estylo) sem os requisitos que indicámos.

Que importa o predominio da *volta inteira* ou do *sarapanel*, se o auctor não nos indica a ligação com a columna ou pilar e com o systema da abobada?

O que significa a *tolerancia de todas as mais voltas*, a não ser um eclectismo absurdo, que seria a negação de todo e qualquer estylo.

As «abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados» existem em muitas partes, assim como os pilares, com arestas e sem ellas, com e sem esculpturas e relevos; do mesmo modo são vulgares as *pinhas* ou *maçanetas*, os medalhões, arabescos, bestiaes, brutescos, etc , etc.

Quinet, ao menos, quiz ver, com os seus olhos de poeta, os triumphos da vida maritima, esculpidos em Belem. Mas nem os cabos, nem os mastros, nem os côcos, nem os ananazes, nem os macacos, nem os papagaios, astrolabios, espheras, etc., etc., significam cousa alguma n'um processo de critica sensata. Quinet descreve o que viu e o que phantasiou em Paris, no seu gabinete, quando redigia as suas notas de viagem, porque o leitor não achará a quarta parte dos emblemas que elle aponta, e terá de descontar, ainda assim, o que elle não soube interpretar, emblemas aliás bem vulgares.

Póde ser que algum dia appareça uma associação ou uma empreza intelligente que se lembre de organizar um museu de gessos nacional, mandando moldar os detalhes dos edificios da epocha de D. João até D. Sebastião, a parte ornamental, porque as plantas pode-as tirar o estudioso. Então, em face de alguns milhares de gessos, bem classificados e coordenados, e postos em frente de outros tantos exemplares tirados sobre os edificios hespanhoes contemporaneos, então será possivel decidir a respeito da originalidade do estylo manuelino dentro da peninsula.

Os estudos que fizemos na Hespanha em tres viagens demoradas, ajudam-nos a formar uma opinião contraria a essa tal originalidade.

Nem em Belem, nem na Batalha, nem em Thomar ha construcção manuelina que exceda os primores de Salamanca, Valhadolid, Segovia, Toledo e Burgos; a mesma, senão maior riqueza, uma imaginação prodigiosamente fecunda, uma variedade immensa de motivos de ornamentação, e um lavor que desafia a comparação com tudo o que temos de mais perfeito na epocha manuelina.

Já o demonstrámos em 1882 em conferencias publicas.

Seria muito para admirar que a Hespanha nos ficasse a dever alguma cousa n'esta confrontação, quando a nação vizinha organizou o ensino das artes e officios primeiro do que nós. As corporações catalãs e valencianas tinham conquistado uma po-

sição dominante no seculo XIV, quando as nossas não haviam nascido. E depois mesmo não encontramos os primeiros estatutos antes do fim do seculo XV, redigidos de uma maneira deficiente, a ponto de os jurisconsultos da corôa terem de intervir com a tutela official, reformando-os auctoritariamente. Ainda depois, nos seculos XVII e XVIII, gastou-se um tempo precioso a discutir questões devotas, procissões, festas, missas, enterros, ou em demandas sobre casos de precedencia, que lisonjeavam a vaidade pessoal dos confrades. É raro encontrar nos estatutos dos officios elementos didacticos, providencias a respeito do ensino. A confrontação que fizemos com os estatutos hespanhoes dos seculos XIV-XVI não é vantajosa para os nossos, em geral muito menos completos, redigidos com pouca precisão e clareza, e além d'isso inspirados por uma benevolencia que deu origem a repetidos abusos e a demandas interminaveis.

Ninguem fizera ainda identicos estudos, e as comparações eram, sem duvida, os fócos da actividade industrial e artistica.

É singular que entre uma grande quantidade de estatutos de corporações e officios, ineditos, que tivemos a fortuna de descobrir, se encontre apenas um, relativo aos *pedreiros*, que se refere ainda assim á escala inferior do officio. Nenhum signal ou indicio da organisação de *Bauhütte* (fabric-house, loge maçonique), e o que é mais notavel, nenhum compendio ou corpo de doutrina em latim ou vulgar até ao primeiro terço do seculo XVIII! Em Hespanha o caso é differente.

As *Ordenanzas* relativas aos alarifes apparecem em Cordova em 1503, em Sevilha em 1527, perfeitamente redigidas, representando uma tradição muito anterior. Os grandes tractados theoricos italianos são traduzidos e publicados; as juntas de architectos funccionam regularmente, como em Italia, discutindo os problemas difficeis da arte, organizando concursos entre os artistas do paiz. A Hespanha vive, emfim, dos seus proprios recursos. Não se esqueça sobre tudo que as provincias banhadas pelo mediterraneo, principalmente a Catalunha, Valencia e Murcia, viveram ligadas á Italia pela dynastia de Aragão desde o principio do seculo XV, e que desde 1409 até 1545 a influencia politica preponderante em Napoles, Roma e Milão é a hespanhola. D'ahi um movimento constante a favor das questões italianas, na arte, na sciencia e na politica, que contrabalançou a influencia das questões coloniaes. Emquanto nós nos deixámos absorver completamente pelo afan das conquistas, perdendo mais de uma vez o fio das nossas relações com o Occidente, sacrificando mesmo a mãe-patria para sustentar o imperio do Oriente, a Hespanha soube attrahir da Italia, da Allemanha e dos Paizes-Baixos os espiritos mais illustres do seculo XVI, e aproveitar os seus serviços.

Em Portugal a actividade resumia-se em Lisboa; a vida

tinha abi ainda uma feição cosmopolita com um colorido oriental, como o de um grande bazar. A sorte da opulenta cidade não dependia porém do elemento indigena, mas sim das naus da carreira da India, de um acaso. Esta differença tão essencial nos destinos das duas nações, uma sacrificando-se na Asia e Africa, a outra luctando para avassallar a Europa, retrata-se material e idealmente na arte.

O fidalgo hespanhol levanta o seu palacio com o esplendor dos grandes principes da Italia; o mercador edifica a sua Bolsa com um apparato e um fausto imponente, rivalisando com os seus collegas de Veneza; emfim o municipio, como representante de uma burguezia abastada e altiva, ergue os seus paços para perpetua admiração dos vindouros.

Percorra-se todo o Portugal e procure-se uma Bolsa como a de Palma, de Valença, de Zaragossa ou de Sevilha; uns paços municipaes como os da mesma Sevilha; ou residencias como os palacios dos Mendozas em Guadalajara, dos Ribera em Sevilha, dos Guzmanes em Granada, dos Ayalas e Mezas em Toledo — procure-se, e não se encontrará nada d'isso. Os proprios palacios reaes: o da Ribeira, destruido, os de Almeirim e de Evora são construcções muito modestas, á vista dos Alcazares de Sevilha e de Segovia (mudejares), de Toledo e Granada (renascimento), de Valhadolid, etc. Apenas a casa de Bragança, com os seus paços de Guimarães e Villa-Viçosa, chama a attenção da critica.

Emfim, se procurarmos as escholas, os templos da sciencia, encontraremos os esplendidos edificios de Alcalá e Salamanca, ao lado das nossas modestas construções de Coimbra e Evora.

É forçoso confessar esta inferioridade na theoria e na practica da arte, na organização do ensino, das classes industriaes, no methodo de propaganda e na realização dos grandes problemas architectonicos.

Dadas estas condições, como é que se póde fallar em originalidade, ou invenção de um estylo nacional?

O que é, emfim, esse estylo, e o que significa para nós e para a arte?

Raczynski conta que Alexandre Herculano lhe dissera um dia a proposito da architectura manuelina: «É a resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I» — e o conde achou a advertencia muito engenhosa e muito exacta, accrescentando: «e contra os estylos de Baltazar Peruzzi, Bramante e até Raphael, considerado como architecto.»

Conclue-se que ambos os escriptores consideravam o estylo manuelino como o resultado de um compromisso, de uma lucta, emquanto que Varnhagen e Garrett accentuavam mais a originalidade; mas nenhum dos quatro negava o caracter *eclectico* do estylo manuelino.

Custa-nos a comprehender como dois homens instruidos e intelligentes não reconheceram que era indispensavel estudar as relações internacionaes de Portugal nos seculos XV e XVI, seguir as correntes da emigração artistica para a peninsula hespanica, *rendez-vous* de todos os aventureiros no *Seculo das descobertas*, e recolher os testemunhos mais insuspeitos, isto é, proceder ao exame dos monumentos, em detalhe, não perdendo a arte hespanhola um unico momento de vista. Então haveriam notado n'esses edificios manuelinos a confusão de elementos decorativos, provenientes de varios paizes, uma amalgama que não obedece aos preceitos de nenhuma eschola, o producto do acaso, do capricho, e muitas vezes de uma phantasia desregrada. Anda alli a Renascença hespanhola, a italiana, a franceza, a allemã e flamenga, tudo *pèle-mêle*, exactamente como nos monumentos typographicos, nos emblemas e ornatos, nas iniciaes e nos frontispicios das nossas edições de 1500.

A execução zomba de todas as leis e regras mais elementares da arte; não se attende á natureza do material, nem ás condições do clima; escolhe-se mal a pedra, só para a violentar, cobrindo-a com uma profusão de ornatos que não se percebem a poucos passos de distancia. O esculptor talha aqui o arco de uma janella, sem se importar com as leis de symetria, sem cuidar do que faz o seu vizinho, sem subordinação ao plano geral, absorvido pela preoccupação do detalhe. O senhorio juncta de tempos a tempos um supplemento á obra: mais uma varanda, mais um pateo, mais um mirante, uma capella, um celleiro ou uma adega, desequilibrando o plano e systema da construcção — se algum dia o houve; o resultado é uma obra cheia de remendos mais ou menos interessantes, mais ou menos pittorescos, mas a harmonia, a ordem, a clareza de concepção, a lei suprema, sem a qual não ha obra de arte completa — desappareceu.

Com effeito, o que resta da architectura manuelina no paiz são detalhes, fragmentos, abstrahindo de Belem; no convento de Thomar já não ha plano. Estamos convencidos de que, se algum dia se chegar a reunir um museu bem completo da ornamentação d'esses dois edificios, pondo-a ao lado dos exemplares contemporaneos da arte hespanhola, será facil verificar o que já affirmámos, depois de estudos especiaes nos dois paizes, e repetimos aqui: — a dependencia d'esse estylo, a sua importancia secundaria, a sua bastardia.

Não é nosso intento diminuir o merecimento dos artistas portuguezes dos seculos XV e XVI. Uma ou outra figura saliente não constitue ainda uma eschola. O movimento geral depende de uma tradição segura, secular, de uma progressão que actua lentamente. Já o dissemos e provámos com relação a outra arte, á pintura portugueza, no seio da qual se descobriu tambem um estylo absolutamente original — uma eschola!

E' sabido que em varios edificios notaveis do norte de Portugal, na Sé de Braga, na matriz de Caminha, trabalharam artistas *biscainhos*, constituindo verdadeiras colonias, arruadas. A influencia da arte hespanhola da Renascença ainda é bem visivel, em nossa opinião, em outras construcções do paiz: parecenos até que os vultos de Berruguete e Becerra, Diego Riaño, Diego de Siloe e Enrique de Egas, Covarrubias, Toledo e Herrera terão algum dia de occupar os nossos criticos, que andam por ora atraz de outras influencias e escholas.

Resumindo os topicos:

1.º Admittimos o termo *manuelino* applicado á architectura da epocha de D. Manuel, como admittimos um estylo *tudor*, um estylo Henri I, um estylo Luiz XIV, etc., notando sempre que o reinado de D. Manuel não circumscreve a duração do estylo que se pretende caracterisar com o seu nome. D. Manuel sobe ao throno em 1495, e a desorganisação do systema gothico é de data anterior, tanto com relação ao systema de construcção, como aos elementos decorativos. E morrendo D. Manuel em 1521, o estylo continúa n'uma desorganisação successiva até fins do seculo XVI, em virtude dos germens dissolventes com que nasceu.

2.º O systema de construcção não apresenta originalidade alguma nas plantas e alçados, no *traçado* em geral; ha apenas um agrupamento mais ou menos pittoresco.

3.º Como não ha plano, nem traçado rigoroso, não ha uma determinação clara das *funcções* que os elementos architectonicos têem de exercer. Elementos constructivos ficam reduzidos a accessorios puramente decorativos; e accessorios decorativos *simulam* elementos constructivos e funcções estaticas.

4.º Não ha systema de ornamentação, nem ideia do que seja a estylisação das formas ornamentaes (flora e fauna). Ao lado de um motivo puro, encontra-se um motivo impuro; ás vezes no taboleiro do mesmo pilar um arabesco bem estylisado, sobrepondo-se a um desenho absolutamente naturalistico, sem a menor ligação entre si.

Os motivos não são conduzidos e ligados; são sobrepostos, ou correm parallelos no mesmo plano, em flagrante contradicção; e muitas vezes com differença sensivel nos perfis, porque a graduação do relevo é desegual na mesma superficie. Outras vezes ha até elementos com dimensões deseguaes, apezar de terem sido postos em correspondencia, em symetria.

5.º Ignorancia quasi completa da anatomia da figura humana; falta do estudo do *nú* em todas as artes, incluindo a arte industrial (figuras da Custodia de Belem!)

Em summa, um eclectismo que acceita o novo e o velho sem critica; uma accumulação de elementos contradictorios, uma ostentação vã, porque não obedece a nenhum principio superior; o capricho do esculptor, onde devia só prevalecer a *ideia*

do architecto; a indisciplina na arte, como reflexo da indisciplina nos costumes.

O effeito geral — muito pittoresco, isso sim; um vegetabilismo que encobre todas as linhas essenciaes, todos os perfis, todas as proporções como a hera que involve o tronco do roble, para o lançar amanhã por terra — exhausto.

Em todo e qualquer paiz culto a lucta entre dois estylos produziu sempre um abalo, que se venceu com vantagem, sendo uma crise mais ou menos passageira, conforme a vitalidade do meio social; mas não ha exemplo de uma desorganisação que dura quasi um seculo, e conduz ao aniquilamento de todas as forças, á imitação servil no seculo XVII, á imitação no seculo XVIII, e ainda á imitação no seculo XIX.

A razão é sempre a mesma; hoje como no seculo XVI não ha eschola, não ha ensino, não ha estudo.

E não só não houve eschola, mas, pelo contrario, uma indifferença completa em face das raras tentativas que foram ensaiadas para organizar o estudo da arte em solidas bases, não faltando quem glosasse, satyricamente e com a maior irreverencia, a reforma do ensino artistico, baseada no estudo dos monumentos e dos textos, iniciada por Leone Battista Alberti (1404–1472) e continuada até Miguel Angelo.

O facto é incontestavel, e uma prova flagrante do triumpho da mediocridade e da ignorancia sobre uma doutrina, como a de Vitruvio, cujas obras toda a Renascença, toda a Europa culta respeitava como um Evangelho. Repetimol-o mais uma vez: triumphava o capricho, o diletantismo, que tractava a arte como uma cousa venal.

Um pequeno grupo de eruditos tentou salvar algumas reliquias e pôr em circulação certas ideias de humanismo, que pertenciam ao novo credo artistico. Entre os prelados figuram o Bispo de Vizeu D. Miguel da Silva, o amigo de Balthazar Castiglione, os Arcebispos de Braga e do Funchal, D. Diogo de Souza e D. Martinho de Portugal e o Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida. Os antiquarios são poucos: Gaspar Barreiros, e principalmente André de Rezende, que sustentou com D. Miguel da Silva a unica questão archeologica de importancia, levantada entre nós no seculo XVI. Muito mais activa era a correspondencia de Rezende com os antiquarios hespanhoes Ambrozio de Morales, Bartholomeu Cabedo, Vaseu, etc., mas nem a propaganda dos sabios, nem o diletantismo artistico dos grandes prelados foi sufficiente para abalar á indifferença da burguezia e excitar a emulação dos principes. Ha apenas noticia do pequeno museu de antiguidades do Duque de Bragança D. Theodosio I, em Villa-Viçosa; do museu de gessos do Infante D. Luiz, que Francisco de Hollanda havia organizado na Italia; e do museu de quadros de Damião de Goes em Lisboa.

É emfim n'esta epocha de D. João III que apparecem as primeiras descripções de monumentos e logares celebres nacionaes, segundo a moda italiana do seculo XV. Frei Francisco de Mendanha manda a Paulo III a descripção do mosteiro de Sancta Cruz (1540–1541) e Luiza Sigéa ao mesmo Papa o seu poema latino com a descripção de Cintra (1545). A primeira descripção archeologica, *em vulgar*, sahiu, porém, só em 1553! É a de Rezende sobre Evora.

Apezar de todas estas tentativas, é singular e caracteristico, tornamol-o a repetir, que nem Pedro Nunes achasse um editor para a sua traducção de Vitruvio, nem Rezende para a sua versão de Alberti, nem o pobre Francisco de Hollanda o auxilio que pedia a El-Rei para imprimir os seus importantissimos tractados.

II. *Poderá esperar-se um estylo original portuguez no futuro?*

Seremos muito mais breves n'esta segunda parte, mesmo porque é verdade assente: «que ninguem é propheta na sua terra.»

Um estylo original na arte deveria ser em Portugal o que foi em todos os paizes: a expressão mais elevada do modo de sentir a eurythmia das linhas, a harmonia da côr, a melopeia musical dentro do limite das tradições patrias. Se a alma popular tivesse tido o alento que ella tira da liberdade; se não lhe houvessem cortado a inspiração espontanea que ella tirou em todos os paizes das tradições locaes, se não houvessem separado a nação, a grande massa anonyma, dos espiritos mais illustres da sociedade portugueza, — por um abysmo de ignorancia, póde ser que tivessemos chegado, aindaque tarde, a um ponto culminante.

Tarde nasceu a eschola hespanhola de pintura, a ultima na serie historica; tarde nasceu a Zarzuela, mas nasceu.

Se não fosse Camões, não teriamos entrado n'aquelle illustre areopágo onde se decide da mortalidade ou da immortalidade das nações.

Mas não julgamos que tudo esteja perdido. Nem tudo seccou. A inspiração popular não está extincta, apezar de haver chegado a um periodo de crise, que póde ser o ultimo e conduzir a uma ruina completa.

A familia portugueza conservou na sua habitação rustica uma serie de industrias que nós baptizámos com o nome de *caseiras*, e que nos mereceram especial estudo durante uma serie de annos. A organisação que a Austria deu ás suas industrias populares, ameaçadas de um lado pela concorrencia extrangeira, do outro pela lucta que a machina provoca, em toda a parte onde

apparece, com os instrumentos mais ou menos primitivos do trabalho manual — provocou em 1871 e novamente em 1875 a nossa admiração. Depois de duas longas viagens no estrangeiro, que duraram mais de um anno cada uma, e depois de novos estudos de gabinete, e da confrontação de um copioso material litterario, lançámos a base para uma organisação identica em Portugal, que foi publicada em 1879. Aproveitámos os momentos de descanço de 1876–1879 para percorrer o paiz inteiro, e ainda n'esta data (Abril de 1883) não damos a exploração por terminada.

Com o trabalho litterario correu parallelamente uma propaganda em sentido practico, que deu os seguintes resultados:

1.º Conferencias sobre as artes industriaes, especialmente as portuguezas (arte erudita e arte popular) no *Collegio Portuense* do Porto, na primavera de 1878. (V. *Reforma do ensino de desenho*, pag. IX (programma das dez conferencias).

2.º Conferencias sobre a historia da arte peninsular, comparada; quinze conferencias no *Centro artistico Portuense*, no inverno de 1880–1881.

3.º Conferencias sobre a historia da arte peninsular, *especialmente das artes industriaes*, durante a «Exposição de arte ornamental» de Lisboa, na Associação dos jornalistas e escriptores de Lisboa; quatorze conferencias. Maio a Junho de 1883. (V. o Programma no *Album da Exposição industrial de Aveiro*, pag. 53).

N'este intervallo de 1878–1883 organisámos na *Sociedade de Instrucção do Porto* a serie de Exposições nacionaes sobre programmas nossos, absolutamente novos no paiz: *Industrias caseiras* e *Ceramica nacional* em 1882; *Ourivesaria e joialheria nacional* em 1883. Elaborámos, finalmente, o programma da *Exposição de tecidos nacionaes*, planeada para o anno corrente; tudo isto — e a lista fica ainda muito incompleta — prova a fé que temos nas industrias populares, tradicionaes, do paiz; o valor que ligamos á arte espontanea do operario popular, ás suas preciosas disposições naturaes, que apenas carecem de uma educação cuidadosa para produzir aquillo que ambicionamos ha tanto tempo, e que procuramos debalde no passado, nas egrejas, nos palacios, nos conventos; um estylo puro, nacional na sua expressão, tão adequado á habitação rustica do jornaleiro, e do homem do campo, como á residencia do burguez e ao palacio do principe.

Temol-o affirmado, repetido e provado: o futuro da arte portugueza está na industria popular, nas industrias caseiras, cujos productos ahi estão patentes.

Coimbra, 4 de fevereiro de 1884.

Joaquim de Vasconcellos.

TERCEIRA CONFERENCIA

Caminhos de ferro

Meus senhores. — Parece-me desnecessario entrar em largas considerações para fazer sentir a utilidade e a importancia do papel que os caminhos de ferro representam no regimen e em toda a economia da civilisação moderna. Os caminhos de ferro são para a civilisação actual o que a circulação dos liquidos nutritivos é para os organismos, quer dizer, uma condição essencial de vida e de desenvolvimento. As civilisações com effeito são como a agua, precisam de se agitarem e de se moverem para não estagnarem.

A applicação do vapor á industria dos transportes, á circulação das cousas e das pessoas, á communicação das ideias e dos interesses veio dar á civilisação contemporanea uma tal intensidade, um tal gráu de generalidade e de solidariedade, que podem capitular-se de illusorias todas as tentativas para a aniquilarem, para a fazerem reverter a um periodo anterior de desenvolvimento, ou sequer para a paralysarem.

Póde conceber-se o aniquilamento de uma civilisação parcial e isolada, como a civilisação grega ou a civilisação romana, mas é absurdo suppor-se o aniquilamento de uma civilisação quasi geral, que tem por larga base a superficie de dois grandes continentes e por defensores trezentos ou quatrocentos milhões de homens, pertencentes ás mais vigorosas e intelligentes raças do universo. Não ha alavancas que possam mover um tal mundo de interesses.

É esta generalidade de acção, é esta solidariedade de interesses que fazem já da Europa actual uma grande federação economica, emquanto a rotina das tradições historicas e a alluvião espessa dos preconceitos a não deixam converter n'uma grande federação politica. E foi o vapor applicado á industria, e em especial á industria dos transportes, que realizou este sin-

gular milagre, esta utopia humanitaria dos generosos pensadores do seculo XVIII.

A moderna industria dos transportes é a condição essencial de todas as outras industrias, é o seu sangue e a sua vida, é a industria das industrias. E ella tem como formula eminente e caracteristica a invenção maravilhosa dos caminhos de ferro.

O assumpto não está pois deslocado n'este logar. Posto que os caminhos de ferro se não achem especialmente representados n'esta Exposição por quaesquer modelos de machinas ou por quaesquer exemplares de material fixo ou circulante, elles influem por tal fórma e tão directamente no regimen industrial, que tractar d'elles é tractar do assumpto que mais intimamente respeita á prosperidade da producção e da circulação da riqueza.

Nas primeiras edades prehistoricas, antes da invenção da roda e do vehiculo, o homem para transportar de um ponto para outro um peso qualquer, uma pedra, um tronco de arvore, precisava de empregar um esforço igual ao peso d'esse objecto. Um dia, observando talvez que, rolando o tronco da arvore, o esforço que precisava para o deslocar era muito menor, ficou desde esse momento com os germens da invenção da roda. Inventada a roda e o vehiculo, o esforço tornou-se a quinta parte do peso deslocado, ou, o que é o mesmo, o homem agora com o mesmo esforço deslocava um peso cinco vezes maior. Notando depois que o estado da consistencia e as condições de inclinação do solo sobre que rolava o vehiculo influem consideravelmente na quantidade de esforço necessario para o transportar, inventou a estrada, e viu assim esse esforço reduzido á setima ou oitava parte do que era primitivamente. Interpondo em seguida entre o peso a transportar e as rodas do vehiculo um corpo elastico, que lhe moderasse os choques da carriagem e lhe diminuisse a perda de força viva, conseguiu descer o seu esforço á duodecima parte do que precisava dispender antes da invenção da roda. Inventando finalmente o caminho de ferro, com todos os seus aperfeiçoamentos de material fixo e circulante, levou esse esforço a ser duzentas e cincoenta vezes menor e encarregou d'esse mesmo trabalho um motor que se não cança.

Os ultimos aperfeiçoamentos nos meios de transporte são de hoje. D. João V, o mais faustoso e sardanapalesco rei de que reza a historia portugueza, era transportado nos seus coches dourados muito mais incommodamente do que o é hoje um viajante de terceira classe.

O primeiro caminho de ferro de grande velocidade para transporte de passageiros que se construiu no mundo foi o caminho de ferro de Liverpool a Manchester. Esta invenção é uma das poucas cousas boas que nós devemos aos inglezes, que não primam pelo genio inventivo. De ordinario, quando se lembram de inventar alguma cousa, têem quasi sempre a infelicidade de já

a encontrarem inventada. Quando se lembraram, por exemplo, de inventar colonias, estavam ellas descobertas por nós; mas foram elles que tiraram o privilegio da invenção, deixando-nos a nós a honra nua do invento.

Os caminhos de ferro, como todas as grandes creações do espirito humano, tiveram os seus detractores e os seus calumniadores illustres.

Diz-se que a egreja os amaldiçoou como uma invenção diabolica. Não me dei ao trabalho de averiguar este facto, porque me interessam muito pouco as bagatelas theologicas; mas, sem querer com isto fazer jus a uma benção papal, direi que a egreja tem illustres companheiros na rabugice. A Academia franceza disse, pela voz de um dos seus quarenta immortaes, que os caminhos de ferro eram um mero brinquedo de salas, e Thiers, em 1834, na volta de uma viagem á Inglaterra, onde tinha andado no magnifico caminho de ferro de Liverpool a Manchester, teve a infelicidade de dizer do alto da tribuna franceza que os caminhos de ferro não passavam de um entretenimento para ociosos. Pelo mesmo tempo, porém, o ministro inglez Robert Peel proferia estas palavras no parlamento da Gram-Bretanha: Depressa, meus senhores, é necessario ligarmos a Inglaterra de um extremo ao outro por meio de communicações a vapor, se quizermos conservar a nossa posição e manter a nossa superioridade no mundo.

Qual é a utilidade real que o publico tira dos caminhos de ferro? Para maior clareza reduzamos a resposta a algumas relações arithmeticas simples: Actualmente ha em exploração no nosso paiz uns 1:500 kilometros de caminhos de ferro, que custaram approximadamente 70:000 contos de réis. Para que este capital se considere bem collocado, é preciso que dê um rendimento não inferior a 5 %, ou 3:500 contos. O rendimento bruto da exploração d'esses 1:500 kilometros é pouco inferior hoje a 4:000 contos de réis, o que quer dizer que o paiz gasta 4:000 contos de réis com os seus transportes em caminhos de ferro. Quanto teria a gastar, se tivesse de effectuar esses transportes por estradas ordinarias? Suppondo o preço dos transportes proporcional ao esforço que é preciso empregar para o realizar, e sabendo-se que o esforço necessario para deslocar um peso qualquer sobre uma linha ferrea é vinte vezes inferior ao que seria preciso para carrear o mesmo peso n'uma estrada ordinaria, vê-se que, se o paiz gasta 4:000 contos nos seus transportes em caminhos de ferro, teria de dispender vinte vezes mais, ou 80:000 contos, para realizar o mesmo numero de transportes em estradas ordinarias. Quer dizer: o capital 70:000 contos, empregado em caminhos de ferro, produz uma utilidade, que póde arithmeticamente computar-se em 76:000 contos, que é a differença dos 4:000 contos, que gasta, para os 80:000 que teria a gastar, se

tivesse de realizar esses transportes por estradas ordinarias. Por conseguinte os caminhos de ferro são socialmente um instrumento economico que dá um juro superior a 100 %.

Não deve porém confundir-se essa utilidade social, arithmeticamente computada, com o juro commercial das empresas exploradoras. Uma dada empresa de caminhos de ferro póde e é muitas vezes uma collocação de capital ruinosa, e para isso basta que o producto liquido da exploração seja inferior ao juro medianamente remunerador do capital dispendido na construcção.

Taes como hoje os vemos, com os seus comboios de mercadorias, arrastando 400 toneladas de carga, afóra o peso morto dos vehiculos e da locomotiva, com os seus expressos percorrendo cem kilometros por hora, os caminhos de ferro representam uma somma de trabalho intellectual, uma accumulação de esforços scientificos e de invenções industriaes verdadeiramente prodigiosa. Para se fazer uma ideia d'esses aperfeiçoamentos, bastará saber-se que as locomotivas percorriam:

Em 1825 —	9	kilometros	por hora
» 1829 —	25	»	»
» 1834 —	34	»	»
» 1838 —	51	»	»
» 1839 —	62	»	»
» 1868 —	70 a 80	»	»

e em alguns casos excepcionaes chegam hoje a 108 kilometros por hora.

A historia das locomotivas constitue de per si só um assumpto interessante para uma conferencia. Não especificarei por isso toda a serie de invenções e de aperfeiçoamentos que levaram esse maravilhoso motor ao estado em que nós o vemos hoje.

Apontarei apenas o invento das caldeiras tubulares, progresso fundamental e decisivo, que veio tornar pratico o problema da viação accelerada. As primitivas caldeiras das machinas de vapor, como se sabe, consistiam n'um simples cylindro metallico, de maior ou de menor diametro, que se aquecia directamente para vaporisar a agua que dentro d'elle se continha. A força elastica do vapor desenvolvido por esse aquecimento, actuando sobre um embolo contido dentro de um corpo de bomba, communicando com essa caldeira, imprimia-lhe um movimento de vai-e-vem, que se transformava, por orgãos apropriados, em movimento circular. A quantidade de vapor desenvolvido, e por conseguinte a sua força de expansão, é directamente proporcional á superficie de vaporisação. A invenção das caldeiras tubulares, devida a Marc Seguin, tornando por assim dizer indefenido o desenvolvimento d'essa superficie, criou as locomotivas e com

ellas os caminhos de ferro. Os inglezes reivindicam para si a invenção das locomotivas. É certo que foi Stephenson o primeiro que construiu uma locomotiva de grande velocidade em 1829; mas a ideia das caldeiras tubulares pertence a Marc Seguin, que registou o seu invento em França em 1828.

Tenho presente um mappa, extrahido de uma excellente publicação official franceza, do desenvolvimento dos caminhos de ferro nas principaes nações da Europa e nos Estados-Unidos desde 1830 até 1878. Vê-se por esse mappa que a extensão total das linhas ferreas na Europa em 1878 era de 158:157 kilometros, ou quasi quatro vezes a circumferencia da terra, e que na mesma data os Estados-Unidos possuiam 131:682 kilometros.

(Vid. mappa n.º 1).

Em relação á extensão total da rede explorada é a Allemanha que occupa o primeiro logar n'esse mappa, a Inglaterra o segundo, a França o terceiro e nós o decimo quinto, tendo apenas abaixo de nós a Noruega e a Grecia. Este dado porém é de pouco valor, pois que póde haver um paiz com uma pequena rede muito mais bem servido do que um outro com uma rede mais extensa. Comparando porém a extensão da rede explorada com a superficie do territorio e com a população, vemos que é a Suecia que occupa o primeiro logar, pois que possue 10,3 kilometros de caminho de ferro por cada 10 mil habitantes, a Suissa o segundo, a Inglaterra o terceiro, e nós ainda o decimo quinto, o que já é desconsolador; e que em relação ao territorio é a Belgica que está em primeiro logar, pois que tem 13,5 kilometros de linhas ferreas por cada 100 kilometros quadrados de terreno, a Inglaterra o segundo, a Suissa o terceiro e nós o decimo, o que ainda nos não colloca em posição honroza.

Para a execução d'esta rede de caminhos de ferro têem-se seguido nos diversos estados da Europa differentes systemas: construcção por conta do estado e exploração por companhias, construcção e exploração por conta sómente do estado, construcção e exploração sómente por conta de companhias com subsidio kilometrico, garantia de juro ou mesmo sem subsidio nem garantia alguma, como aconteceu na Inglaterra. Fosse porém qualquer que fosse o systema seguido, excepto o da construcção e exploração por conta do estado, estas poderosas companhias de caminhos de ferro arvoraram-se em potestades financeiras de primeira ordem e vexaram e estão vexando em toda a parte o publico e os governos com a exploração brutal dos seus privilegios e monopolios. Na propria Inglaterra, onde, como dissemos, as companhias vivem sob o regimen da livre concorrencia, e onde o estado não subsidiou essas companhias nem lhes garantiu juro de capitaes, o conluio e a mancommunação das diversas emprezas de caminhos de ferro estabeleceram de

facto o regimen do monopolio, e ellas exploram o publico inglez tão desalmadamente como se realmente fossem priviligiadas. Por esse conluio, realisado em 1858, desappareceu totalmente na Inglaterra a concorrencia entre as diversas emprezas de caminhos de ferro, que levaram a exploração á bolsa do publico até ao ponto de adquirirem quasi metade de todos os canaes de navegação, garantindo aos restantes um rendimento certo. E não contentes com terem assim nas mãos quasi todas as vias de transporte terrestre, adquiriram 43 portos de mar. Apertado n'esta rede de explorações e de conluios o publico inglez agitou-se, reclamou, queixou-se, o governo ordenou inqueritos, nomeou commissões, e dictou leis, mas tudo ficou na mesma, porque na Inglaterra impera como senhor absoluto o deus milhão, reina acatado e reverenciado o santo capitalismo.

Todos os estados da Europa se preoccupam actualmente mais ou menos com esta grave questão dos monopolios das grandes companhias de caminhos de ferro. Na camara franceza appareceu em 1877 uma proposta para o resgate geral dos caminhos de ferro, e, o que revela a intensidade da corrente da opinião que deseja esses grandes fomentadores da riqueza publica nas mãos do estado, é que essa proposta foi rejeitada apenas pela insignificante maioria de 22 votos em 434 votantes. Em consequencia dos largos debates abertos na camara franceza a proposito d'essa proposta, o governo adquiriu algumas linhas de interesse geral, cuja extensão monta actualmente a perto de 8 mil kilometros.

É instructivo e convincente o resultado que o governo tem tirado da exploração da sua rede: havendo nomeado uma commissão de homens competentes para estudarem a questão das tarifas a estabelecer nas linhas a cargo do estado, essa commissão, adoptando o systema allemão das tarifas decrescentes, propoz reducções que para algumas mercadorias chegaram a 70 % e para os passageiros a 40 %. A consequencia immediata da adopção d'essas tarifas reduzidas foi um augmento prodigioso no rendimento d'essas linhas, de modo que lucrou o publico, pois que realisou n'essa rede de caminhos de ferro os seus transportes por menos de ametade do preço por que os faria quando ella estava nas mãos das companhias, e lucrou o estado por ver crescer em beneficio do thesouro, e portanto ainda do publico, o rendimento d'essa rede.

Outros paizes tractam de se libertar mais ou menos rapidamente do odioso monopolio das grandes companhias. Na Allemanha, em 1881, n'uma extensão total de 34727 kilometros, o estado explorava por sua conta 28551 kilometros, tendo apenas nas mãos das companhias 6166 kilometros.

(Vid. mappa n.º 2).

Entre nós nem os governos nem a opinião publica se preoccupam com esta grave questão de monopolio das grandes companhias de caminhos de ferro, que tão directamente affecta a prosperidade e a riqueza nacional. O publico sente quotidianamente os vexames de toda a ordem com que o affrontam essas emprezas privilegiadas, os governos vergam a cada passo ao peso d'esses colossos monetarios, mas continuam todos os dias a fazer concessões de linhas ferreas com subsidios kilometricos ou garantias de juro. O anno passado publicou-se ahi, firmado pelo sr. Jayme Larcher, um folheto em que a questão do monopolio das grandes companhias de caminhos de ferro se acha excellentemente tractada, propondo-se n'esse folheto o resgate das linhas do Norte e Leste; e é tal a indifferença da opinião publica e dos governos por esta ordem de assumptos, que o livro passou inteiramente desapercebido, não se dignando a imprensa fallar d'elle, e o governo não só continuou fazendo concessões de linhas ferreas, mas já mesmo este anno adjudicou a uma empreza extrangeira a construcção do porto artificial de Leixões. Esta indifferença, este regimen de concessões e de privilegios está-nos creando já serios embaraços, que não são nada comparados com os que nos ha de trazer o futuro. Mas então, quando a opinião publica accordar ao rebate dos mais importantes interesses nacionaes sacrificados ao conluio insaciavel do capitalismo, quando os governos, compellidos pelos brados da opinião publica, quizerem pôr termo á espoliação das companhias subsidiadas e alimentadas no seu luxo e na grossa usura dos seus dividendos pelo sangue da nação, havemos de encontrar-nos involvidos n'uma tal rede de monopolios e de privilegios, que nos ha de ser difficil partir-lhe as malhas. Parece porém que ninguem se inquieta com isso. A Hespanha está-nos involvendo n'um systema de linhas ferreas, cujo objectivo é concentrar nos seus portos da Galliza todo o movimento commercial da Europa Occidental com a America, movimento que, na opinião de um economista francez, subirá ao decuplo do que é actualmente, logo que esteja aberto ao commercio do mundo o canal do Panamá.

A nós não nos dão cuidado estas gravissimas questões. Temos ahi a companhia do Norte e Leste com o privilegio da viação accelerada na parte mais rica e central do paiz, com os nossos dois principaes portos de mar nas suas mãos, com duas communicações internacionaes para sua exploração exclusiva, e ultimamente concedemos-lhe, quasi sem reclamações da opinião publica, a linha de Torres e Alfarellos e a linha da Beira Baixa, que vai entregar-lhe fatalmente a linha da Beira Alta, a qual fica, depois da abertura d'aquelle caminho de ferro, reduzida á simples condição de uma linha de interesse regional.

Esta questão não está aqui deslocada, como disse, porque

todo o movimento commercial e industrial de Coimbra se acha immediatamente subordinado ao bom ou mau regimen das linhas ferreas, que a ligam com a costa e com o resto do paiz. O Porto e Lisboa, cidades maritimas, podem encontrar na expansão do seu commercio exterior compensações á espoliação das emprezas privilegiadas de caminhos de ferro. Coimbra, terra do interior, está fatalmente na dependencia directa d'essas emprezas e só poderá desenvolver e expandir os elementos locaes da sua riqueza industrial e agricola, se essas emprezas lh'o consentirem.

(Vid. mappa n.º 3).

Coimbra, 9 de fevereiro de 1884.

Alexandre da Conceição

N.º 1

Desenvolvimento dos caminhos de ferro nos principaes estados da Europa e nos Estados-Unidos desde 1830 a 1878

ESTADOS	COMPRIMENTOS EXPLORADOS NOS ANNOS DE						COMPRIMENTOS	
	1830	1840	1850	1860	1870	1878	Por 10:000 habitantes	Por 100 kilom. quadrados
Inglaterra	279	2:053	10:556	16:787	24:999	27:552	8,6	8,7
França	37	496	3:080	9:527	17:924	24:424	6,6	4,6
Hespanha	»	»	27	1:640	5:264	6:396	3,9	1,3
Portugal	»	»	»	67	715	1:041	2,6	1,2
Italia	»	»	423	1:989	6:139	8:127	3,0	2,7
Suissa	»	»	27	1:091	1:455	2:486	9,3	6,0
Austria-Hungria	»	143	1:501	4:452	9:401	18:391	5,0	2,7
Allemanha	»	466	5:822	11:026	18:560	31:556	7,4	5,8
Belgica	»	331	850	1:696	2:979	3:980	7,5	13,5
Paizes-Baixos	»	18	478	386	1:580	1:936	5,1	5,5
Dinamarca	»	»	21	111	760	1:434	7,7	1,0
Suecia	»	»	»	528	1:723	4:563	10,3	1,0
Noruega	»	»	»	67	367	822	4,5	0,3
Prussia	»	27	498	1:581	11:178	22:670	3,2	0,5
Turquia	»	»	»	66	631	1:533	1,9	0,5
Romania	»	»	»	»	434	1:235	2,8	1,0
Grecia	»	»	»	»	11	11	0,0,7	00 2
Somma	316	3:534	23:083	51:014	104:120	158:157		
Estados-Unidos	65	4:509	14:433	49:016	84:637	131:682	33,9	1,7

N.º 2

Mappa demonstrativo da situação de caminhos de ferro em algumas nações da Europa em 1881

ESTADOS	EXTENSÃO TOTAL DAS LINHAS EM KILOMETROS	EXTENSÃO EXPLORADA			
		Do Estado		De Companhias	
		pelo Estado	por Companhias	pelo Estado	por Companhias
Allemanha	34727	25952		2609	6166
Belgica	4182	2888			1294
Dinamarca	1576	1241			335
França	27506	3517			23989
Hollanda.....	1902	1009			893
Italia	8493	2611	1189	935	3758
Suecia	8177	2194			5983
Portugal (em 1882) ..	1483	595			888
Sommas.....	88046	40007	1189	3544	43306

N.º 3

Caminhos de ferro portuguezes explorados em 1883

LINHAS	EXTENSÃO EM KILOMETROS	DESPEZA APPROXIMADA DE CONSTRUCÇÃO		RENDIMENTO APPROXIMADO EM 1883	
Exploradas pelo Estado					
Sul e Sueste	322	7.084:000$000	22:000$000	450:000$000	1:400$000
Minho	145	6.525:000$000	45 000$000	348:000$000	2:400$000
Douro	128	8.192:000$000	64:000$000	435:000$000	3:400$000
Total	595	21.801:000$000		1.233:000$000	
Exploradas por Companhias subsidiadas					
Norte e Leste	506	30.360:000$000	60:000$000	2.125:000$000	4:200$000
Beira Alta	253	15.688:000$000	62:000$000	230:000$000	910$000
Total	759	46.048:000$000		2.355:000$000	
Exploradas por Companhias não subsidiadas					
Porto a Famalicão	57	969:000$000	17:000$000	63:000$000	1:100$000
Ramal de Caceres	72	1.440:000$000	20:000$000	79:000$000	1:100$000
Total	129	2.409:000$000		142:000$000	
Sommas	1483	70.258:000$000		3.730:000$000	

QUARTA CONFERENCIA

O papel

Resumo da conferencia feita pelo dr. Augusto Rocha na Exposição districtal de Coimbra, na noite de 16 de fevereiro de 1884.

O orador principiou alludindo á sua incompetencia para tractar assumptos, como os que se achavam relacionados com este certame industrial. Reconhecia que entre os cavalheiros promotores, os expositores, e principalmente entre os proprios membros do jury, abundavam pessoas competentissimas para tomarem a seu cargo as conferencias, produzindo assim a necessaria homogeneidade entre a exposição e os assumptos que n'ellas se devem estudar.

Declarava, portanto, ter annuido ao convite que lhe fôra endereçado pela commissão promotora, unicamente porque nunca recusará a sua contribuição para o exito de qualquer commettimento publico, emprehendido na terra de que se orgulha de ser filho.

Escolhera para thema da sua conferencia o — PAPEL, — assumpto á primeira vista trivialissimo, mas que condensava e resumia em si a vida e a força do mundo moderno, em todas as suas variadas e, para assim dizer, incoerciveis manifestações. Tomado este assumpto, o seu primeiro fito era protestar contra as tendencias de uma parte do nosso publico, talvez a maioria, que considera as conferencias, não como actos destinados a elucidar os que não conhecem os assumptos, mas sim como espectaculos apparatosos, em que o conferente está obrigado a solicitar por titilações adequadas as potencias inconscientes e reflexas do systema nervoso dos ouvintes. Era necessario que os conferentes reagissem contra esta falsa comprehensão, visto lhes cumpre o dever, imposto pela honestidade scientifica, de dirigir o pu-

blico, e não o de explorar-lhe a ignorancia, os sentimentos e as paixões. Fazia justiça, comtudo, ás pessoas que alli estavam presentes, porque as vira sempre em todas as conferencias anteriores, demonstrando eloquentemente o interesse e a sympathia que lhes merece não só aquelle certame pacifico das industrias districtaes, mas a tentativa de implantação das conferencias elucidativas e os esforços sinceros dos que as iam realizando.

Pela sua parte tomara para thema o — PAPEL —, o que não maravilhava n'um plumitivo. O papel presta-se a graves considerações; e querendo estudal-o sob todas as suas feições, abre horizontes tão vastos, que mal podiam ser contemplados nos limites restrictos de uma conferencia. Porém o fito do conferente é mais restricto. Fará como que um programma, um escorço, um *sketch* dos seus principaes aspectos — historico, industrial, commercial, economico, hygienico e social. É um panorama em esbocetos largos, com as linhas fundamentaes, os toques characteristicos, que desenrolará deante do auditorio.

O papel — proveio de linhagens antiquissimas, da mais selecta fidalguia. O homem nos inicios da civilisação gravou os seus pensamentos rudimentares, vagos, incompletos e erroneos, nas conchas da praia, no cortex das arvores da floresta, nos rochedos das cavernas, na pelle dos animaes que a caça e a pesca lhe ministravam, aproveitando até a propria pelle, porquanto a tatuagem, como demonstram ainda documentos contemporaneos, é o registro dos actos da vida familiar e dos fastos historicos da tribu.

Depois foi aperfeiçoando estes receptaculos incultos dos seus pensamentos, e laminou o bronze e o cobre, esculpiu a pedra, fabricou o tijolo, aplainou a madeira e extendeu a cera em camadas delgadas, gravando ahi os primeiros codigos, as taboas da lei. Do cortex rugoso, gretado, escoriado pelo tempo destacou o *liber*, que deu o nome ao livro. Selectando mais e mais, descobriu e inventou o *papyrus*. No *papyrus* se recolheram piedosamente os documentos mais puros das antigas civilisações. Foi n'elle que Homero, o divino, cantou essa prodigiosa epopeia hellenica, mixto de graves realidades e phantasticas creações. N'elle escreveu Anacreonte as odes, entrelaçando os myrtos de Cythera com os pampanos de Coryntho, e fazendo surgir da espuma das ondas os alvos corpos das bacchantes, torturados de ebriedade e de luxuria. Por elles ouvimos a grandiloqua voz de Demosthenes, troando na Agora. Ahi exarou Cicero as cartas preciosissimas, e Virgilio as Georgicas; e Cesar, o epileptico, relatou a guerra das Gallias; e Tacito marcou a fronte dos imperadores devassos com o estygma da reprovação, que ainda hoje lhes arrasta a memoria pelo enxurro do desprezo universal.

Este *papyrus* tão precioso vinha do Egypto. Fabricava-se de uma planta aquatica, assim denominada, de haste triangular. Deslaçada a casca da planta, cortavam-se da derme subjacente fachas, que se branqueavam ao sol; depois extendiam-se sobre mezas, entrelaçavam-se umas com outras; comprimiam-se emfim, soldando-se umas ás outras com a propria mucilagem que continham.

Este *papyrus* serviu para a escripta até ao seculo IX, epocha em que o papel appareceu na Europa. Nos seculos anteriores aproveita-se já o *liber* de certas arvores, como o platano, o choupo, a faia e a tilia para fabricar uma sorte de papel, muito inferior a todos os respeitos ao *papyrus*.

Quem inventou o papel?

Ignora-se ou, para fallar propriamente, adivinha-se o inventor. O papel, á semelhança de muitos outros inventos de alcance extraordinario foi resultante da collaboração collectiva de muitos anonymos. A enchada, o arado, a bigorna, o martello vieram da mesma origem, e antes de chegarem á fórma que hoje revestem soffreram modificações, que as exigencias do trabalho e as applicações da ferramenta iam ensinando. Nenhuma d'essas grandes descobertas foi a consequencia de uma inspiração, de uma força divinatoria, de um jacto providencial, como aquelle que, no dizer das Escripturas, creou o universo. O inventor do papel chama-se — legião.

Fosse como fosse, é certo que o papel, como a polvora, como a bussola, veio-nos do oriente, do extremo, da China, do Japão e da Corea, onde parece se fabricava, como ainda hoje, de toda a casta de vegetaes. O papel foi conhecido pelos persas no seculo VII, que o communicaram aos arabes. Os arabes, a quem tantos beneficios deve a civilisação, trouxeram-no para a Europa pela Sicilia e pela Hespanha.

Não ha duvida que nos seculos X e XI o papel se fabricava na Europa. Provam-no curiosos documentos contemporaneos, ainda hoje guardados nos archivos. As fabricas de Xaptiva e Septa adquiriram grande nomeada. A civilisação europea entrava na posse do seu mais valioso agente. Supprimi-o pela imaginativa e aniquilareis a resultante incommensuravel de dez seculos de trabalhos titanicos.

Depois o conferente explanou as diversas transformações que no fabríco do papel se foram operando, desde o fabríco pelo algodão crú, reduzido a pasta pelo pilão, empregado primitivamente pelos arabes, até ao fabríco pelo trapo nos seculos XIII e XIV, e á introducção do fabríco sem colla para os livros impressos no seculo XVI. Estas successivas transformações prescrevem os topicos da fabricação do papel.

Fallou do grande e rapido desenvolvimento que nos seculos immediatos tomaram as fabricas do papel, coincidindo com

os da imprensa. E noticiando os diversos melhoramentos introduzidos nos utensilios e machinismos empregados para obter a pasta, fechou o cyclo dos trabalhos dos dois seculos precedentes com a descoberta da machina de Robert.

Historiou as tentativas para o aperfeiçoamento d'estas machinas; e aproveitou o ensejo para frizar a nobreza que ellas introduziram nas industrias correlativas, de livreiro, de encadernador, etc., bem como nos processos de diffundir as ideias pelo jornalismo, principiando assim com o seculo a gazeta barata, de grande circulação, e o livro de vulgarisação, as verdadeiras alavancas do progresso do nosso tempo.

Chegado a este ponto, o conferente relatou pelo miudo os processos, actualmente empregados para o fabríco *manual* e *mechanico* do papel, e demonstrou, comparando estes dois fabrícos, que elles se reduziam ao mesmo processo essencial. Disse que o papel se fabricava de todas as substancias textis, sendo communmente empregado o trapo. Aqui alludiu á profissão dos trapeiros, aos serviços que estes humildes operarios prestam á civilisação; e a proposito dos recentes conflictos levantados pelos trapeiros de Paris, feriu a questão social, e fixou a necessidade de a ir resolvendo parcialmente. Em breves phrases fez a apotheose do trabalho humilde, verdadeiro trabalho da formiga construindo monumentos perduraveis como o livro. E logo accrescentou que o papel se podia fabricar com muitas substancias tiradas do reino vegetal, dos grandes e pequenos vegetaes das mais variadas e differentes especies, como o platano, o choupo, a faia, a ortiga, a cana, o junco, o linho, o canhamo, etc., etc., sendo necessario para os utilisar a suppressão da parte cellulosa, o que se consegue por processos chimicos, physicos e mechanicos. Descreveu em seguida os diversos topicos do fabríco do papel manual desde a escolha do trapo até a calandragem, e parallelamente seguiu-os nas diversas peças das machinas de papel continuo, desde a queda da massa sobre o taboleiro de arame que peneira a pasta e a espalha homogeneamente, até vel-o ennovelado sobre o cylindro terminal, já secco, collado, e calandrado. Par e passo o conferente foi dando ideia exacta das peças diversas d'este complicado e maravilhoso mechanismo.

Fallou depois das qualidades dos papeis obtidos pelos dois processos, dos formatos, e dos destinos que recebiam, occupando-se n'este ponto das diversas especies do papel, *collados* e *sem colla*, *extrafinos* e *finos*, *grossos* e *grosseiros*, *brancos* e *corados*, de *phantasia*, *de luxo*, *velinos* e *pergaminhos*, etc., etc.

Referindo se á producção actual do papel, o conferente deu noticias á assembleia de muitos dados estatisticos sobre a producção na Allemanha, na Italia, em França, na Inglaterra, nos Estados-Unidos, na Hespanha, em Portugal, referindo-se tambem ao ultimo inquerito industrial de 1881, cujas incorrecções n'este

ponto especificou, sobretudo no que respeita ao districto de Coimbra. Terminou esta parte, lendo o seguinte trecho: «Segundo Albinus Rudal existem actualmente no mundo cerca de 4:000 fabricas de papel, empregando 300:000 pessoas, destinadas á compra do trapo e aos misteres do fabríco. Estas manufactoras produzem cerca de 1:800 milhões de libras de papel do canhamo, do linho, do algodão, da palha, do esparto etc. Metade d'este producto é empregado na imprensa, um sexto na escripta, o terço em outros usos. Para as peças officiaes, 200 milhões de libras; para o ensino, 180 milhões; para o commercio, 240 milhões; para a industria manufactureira, 180 milhões; para a correspondencia privada, 100 milhões; para a imprensa, 900 milhões. Está calculado que um russo consome 1 libra de papel por anno; um hespanhol 1 1/2 libra; um mexicano, 2 libras; um italiano ou austriaco 3 1/2 libras; um anglo-americano 5 1/2 libras; um francez 7 1/2 libras; um allemão 8 libras; um cidadão dos Estados-Unidos 10 1/4 libras; um inglez 4 1/2 libras.» Quanto gastará o portuguez? Se o *escrevinhar* se conta, disse o orador, desconfio que gastamos muito mais papel do que o mais culto dos povos do mundo.

Além d'estas o conferente enumerou outras diversas applicações do papel, para embrulho de cigarros e pacotes de toda a fórma e grandeza, para guardasóes, para substituir os vidros das janellas, para divisões interiores das casas, para as diversas peças do vestuario, collarinhos, saias, meias, bonnets, etc., etc., sobresahindo n'este fabríco os chinezes e japonezes, que o fabricam de toda a especie de substancias textis e o utilisam para innumeras sortes de artefactos. Mencionou tambem o fabríco dos *rails*, de rodas para carros, de carros inteiros, barcos de varias grandezas, casas e canhões. Dentre as industrias correlativas destaca a dos papeis pintados, que são papeis fabricados á machina, isto é, continuos, pintados, na sua maior parte, pelo methodo da estampilha. Alludiu aos processos complicados, que se empregam ainda hoje, e á substituição da estampilha *manual* pela *mechanica*.

N'este particular insistiu nos perigos que do uso do papel pintado podem resultar para a hygiene privada, demonstrando que eram em geral viciosas e estavam condemnadas pela sciencia as tintas mineraes, e se deviam substituir no fabríco pelas tintas vegetaes, em regra innocentes. Uma escolha racional do papel pintado relativamente á intensidade e cambiante da côr podia utilisar immenso á hygiene da vista; uma escolha inintelligente do papel pintado relativamente á composição chimica podia ser de maximo prejuizo para a saude dos habitantes dos apartamentos, em que tal papel era empregado. De resto certos processos chimicos, aliás faceis, indicavam se se tratava ou não d'um papel perigoso. Os papeis pintados empregam-se como auxiliares

da industria do salchicheiro, do confeiteiro, do doceiro, e cozinheiro; e o processo mais simples de acabar com o perigo seria banil-os completamente d'essas industrias.

Não queria acabar sem referir-se ao valor economico do papel. O papel trouxera ao mundo moderno a lettra de cambio, o papel-moeda, a apolice, a inscripção, os titulos das companhias, a nota, a cedula, emfim todas as fórmas da circulação fiduciaria, fonte de tantas prosperidades como de desastres incommensuraveis. Podia dizer-se que sem o papel o commercio moderno tornar-se-ia impossivel. Esta folha tenue, flexivel, ephemera, que uma pinga de oleo estraga, que uma gota de agua inutilisa, é o portador mais solido, mais efficaz, mais activo, do milhão, o orgulho do argentario e a miragem longinqua do proletario. Pelo papel reinava o dinheiro. A força dominara o mundo; mas a força transformara-se nas especies metallicas, que ainda assim não dariam jámais a lei, se o papel não viesse represental-as para todos os effeitos, e mesmo substituil-as.

Sim, accrescentou o orador, o papel preparou por todos os lados a revolução. Preparou-a com os desvarios de Law; e entremostra-nos a solução dos problemas sociaes na genial concepção de Proudhon, — o Credito gratuito.

QUINTA CONFERENCIA

Relações da Politica com a Industria

Resumo da conferencia feita pelo dr. Antonio Candido na Exposição districtal de Coimbra, na noite de 1 de março de 1884.

Presenciámos este novo triumpho oratorio. Como todos quantos alli estiveram, escutámos, attentos e maravilhados, essa palavra correcta, limada, repleta de erudição e de bom criterio, vestida com as opulencias da nossa formosa lingua, e ornada das mais ricas joias da eloquencia, ora manando dos labios, doce como o mel do Hymetto, logo irrompendo quente e impetuosa como a lava dos volcões.

Somos amigo e admirador convicto d'aquelle talento de primeira grandeza, em quem não sabemos o que mais se deva apreciar: se os dotes completos e extraordinarios de orador, se as qualidades bem equilibradas de pensador profundo, se os finos quilates d'um caracter honesto e d'uma consciencia recta. Por isso Antonio Candido poderá ter adversarios, mas inimigos não os tem; e parece-nos que a ninguem é indifferente saber quaes as ideias que elle professa sobre as questões mais palpitantes da actualidade.

Eis o motivo por que, em seguida á conferencia, nos abalançámos a publicar, no n.º 58 do jornal «Primeiro de Janeiro,» a summula d'aquelle notabilissimo discurso, soccorrendo-nos ao auxilio de memorias mais felizes que a nossa. Não podémos então lograr a fortuna de vermos rectificadas as nossas notas pelo orador, porque elle se havia retirado para Candemil a convalescer da doença que acabava de soffrer. Agora pedimos-lhe a fineza de as rever, e de consentir que transcrevessemos na integra, ouvindo-lh'os de novo, alguns dos formosissimos trechos

da esplendida oração, ao que elle se prestou, da melhor vontade, recorrendo á sua prodigiosa memoria, visto que não possuia apontamentos escriptos.

Começou por agradecer o honroso convite que lhe fôra dirigido para fazer alli uma conferencia, convite que gostosamente acceitou, apesar do estado melindroso da sua saude; pois, sendo homem do seu tempo, applaudia sempre todas as manifestações caracteristicas da vida moderna, como são as exposições industriaes, correndo-lhe o dever de pôr ao serviço d'ellas a sua intelligencia e a sua palavra. Além de que, amava Coimbra, a patria do seu espirito, a quem vinha restituir o que recebera nas lições dos seus mestres, e na *commovente e gentilissima communicação dos seus discipulos;* e admirava-a não tanto pela belleza das suas paizagens, como pelo espirito da sua população laboriosa, irrequieta, instruida, aspiradora do melhor, professando o culto da eschola, e sentindo e realizando o principio de associação—*este extranho e potentissimo principio que, parecendo apenas uma somma de elementos, é verdadeiramente um assombroso multiplicador de forças.*

Fallando dos conferentes que o precederam, pronunciou as seguintes eloquentes e sentidas palavras:

«Referindo-me aos cavalheiros que, antes de mim, trouxeram aqui a ponderosa contribuição do seu talento e da sua palavra, eu não posso esquecer-me, n'este momento, de que a primeira conferencia foi feita pelo meu desventurado e sabio amigo, o dr. Augusto Filippe Simões! Necessitava declinar este nome, que vale uma grande gloria de Coimbra, cingida hoje n'um grande luto de todo o paiz! Precisava desafogar o sentimento que me produziu a perda d'este indefesso e intelligentissimo operario, perdido para a sciencia, para a arte, para a litteratura, para os exemplos do trabalho e para as edificações da moral, n'uma hora sinistra, escura!

«Recordando a fatalidade que o arrebatou á nossa admiração e á nossa estima, acodem-me sempre as palavras que um glorioso escriptor da França disse quando acabou, pela morte, o martyrio de Henri Heine — o maior poeta da Allemanha contemporanea depois de Goëthe, talvez o ultimo grande poeta da humanidade:

«Que immensa dôr é ver um d'estes microcosmos, mais vastos que o mundo, apenas protegido pela estreita abobada do craneo, quebrado, partido, aniquilado! Que lentas combinações ha de fazer a natureza para crear uma cabeça egual?!»

Disse que, tendo os outros conferentes tratado, com proficientissima competencia, de especialidades technicas representadas na Exposição, lhe parecia a elle conveniente fechar tão brilhantes estudos, elegendo um assumpto em que, de qualquer ma-

neira, avultasse o caracter eminentemente social destes grandes certames da industria e do trabalho; e por isso lhe lembrou escolher por assumpto:

«As relações da Politica com a Industria.»

Seja-nos licito dizer, com toda a imparcialidade, que as fechou com chave d'ouro, prodigalisando-lhes os thesouros do seu lucidissimo espirito.

Das multiplas, variadissimas e quasi inextricaveis relações da Industria com a Politica, destacou o orador dois aspectos dominantes, que se lhe afiguraram de maxima importancia:

1.º A liberdade civica depende essencialmente do progresso industrial dos povos; por isso

2.º O Estado deve á Industria attenções e serviços, de caracter positivo ainda que de intensidade variavel.

Aquelle aspecto exalta o trabalho á categoria de primeiro factor de toda a civilisação politica; este exhibe deante de nós a maxima questão de hoje, na sua fórma precisa e justa: a questão social.

Affirmou que os monumentos historicos, e até os dados fornecidos pela paleontologia nos provam á evidencia que a historia da democracia é ao mesmo tempo a da evolução industrial da humanidade,—e deu razão a Vico no lanço em que, fallando do homem, dizia: «foi elle que se fez a si mesmo.»

Eis as palavras textuaes do orador:

«O homem creou a *cidade*, no significado etymologico d'este termo. Que maravilhosa creação! Produzir a familia, a moral, a sociedade e o direito, a philosophia e a arte, assombra, deslumbra como produzir constellações de mundos.»

«O sol valerá mais do que a ideia de justiça? Não. A materia de que se fez o seu immenso e brilhantissimo corpo, não é mais preciosa, não é mais admiravel que a materia de que se faz a historia, especie de massa, consistente e malleavel, em que o genio do homem affeiçoa as imagens sensiveis do seu espirito, e fabríca incessantemente o transumpto fiel das suas obras!»

«Mas antes de alcançarmos a perfeição, em que nos vemos e amamos, que immenso caminho andado! Desde o apparecimento do fogo na fricção casual de duas lascas de granito até ás modernissimas applicações da força expansiva do vapor; desde a habitação na cavidade das rochas até á fundação das cidades lacustres, e desde então até ás harmoniosas complicações da hodierna architectura; desde o vestido feito de folhas vegetaes, primeira protecção ao pudor da nossa especie, até aos preciosos estofos das civilisações ulteriores; desde os utensilios de silex até á edade de bronze e desde esta edade até ao nosso tempo; desde a tatuagem até á pintura, e desde o hieroglypho até á

imprensa; desde o dolmen celta até á basilica romana; desde a machada de pedra até á machina de Krupp; desde os esboços da esculptura incipiente até aos lavores admiraveis do pulpito de Sancta Cruz; n'esta chronologia immensa, n'esta lucta sem treguas, n'este trabalho de milhares de annos, em tanta persistencia e em tanta fadiga — que poema e que historia!»

«Supponha-se verdadeira a mythologia fabulada dos Gregos, dê-se realidade historica aos grandes personagens das suas ficções epicas, e ter-se-ha a impressão que merecem os maravilhosos trabalhos do homem, potentes como os de Hercules, ousados e sublimes como os de Prometheu!»

«No seu primeiro discurso pronunciado na Academia franceza, a eloquente voz de Renan exclamou:

«Ah! não posso soffrer que insultem o homem, esse ser votado a todas as dores, que, entre o gemido do nascimento e o gemido da agonia, achou meio de crear a arte, a sciencia e a virtude»!

— «Grandes palavras de justiça e de amor! — » accrescentou Antonio Candido.

Continuando, apresentou as quatro phases successivas do desenvolvimento humano, segundo a doutrina de Littré, sendo a primeira a *industrial*. A industria é antecedente obrigado de toda a educação especulativa; depois d'ella é que surgem as creações religiosas e civis, graças á acção influente de dois principios: a lei e Deus. Mais tarde, o sentimento do bello inspira as construcções e os poemas. Por ultimo, virá a razão pôr a esta formosa fabrica o remate culminantissimo das grandes generalisações da philosophia.

A industria é, por tanto, o alimento, a reparação, a força mantenedora das energias sublimes, que desabrocham nas infinitas ramificações da razão e da sentimentalidade. Estas formosissimas flores vêem d'aquella raiz, disse o eminente orador.

A reflexão, affirmou elle, distingue entre a historia da industria e a historia da civilisação politica uma verdadeira relação de *causalidade* e não a de mero parallelismo, como ao primeiro lance de olhos nos poderia parecer.

Veio aqui a proposito fallar da escravidão, e foi tão eloquente quando descreveu a necessidade d'esses *párias* da antiguidade, que fôra um sacrilegio deixar de fixar aqui cada uma das perolas d'aquelle formosissimo collar.

«A antiguidade tem uma grande mancha, enorme, escurissima, que toma o oriente, alastra-se na Grecia, conserva-se em Roma, e, um pouco delida, vem ainda pela edade media dentro. Esta mancha é a escravidão. Não foi um crime; foi uma necessidade, e até, relativamente a estados anteriores, um progresso. Custa vêr, realmente, que houvesse escravos n'aquellas sociedades cultissimas, que tinham elevado a tão grande eminencia a educação intellectual e esthetica, onde a tuba epica era assoprada

por Homero e Virgilio, onde cantaram divinamente Sapho e Corinna, onde a philosophia tinha os altissimos ensinamentos de Platão e Aristoteles, onde a oratoria flammejava pela bocca de Demosthenes e corria limpida e perfeitissima dos labios de Cicero, onde Lucrecio mettia n'um poema toda a sabedoria do seu tempo, onde Eschylo e Terencio illuminavam o proscenio d'uma luz inextinguivel; custa vêr que houvesse escravos alli; mas as sciencias de applicação, a physica e a chimica, não existiam ainda, e o trabalho industrial necessitava legiões de operarios, milhões de braços, votados a continua labutação, para que as aulas de Athenas e de Roma, e os espaços da Agora e do Forum repercutissem sonoramente as grandes palavras da sciencia e da politica!»

Imagine-se a vibração que esses periodos deviam produzir n'um auditorio selecto, proferidos como só Antonio Candido os sabe dizer, e acompanhados do accionado largo e naturalissimo que lhe é peculiar.

A servidão na edade media é uma consequencia do atrazo industrial d'aquelles seculos; e tanto isto é verdade, que, apenas a industria e o commercio se fortalecem um pouco, inicia-se um movimento novo, o trabalho organiza-se em corporações, e a communa, *especie de cellula embryogenica da democracia, irrompe triumphantemente das decomposições do feudalismo e das prostrações do sacerdocio!*

Desde a renascença, mas principalmente desde o seculo XVIII, cada descobrimento scientifico, cada applicação util, traduzida pela mechanica, faz logo subir, em todas as classes, em todos os paizes, em toda a parte, *o nivel moral feito de justiça e de responsabilidade.* Como prova citou a revolução produzida pelo telegrapho electro-magnetico, a que Stuart Mill chama com razão a mais maravilhosa das invenções modernas.

Antiparos, o poeta Grego, em formosissimos versos, felicita a mulher e o escravo, pela invenção do moinho d'agua, vinda do Oriente; este, por não ter já necessidade de se levantar alta noite, aquella porque as naiades vêem substituil-a no gyro pesado e custoso das rodas. Iguaes hymnos de redempção desprende a alma humana a cada victoria da industria, a cada advento da liberdade, a cada creação da sciencia, que só nos não parece sublime por ser tão frequente.

Laveleye, n'um estudo sobre o *Regimen Parlamentar e a Democracia*, querendo reforçar o vaticinio de Tocqueville sobre o futuro certo da politica liberal, affirma que a principal causa que lhe assegura o triumpho é a applicação da sciencia e da mechanica á industria. O orador traduziu, na sua inimitavel linguagem, as felizes observações do distinctissimo publicista belga.

«Inspira-lh'as a infinita differença numerica entre os que

liam na antiguidade e na edade media, quando este prazer era privilegio do philosopho ou do patricio, que desenrolavam, em *bibliothecas de marmore*, raros papyros, e dos monges que só possuiam alguns manuscriptos, e os que lêem hoje, graças á imprensa, que leva a toda a parte, esta sancta mensageira da luz! o jornal e o livro. Inspira-lh'as ainda a locomotiva, que arranca o operario do seu domicilio, onde primeiro vivia sempre, *especie de mollusco fixado no seu rochedo*, e o leva facilmente a todos os centros, ás grandes capitaes, aonde queira apprender e educar-se. Inspira-lh'as tambem a acção niveladora das fabricas de tecidos, que, produzindo a baixo preço de estofos de toda a ordem, põe a mais completa semelhança no trage d'um pobre artista e no vestido do mais opulento mundano, separados, ha ainda pouco tempo, por uma distancia invencivel de sedas, rendas, veludos, e pedrarias!»

Reforçou essas observações com os seguintes factos: o beneficio da policia moderna em relação á segurança publica; o da economia do tempo realizado por diversas machinas, que permitte ao operario educar-se e instruir-se; a differença intellectual entre os artistas da cidade e os trabalhadores do campo «presos á terra de sol a sol,» em virtude do atrazo e do abandono em que a agricultura se acha em toda a parte; a agitação vital, febril dos grandes centros industriaes: — Birmingham, Manchester, Lyon, Marselha, Barcelona, Nova-York, *eloquentemente significativa de que a industria moderna traz á consciencia a illuminação do direito e a sêde da justiça.*

Todos estes factos e outros que disse poderia citar, nos demonstram a grande e salutar influencia que a industria exerce na politica, isto é, na civilisação humana, considerada sob o aspecto da liberdade, da ordem, e do bem estar collectivo.

Occorre-nos aqui a seguinte observação: o orador, que presta um fervoroso culto á liberdade e á democracia, é respeitador escrupuloso do principio da ordem. Nos seus escriptos e discursos vemol-o sempre pugnar por esta salvaguarda da sociedade, que quer mantida a todo o custo, bem como pelo principio da auctoridade, que deseja respeitado, a fim de dar verdadeiras garantias ás justas manifestações do espirito democratico.

Fechado este parenthese, continuamos a expor as ideias do notabilissimo publicista.

De quanto disse, e de que damos aqui uma pallida e incompleta imagem, tirou elle a seguinte conclusão:

«A civilisação politica depende do progresso industrial dos povos.»

Estando liquidado que a industria é, no conjuncto das instituições humanas, a primeira e fundamental de todas, pergunta-se:

«Qual deve ser para a industria a attitude do Estado, ou, n'outros termos, o dever e o encargo dos governos?»

Eis a resposta que formulou:

«Enorme questão! Não lhe farei a historia. Teria de recorrer os grandes periodos da civilisação occidental; teria de apresentar aqui os maximos sonhadores de chimeras sociaes desde Platão até Augusto Comte; teria de resumir as ensanguentadas contendas que vêem desde a questão agraria de Roma até á questão agraria da Irlanda; teria de perder-me e perder-vos no labyrintho de escholas, que, a partir do seculo XVIII, apparecem e desapparecem na França, na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados-Unidos, especie de quadros dissolventes, que têem entretido, e enthusiasmado, ás vezes, a grande plateia humana.»

Reduziu o problema a uma lucta sem tregoas entre o capital e o trabalho, que estão intima e indestructivelmente ligados na industria. Têem interesses oppostos que cumpre harmonizar. Pede o trabalho, em nome da justiça, maior remuneração. O capital, obcecado pelo proprio interesse, concede o menos que póde.

Essa lucta, que vem de eras remotas, parecendo hoje mais simples, é mais intensa.

Ha dois estimulos que se reforçam mutuamente, e que impellem com ardor os contendores, disse Antonio Candido:

«*Tem um a sua séde na cabeça, e chama-se justiça; tem outro a sua origem no ventre, e chama-se fome!*»

As escholas interessadas n'este prelio podem reduzir-se a duas: a dos *economistas*, que descreve as leis da evolução economica, julgando-as naturaes, e *canta umas harmonias extranhas, sómente perceptiveis por ella, como só pelo ouvido de Platão era audivel a harmonia das espheras*. A outra, a *socialista*, nega a authenticidade d'essas leis, e reclama para todos os phenomenos industriaes a acção da moral e do direito coercitivo.

Ouçamos Antonio Candido:

«Esta eschola falla a linguagem piedosa do soffrimento, ou emprega o estylo terso e inflammado das terriveis reivindicações, e, contra a resistencia burgueza, que lhe é opposta, despede o genio fogoso de Lasalle, a mais sympathica physionomia de agitador que tem este seculo, emprega a concentração scientifica e a expansão revolucionaria de Karl Marx, vibra a logica de Proudhon, cortante como as espadas de Toledo e pesada como a clava d'Hercules, e, ultimamente, fórma e disciplina essa legião de professores e estadistas, que theorizam, sustentam e começam a realizar a nova doutrina do *socialismo do Estado!*»

A esta doutrina, disse o orador, está reservada a grande gloria d'uma solução, ao mesmo tempo racional e conciliadora.

A eschola dos economistas, desde Stuart Mill, vai cedendo na sua intransigencia.

..

O socialismo cooperativo, primeira fórma positiva que o problema revestira, cahiu deante da incompetencia dos operarios para gerir as associações, e da impossibilidade de federar estas de modo que formassem *um corpo unico*, *organizado*, *docil*, falhando assim as previsões de Littré, feitas em 1870.

Foi n'estas circumstancias, diz Antonio Candido: «que os *socialistas cathedraticos*, muito conservadores para quererem a constante ameaça da gréve, muito positivos para sonharem remodelações auctoritarias da sociedade, muito practicos para poderem contentar-se com o optimismo insufficiente dos economistas, foi n'estas circumstancias que elles formularam a theoria de que o Estado deve intervir, cada vez mais directamente, no modo de ser das instituições industriaes, não para violentar a liberdade individual, o que seria um crime, mas para dar ao progresso social a impulsão que for justa, e para proteger, nos conflictos da propriedade e do trabalho, o bem publico, que só é possivel, quando o antagonismo cruento das paixões se transforma na pacifica emulação dos interesses dentro da grande e civilisadora comprehensão da solidariedade humana!»

A acceitação d'esta doutrina por quasi todas as escholas politicas europeias argumenta em favor da sua verdade e da sua conveniencia. Bismark adopta-a nos projectos, apresentados ao parlamento allemão, de ajudicação para o estado de todos os caminhos de ferro e da creação d'uma caixa geral de soccorros para os trabalhadores invalidos. Estão filiados n'ella, Freycinet, e o grande amigo de Gambetta, Spuller, que por occasião do inquerito sobre o proletariado francez, motivado pela agitação dos trapeiros de Paris, proferiu no parlamento as seguintes notabilissimas palavras, dignas d'um verdadeiro homem de estado, e que valem um bom programma de governo:

«Este inquerito ha de ser emprehendido e proseguido n'um espirito profundamente social; e, como não tenho medo de palavras, aqui nem em parte alguma, accentuarei — *n'um espirito profundamente socialista*. Não que eu queira retrogradar sobre a questão actual, e servir-me da palavra *socialismo* com a accepção desnaturada e ameaçadora que elle tinha ha quarenta ou trinta annos. Graças ás liberdades publicas de que nós gozamos, graças á diffusão da instrucção geral e ao progresso de todas as classes, as antigas theorias socialistas, obscuras e confusas, cederam o logar, como póde verificar toda a gente, a opiniões mais conformes aos elementos da sciencia economica, e mais em relação com as necessidades de ordem, de trabalho, de previdencia pessoal, que tão evidentemente distinguem a nossa democracia.»

Em Hespanha, Moret, grande orador e economista eminente, lançou as primeiras bases de uma administração ligeiramente socialista, que poderá mais contra as perturbações do genero

das da *mão negra* do que a acção policial, tão apparatosamente empregada pelo governo de Affonso XII.

Entre nós este pensamento, auctorisado por tão notaveis estadistas allemães, francezes e hespanhoes, fez já a sua entrada, graças á iniciativa de dois ministros distinctissimos; um progressista, que a morte ceifou na *plena maturação do seu grande talento;* outro regenerador, de cuja intelligencia robusta e muito saber o paiz tem direito a esperar grandes beneficios. Augusto Saraiva de Carvalho propoz a regulamentação do trabalho das creanças nas fabricas. Antonio Augusto d'Aguiar providenciou para que o estado mande aos grandes centros extrangeiros, e mantenha alli, industriaes que estudem e importem para Portugal os melhores processos technicos.

Terminou esta parte do seu discurso, em que o rigor logico disputava primazias ás mais rendilhadas fórmas da eloquencia tribunicia, pela seguinte conclusão:

«É certo que tendem a apertar-se cada vez mais as relações da politica com a industria. O que é bom, o que é excellente. Isto representa um triumpho assignalado do espirito positivo do nosso tempo, porque este espirito é inimigo da revolução, e a nova phase politico-social evita-a, desarma-a. Por outro lado, a politica, tornada mais comprehensiva, transformada pela adopção d'um novo objectivo, em que incidem naturalmente os maiores interesses actuaes, levanta-se do descredito em que cahiu, deixa de ser uma profissão que não seduz os melhores espiritos, para se volver no destino mais honesto, mais util, mais digno que a si mesmo póde impor-se a mais exigente e bem temperada consciencia.»

Passemos á terceira parte do discurso, por certo a mais notavel e a que consubstancia o ideal politico de Antonio Candido, que, em nosso humilde parecer, tem de representar um papel importantissimo nos destinos do paiz.

Disse que a maioria dos pensadores suppunha que existiam actualmente, na sciencia e na sociedade, duas questões magnas: a *politica* e a *social*.

Elle porém divergia completamente de tal affirmação.

Só a segunda é actual e viva.

A questão politica, nos termos em que a Revolução Franceza a apresentou, estava desde muito resolvida pela penna dos publicistas, pela palavra dos parlamentares, e tambem pela guerra, que é muitas vezes o supremo e mais efficaz argumento da logica humana.

Demonstrou largamente a sua opinião, e disse, por ultimo:

«Ha muito tempo que para os povos latinos a liberdade é um facto definitivamente adquirido. A tyrannia não existe fóra do repertorio dos melodramas e dos librettos das operas comicas.

Augusto Comte, n'um d'aquelles preciosissimos conceitos, em que ficou para sempre crystallisado o seu genio, já no seu tempo dizia que o grande perigo possivel para as sociedades modernas era, não o despotismo, mas a anarchia.»

«Todos os povos civilisados têem constituições liberaes. As monarchias representativas e os regimes republicanos abrem, com pouca differença, o mesmo espaço amplissimo ao exercicio dos direitos do cidadão. Discutem-se fórmas secundarias, propõem-se pequenas modificações ao que existe, redigem-se programmas inspirados de escholas insignificantes. A contradicção dos partidos vai entretendo, como póde, o calor artificial das modernas luctas politicas. Mas a paixão partidaria, que dividia e inflammava os nossos avós, desappareceu, não existe. E onde apparece alguma cousa semelhante é porque um elemento extranho vem substituir o antigo combustivel da fé e do enthusiasmo popular.»

«Na França é a questão nacional, a da desforra contra a Allemanha; na Inglaterra é a preoccupação da Irlanda, a miseranda victima, mil vezes sympathica! Na Italia o grande e antigo sentimento da unidade da patria, que não está ainda satisfeito; na Hespanha, e recentemente, a ambição calorosa, insoffrida, como todas que abrem ao sol da peninsula, de se constituir nação de primeira ordem pelo augmento territorial nas colonias, e.... talvez no continente!»

«A estatura dos homens politicos desce em toda a parte: prova indirecta de que não são actuaes e muito importantes as causas que elles personificam. Cada grande causa social tem sempre, pelo menos, um homem da sua altura. Gambetta é do nosso tempo e foi enorme; mas o grande cidadão fez-se, elevou-se mais na paixão nacional da integridade da patria que na contenda das fórmas do governo. Quem herdou, na Italia, o talento e a sagacidade de Cavour? Quem ha de receber, na Allemanha, a penna de ferro do Chanceller, quando a morte paralysar aquelle portentoso cerebro que tem dado leis á Europa?!»

«A questão politica é, pois, uma questão resolvida; seria uma questão morta, se não viesse um novo elemento augmentar a sua comprehensão, trazendo para dentro d'ella a sinceridade, o ardor, a fé, a paixão que se tem prodigalizado, na discussão dos problemas economicos, fóra do Estado e quasi sempre em odio a elle.»

«Diz-se em toda a parte: O povo é indifferente á acção parlamentar, não se interessa nas luctas politicas. De certo. Em quanto aquella acção e estas luctas tiverem por fundamento (ás vezes só por pretexto) velhas theses constitucionaes que elle não comprehende, que póde movel-o? Mas ha de movel-o, mas ha de apaixonal-o a nova phase que se prepara, nas escholas e nos gabinetes, quando a par dos assumptos politicos, que têem

valor, se considerarem e discutirem a protecção devida ás industrias, que uma falsa noção de liberdade commercial tantas vezes desampara e sacrifica, a hygiene das fabricas e os regulamentos do seu trabalho, a assistencia aos miseraveis, que não têem pão nem lar, uma nova comprehensão do imposto, que não pese, até a esmagar, sobre a propriedade menos productiva, e outras materias d'este genero, que debalde se procurariam até agora no indice dos livros do Direito Publico.»

Antes de deixar a tribuna o orador saudou a commissão iniciadora da Exposição industrial, prophetizando a salutar influencia que acontecimentos d'esta ordem hão de ter no futuro, e terminou com este scintillante pensamento:

«Do sol não se perde um raio de luz; da civilisação não se perde um facto, por mais humilde que pareça.»

Coimbra, 1 de maio de 1884.

Raymundo Francisco da Gama.

TERCEIRA PARTE

PREMIOS

PRIMEIRA SECÇÃO DO JURY

Bellas-Artes e applicações—Educação e elementos de estudo

1.ª CLASSE [1]

Luiz Augusto Pereira Bastos, professor do lyceu de Coimbra. — Quatro paizagens a carvão.

Direcção das obras do Mondego e barra da Figueira. — 1.º Planta geral dos campos do Mondego, inundados pelas cheias entre Coimbra e Figueira, apresentando o conjuncto de obras projectadas pelo engenheiro director, o ex.mo sr. A. Ferreira de Loureiro, para beneficiação dos campos. — 2.º Diagramma das curvas das alturas d'agua e das despezas do Mondego.

Antonio Augusto Gonçalves, da Eschola Livre. — 1.º Projecto para a pintura decorativa d'um tecto, estudo a *gouache*; 2.º O pequeno christão, pintura a oleo; 3.º Crucifixo, esculptura em madeira.

2.ª CLASSE

Aula de desenho da Universidade de Coimbra. — Auctores, alumnos da mesma aula. — Estudos dos cursos de desenho mathematico e desenho philosophico.

Lyceu central de Coimbra. — Auctores, alumnos da aula de desenho. — Estudos executados pelos alumnos dos differentes annos do curso dos lyceus em harmonia com o programma official.

Collegio dos orphãos, de Coimbra — Auctores, alumnos da aula de desenho. — Exercicios de desenho elementar (ornato e figura), copias de gesso e trabalhos de architectura. — Entre estes trabalhos notam-se os do alumno Francisco José Gil,

---

[1] O diploma de 1.ª classe corresponde a medalha d'ouro, o de 2.ª a medalha de prata, o de 3.ª a medalha de cobre e o de 4.ª a menção honrosa.

actualmente discipulo da Eschola de Bellas Artes de Lisboa, os quaes trabalhos teriam classificação especial, se não viessem agrupados.

Eschola Livre das Artes de Desenho, de Coimbra.—Auctores, alumnos e socios da mesma eschola. — Estudos executados durante as lições nocturnas de — architectura, ornato, paizagem e figura.

D. Graziella Bastos, de Coimbra. — Uma paizagem a carvão, sendo o assumpto do quadro—Margens do Mondego.

D. Libania Gonçalves, da Eschola Livre. — Dois retratos e um quadro intitulado *Mater dolorosa*. Trabalhos a esfuminho e lapis.

Julio Augusto da Costa Motta, da Eschola Livre. — Copia d'uma cabeça de vitello (gesso) e dois retratos — trabalhos a esfuminho. A Virgem e o menino — pintura a oleo. — Modelos executados com madeira, vidro e fios de torçal, para o ensino da perspectiva e da theoria das sombras. (Estes modelos pertencem á aula de desenho da Universidade.)

Sebastião d'Almeida Soriano, de Coimbra. — Ponte da Trindade, em Florença; mappa do concelho de Coimbra — desenhos em panno-tela.

Luiz Adelino Lopes da Cruz, de Coimbra.—Auctores o mesmo senhor e alguns dos seus discipulos.—Um quadro calligraphico, com caracteres de phantasia; outro com um trabalho feito pelo filho, já fallecido, do expositor; e outro com provas de discipulos d'elle. *Nova arte calligraphica* (compendio para o ensino da calligraphia) e uma collecção de pautas.

Guido Baptista Lipi, fôrmador da Eschola de Bellas-Artes de Lisboa.—Reproducções em gesso das obras d'arte seguintes:—Pulpito de Sancta Cruz de Coimbra; tympano da porta lateral da Sé Velha; dois medalhões do tumulo de D. Affonso Henriques, existente na egreja de Sancta Cruz de Coimbra.

Antonio Augusto da Costa Motta, da Eschola Livre.—Retratos em baixo relevo, esculptura em gesso.

Francisco Antonio Meira, de Coimbra. — Modelos de esculptura ornamental decorativa em gesso; modelo de uma folha de platano, formado no natural.

Manuel José Brandão, de Coimbra. — A Flagellação, grupo em madeira; duas esculpturas em barro representando a Virgem da Soledade.

Adriano da Silva e Sousa, photographo, de Coimbra.—Differentes trabalhos photographicos, representando — retratos em tamanho natural, em cartão-album e bilhete de visita; vistas de edificios.

José Maria dos Santos, photographo, de Coimbra.—Retratos em tamanho natural, em cartão-album e em bilhete de visita; paizagens e vistas de edificios da cidade.

Imprensa da Universidade de Coimbra.—Mais de cem volumes sobre: litteratura, historia, sciencias, bellas-artes, e educação e ensino, etc.; e quadros representando: mappas, diplomas, orações commemorativas, a origem das lettras e da typographia, etc., impressos a preto e a côres.

Imprensa Litteraria, de Coimbra. — Perto de trinta volumes sobre: sciencias, litteratura, artes, etc.; e um quadro com quarenta e cinco specimens de impressões a uma e mais côres.

Imprensa de Manuel Caetano da Silva, de Coimbra.—Quadro com differentes composições typographicas; impressões de gravuras em madeira a preto e a côres. — Notam-se n'este quadro umas provas de gravuras e de composição typographica impressas a tres côres, sendo estas obtidas n'uma unica tiragem.

Abilio Severo, livreiro-encadernador, de Coimbra.—Oitenta e cinco volumes encadernados em varios generos.

Francisco José Paulo, preparador do gabinete de zoologia da Universidade.—Exemplares de aves portuguezas, esqueletos de aves, dois mammiferos nacionaes e alguns insectos.

Francisco Correia Lopes, da Carapinheira. — Orgão portatil com tubos de madeira e estanho; tem tres registos de mão e pedal (innovação do auctor).

Antonio dos Santos & Filho, de Coimbra.—Violão de pau-oleo com embutidos; viola de platano com embutidos.

Augusto Nunes dos Santos, de Coimbra. — Guitarra de madeira de faia, com chapa de leque e embutidos.

Manuel Ignacio Dias, de Goes. — Amostras de papeis de differentes qualidades, pesos e formatos.

3.ª CLASSE

Estevão Parada, da Eschola Livre. — Ante-projecto d'um albergue de trabalho, a aguarella.

Adriano Correia, da Eschola Livre. — Amostras de pinturas decorativas—marmores e ornato, a aguarella.

Antonio das Neves Elyseu, da Eschola Livre. — Estudo de flores, a aguarella; uma paizagem, pintura a oleo; amostras de pintura a oleo de madeiras e marmores.

Bacharel Joaquim de Mariz Junior, de Coimbra.—Dois quadros historicos, executados a lapis-Conté.

Severino Lopes Guimarães, da Eschola Livre.—Paizagens e animaes, desenhos á penna.

João Francisco dos Santos Junior, de Coimbra.—Quadro calligraphico representando muitos bilhetes de visita ornamentados.

E. Benedicto, da Figueira.—Quadro á penna, feito expressamente para a Exposição.

Joaquim Jorge Ferreira, de Coimbra.—Quadro calligraphico,

representando differentes caracteres de phantasia, empregados no desenho de cartas geographicas, etc.

Antonio José Gonçalves Neves, de Coimbra. — Magdalena — quadro a oleo, e uma paizagem tambem a oleo.

José Lucio Dias, da Eschola Livre. — Retrato em baixo relevo, esculptura em gesso.

Annibal Ferreira Maia, de Coimbra.—Fogão de sala, de marmore e jaspe—estylo arabe.

José Barata, da Eschola Livre. — Busto da Venus de Milo, estudo em pedra de Outil.

João Augusto Machado, da Eschola Livre. — Ornato em madeira; crucifixo, trabalho em madeira.

Antonio Luiz de Figueiredo, de Coimbra.—Um ramo de flores e cinco paizagens executadas em cortiça.

J. Sartoris, photographo, de Coimbra.—Retrato em tamanho natural; vista de Coimbra.

Adriano Gomes Tinoco, photographo, de Coimbra.—Retratos em diversos tamanhos, e a photographia do tympano da Sé Velha (porta lateral).

Antonio Veiga, de Coimbra.—Amostras de carimbos e firmas.

Bento Martins Lobo, de Coimbra. — Viola de pau-oleo com embutidos de madreperola e de differentes madeiras; guitarra em fórma de lyra.

Abel das Neves Elyseu, de Coimbra. — Marcha triumphal da Exposição districtal de Coimbra.

Augusto Gomes Paes, de Coimbra. — Hymno da Exposição districtal de Coimbra em 1884.

Viuva Lemos & Filhos, da Louzã. — Amostras de papeis almassos de varios formatos.

Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, do Espinhal. — Papeis almassos e papeis de embrulho.

4.ª CLASSE

Bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, de Coimbra. — Mappa chorographico do districto de Coimbra—desenho á penna.

Augusto Eduardo Ferreira Barbosa, de Coimbra. — Um retrato e duas paizagens — desenhos a carvão.

D. Maria Emilia Mesquita, de Coimbra.—Cabeça de mulher, desenho a dois lapis; paizagem, desenho a lapis-Conté.

D. Gertrudes Carlota Biscaia, da Figueira. — Quadro calligraphico.

D. Amelia Braz, da Figueira.—Auctoras, discipulas da expositora.—Uma pasta com provas de calligraphia.

Benjamim Ventura, da Eschola Livre. — Quadro com desenhos de architectura, a aguarella.

Victorino Henriques Lebre, de Coimbra. — Auctor, Antonio Faria. — Paizagem a oleo.

Antonio Doria, de Coimbra. — Auctor, Possidonio da Silva Alves Brandão, de Coimbra. — Retrato em baixo relevo, medalhão em gesso.

D. Maria da Conceição Duarte, de Coimbra.—Paizagem, executada em cortiça.

D. Maria Urbana de Serpa Faria Peres, de Penella.—Quadro com paizagem, executada em cortiça.

D. Joanna Peres, de Penella.—Paizagem, executada em cortiça.

Arthur Eugenio d'Almeida e Silva, de Coimbra. — Auctor, J. O. Duque. — Paizagem em cortiça.

José Marques Manso, de Coimbra. — Auctora, D. Felisbella da Conceição e Silva. — Palacio de Queluz, trabalho em cartão picado.

D. Ernestina Simões, actualmente em Vouzella.—Sete provas de gravuras em madeira.

Manuel Leal, pastor, de Taboa.—Carimbo da Exposição, aberto em madeira.

Adelino Costa, lithographo, de Coimbra. — Provas lithographicas.

Antonio Duarte Mendes, da Figueira.—Viola franceza de pau preto, com braço de nogueira.

Clemente Simões da Cunha Moraes, de Coimbra. — Chapa de leque para guitarra.

Antonio d'Aguiar Mesquita, da Figueira.—Modelos de diversos systemas de madeiramentos para telhados.

José Ventura Mattoso da Camara, de Coimbra.—Uma bilheteira; supporte de pennas; estante e pequeno contador, ornamentado em madeira recortada.

Luciano Fernandes Falcão, de Podentes.—Papeis de embrulho e papeis almassos.

Augusto C. Rebello da Costa, de S. Romão de Ceia. — Um santo eremita — Seria classificado se fosse obra do districto.

Aloyzio Lopes Ferreira, de Coimbra. — Piano vertical, não concluido. Este piano, por estar incompleto, não póde ser classificado Ainda assim é digno de mencionar-se o trabalho feito.

Francisco Lopes de Macedo, de Coimbra, expositor. — Francisco Lopes Lima de Macedo, já fallecido, auctor.—*Stabat Mater*, musica sacra, composição original para tres vozes e coros ampliados, orgão, contrabasso, trompas, figle ou fagote — em partitura e com vinte e cinco partes separadas. Foi composta n'esta cidade em 1862. — Não é classificado por já ser fallecido o auctor.

Bacharel João Marcellino Arroyo, de Coimbra. — Cantata — D. Ignez de Castro, côro para vozes, composto no Porto pelo bacharel Arroyo. Seria classificada se fosse districtal.

SEGUNDA SECÇÃO DO JURY

Mobiliario e accessorios — Machinas

1.ª CLASSE

Manuel José da Costa Soares, de Coimbra.—Grande variedade de artefactos de ferro fundido e forjado. Carroagens.

Antonio Diniz de Carvalho Junior, de Coimbra. — Fogões de cozinha.

Joaquim Diniz de Carvalho, de Coimbra.—Fogões de cozinha.

Custodio Braz de Lemos, da Figueira da Foz.—Roda de leme.

Fabrica do Cabo Mondego, do concelho da Figueira da Foz. —Vidros em chapa de diversas côres, lisos, canellados, ornamentados e foscos; garrafas, garrafões.

Manuel Teixeira da Cunha, de Coimbra. — Artefactos de latoeiro: tinas, lanternas para carroagens; lampada de alcool.

Julio Braz de Lemos, da Figueira da Foz. — Rodas de leme.

2.ª CLASSE

Francisco Lucas Calleiras, de Condeixa.—Uma dobadoura de nogueira com obra de talha no pedestal. Genuflexorio de nogueira, esculpturado.

Antonio Rodrigues Junior, de Coimbra.—Guarda vestidos de jacarandá com espelho.

Antonio dos Santos, de Coimbra. — Ceiras, capachos, tapetes de esparto, ceiras de lagar e esteiras.

Joaquim Moita, de Coimbra.—Esteiras para sala de diversos tecidos.

Luiz Antonio Diniz de Carvalho, de Coimbra.—Artefactos de ferro forjado, fogões de cozinha, camas e grades.

Augusto Diniz de Carvalho e José Diniz de Carvalho, de Coimbra. — Fogões de cozinha.

Joaquim Mathias Duarte, de Coimbra. — Fogões de cozinha.

Eduardo Augusto Ribeiro e Antonio Maria d'Almeida, de Coimbra. — Eixo patente para carruagem.

Jeronymo Pinto da Costa, da Figueira da Foz.—Pendulo que se conserva 9 horas em oscillação.

Clemente Simões da Cunha Moraes, de Coimbra.—Relogio de pendulo, compensador. Tarracha mechanica para fazer parafusos (aperfeiçoada).

Abilio Maria Martins, de Coimbra. — Diversos objectos de ourivesaria, ouro e prata. Variedade de modelos.

Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra. — Tentativa artistica em estatuetas e vasos de barro.

Leonardo Antonio da Veiga, de Coimbra.—Faianças de 2.ª e 3.ª qualidade, vasos vidrados e azulejos.

José Antonio dos Santos, de Coimbra.—Faianças de 2.ª e 3.ª qualidade, com pintura e sem ella; balaustres e vasos de enchacote; azulejos. Variedade de modelos.

Anselmo Mesquita, de Coimbra.—Artefactos de latoeiro: cantaro, resplendores, canecas.

João de Jesus, de Coimbra. — Mesa de centro.

3.ª CLASSE

Luiz Antonio Serrano, da Figueira da Foz.—Mesa de centro.

Manuel Martins Ferreira, de Coimbra.—Sofá-leito, enxergões, colchões e travesseiros. Variedade de productos.

Alves & Irmão, de Coimbra.—Grades e utensilios de cozinha, de ferro fundido.

Francisco Marques da Costa, de Coimbra. — Parafuso para lagar; nora e alcatruzes.

José Simões Paes, de Coimbra. — Cofre de ferro, com ornamentação de metal amarello, rendilhada e aberta a ponção e lima.

Antonio Rodrigues da Paz, da Figueira da Foz. — Diversos objectos de ourivesaria; ouro e prata.

José Fernandes Novo, de Miranda do Corvo. — Alguidares vidrados e de enchacote.

Pedro da Silva Pinho, filho (Morto-Vivo), de Coimbra. — Tijolo, telha, telhões, manilhas e sifões.

Fabrica do Cabo do Mondego, da Figueira da Foz.—Telha e telhões.

João Amaro, da Figueira da Foz.—Telha, telhões, manilhas de barro, balaustres, ornatos para telhados.

Antonio Leandro, de Miranda do Corvo. — Potes de barro, tarefa para lagar.

José da Silva Bicca, de Coimbra.—Aquario e aviario de fórma original.

Fabrica de illuminação a gaz, de Coimbra. — Massarico de

cobre com lampada de alcool, candieiro — Manufactor, Leopoldino Santos, empregado na fabrica.

Saramago Junior, da Figueira da Foz.—Tijolos cheios e ôcos, telhas e manilhas.

Manuel José dos Santos, da Figueira da Foz. — Objectos de ourivesaria de ouro e prata, fabricados na sua officina.

Bento Rocha & C.ª, de Coimbra. — Roda Rippert.

José Bernardes de Sousa, da Figueira da Foz. — Relogio de torre.

4.ª CLASSE

Augusto dos Santos Gonçalves, de Coimbra. — Estante para livros.

Joaquim Carvalho Porto, de Coimbra. — Aparador.

Bernardo Carvalho, de Coimbra. — Estante para livros.

Joaquim Pereira, da Anobra. — Palhoças.

Jacintho Jorge, de Cantanhede. — Ceirões de bunho.

Manuel Mendes da Eira, de Coimbra. — Colchões, enxergões e travesseiros.

Antonio José, do Caldeirão, concelho de Penella. — Tecidos de vime. Barrelleiro e poceiros de vime.

Agostinho Elvas, de Oliveira do Hospital. — Cabazes e cestos de diversos modelos.

José Salgueiro, de Ribeira de Frades. — Louça vermelha e branca, outra raiada pela mistura da pasta; manilhas, vasos, tubos e telhões. Variedade de modelos.

Francisco Lourenço Tavares d'Ornellas, de Condeixa.—Tentativa de faiança fina. (Um medalhão).

Antonio Veiga, de Coimbra. — Lampada de metal.

Rodrigues d'Oliveira & C.ª, da Figueira da Foz.—Secretária.

Manuel Gaspar, de Coimbra. — Retrete de quarto.

José Antonio de Vasconcellos, da Figueira da Foz. — Bengalas diversas.

Joaquim Adelino de Figueiredo, de Coimbra. — Bengalas e paus.

Benjamin Ventura, de Coimbra.—Guarda-louça, de pinho de Flandres.

João Lopes Junior, de Coimbra. — Fogões de cozinha.

Silvestre da Silva Jordão, da Figueira da Foz. — Prégos diversos.

Joaquim Marques, de Coimbra. — Ferraduras.

Manuel Miranda, de Coimbra. — Ferraduras.

Augusto de Sousa, de Coimbra. — Meia-commoda.

Guilherme Dias da Costa, da Figueira da Foz.—Chumaceiras com rodetas de metal amarello.

Joaquim Mendes da Costa Junior, da Figueira da Foz. — Obras de fundição de metal amarello.

TERCEIRA SECÇÃO DO JURY

Tecidos, vestidos e accessorios

1.ª CLASSE

Collegio Ursulino, de Coimbra. — Quadro das ilhas de Charenton e quadro de D. Pedro V, a fio de escumilha.

Manuel Augusto da Conceição Novaes, da Figueira da Foz. — Roupa branca completa.

Adriano Francisco Dias, de Coimbra. — Arreios completos para parelha.

João da Silva, de Coimbra.—Arreios completos para parelha.

2.ª CLASSE

Theresa da Piedade, de Castello Viegas. — Colchas de algodão tecidas, e outros objectos.

D. Maria Christina Napoles Figueiredo Veiga, de Tentugal. — Bordados diversos.

Henrique Ernesto dos Santos, expositor, e D. Maria C. do Lago Cerqueira, manufactora, de Oliveira do Hospital.—Bordados diversos.

Collegio de Sancta Isabel, de Coimbra. — Diversos bordados a ouro.

Collegio Ursulino, de Coimbra. — Diversos bordados a ouro.

D. Maria do Rosario Pereira Neves, do collegio de Sancta Isabel, de Coimbra. — Grande almofada a côres, alto relevo.

D. Margarida de Jesus Cardoso Fino, de Coimbra. — Flores artificiaes, e filagrana de prata.

Manuel José Vieira Braga, de Coimbra. — Borla de doutor e alamares.

Miguel Dias Barata & Filho, de Coimbra. — Casaca, calça e collete pretos.

Francisco Rodrigues de Almeida, de Coimbra. — Farda de par do reino, e beca.

José Maria Mendes de Abreu, de Coimbra.—Fraque e sobrecasaca de côr.

Manuel de Abreu Pinto, de Coimbra.—Casaca, calça e collete pretos.

..

Antonio Augusto da Paixão, de Coimbra. — Casaca e collete pretos.

Antonio Marques da Silva Eloy, de Coimbra. — Chapeus diversos.

José da Costa Condeixa, de Coimbra. — Calçado, diversas peças.

Antonio Martinho, de Coimbra.—Calçado, diversas peças.

José Duarte de Almeida Leitão, de Coimbra. — Calçado, diversas peças.

Manuel Gomes Pereira, de Coimbra.—Calçado para senhora.

Joaquim de Moura, de Coimbra. — Calçado, diversas peças.

Acacio Candido de Sequeira, de Coimbra.—Calçado para inverno.

João Antonio Bizarro, de Coimbra. — Tamancos de luxo.

3.ª CLASSE

Maria José Moraes, de Castello Viegas.—Colchas de algodão tecidas, e saias.

Maria Cunha Pinto, de Torre de Bera. — Colchas de algodão tecidas.

Rosa Cunha, de Torre de Bera.—Colchas de algodão tecidas.

D. Maria Emilia Forte Portugal, de Coimbra.—Renda a bilros sobre almofada.

D. Francisca Emilia d'Araujo, de Coimbra. — Grande panno de mesa bordado a retroz, de côres.

Francisco Augusto Lobo, expositor, e D. Maria do Carmo Cunha, manufactora, de Oliveira do Hospital. — Bordados a branco, lençoes.

D. Maria da Piedade P. Garcez Abranches, de Gallizes. — Bordados para camisa de senhora.

D. Maria da Piedade Gamboa Abranches, de Midões. — Bordados diversos.

D. Maria Clementina de Alarcão Vellasques Sarmento, de Penella. — Quadro bordado a ouro.

D. Maria Cecilia de Azevedo Pinho, de Coimbra.—Quadro de flores de miolo de figueira.

Albino Henriques Gomes, de Coimbra.—Sobrecasaca preta.

Albina da Conceição Neto, de Coimbra.—Fatos para creança.

Joaquim Bento Pinto, da Figueira da Foz. — Calçado e tamancos.

Adriano Ferraz, de Coimbra.—Calçado e moldes para elle.

Manuel Augusto da Silva, de Coimbra. — Tamancos de luxo.

Alexandre Salvador, de Midões. — Fôrmas.

4.ª CLASSE

Antonio Lopes Junior, de Penella.—Baeta xadrez para mantas.

José Leal Arnaud, expositor, de Penella. — Baeta de lã azul.

Quiteria Cruz, de Mira. — Estamenha.

D. Joanna Peres, expositora, de Penella. — Panno de linho e pequenos bordados.

Maria da Conceição, de 8 annos, do collegio da Misericordia de Coimbra. — Meias bordadas.

Herminia Pinto, de 13 annos, do collegio da Misericordia de Coimbra. — Bordado para encosto de cadeira.

Virginia Paiva e Silva, da Figueira da Foz. — Bordado para encosto de cadeira.

D. Herminia da Conceição Pinto, de Penella. — Chaile preto bordado.

D. Graziella Bastos, de Coimbra. — Grande panno de mesa branco, a crochet.

Maria Adelaide Soares, de Coimbra.—Colcha branca, a crochet.

Christina da Encarnação, de Coimbra. — Colcha branca, a crochet.

Maria Delacroix, de Coimbra.—Grande tapete para candieiro, a fio de lã e côres.

Maria da Graça, da Povoa de Midões. — Bordados a branco.

D. Maria Joanna Borges da Silva, da Povoa de Midões. — Bordados a branco.

Fortunata da Conceição, do collegio da Misericordia de Coimbra. — Bordados a branco.

Francisca Adelaide de Bastos Pinto, de Taboa.—Bordados a branco.

D. Maria da G. Peres Galvão, de Penella.—Bordados a branco.

D. Maria Barbara da Silva Lemos, de Midões. — Bordados a branco, frioleiras.

D. Guilhermina Augusta de Freitas Silveira, de Pereira. — Bordados a penna de pavão e fio de ouro.

D. Palmira Candida da Natividade, de 11 annos, de Coimbra. — Bordados a penna de pavão e fio de ouro.

D. Maria da Conceição Ayres Pinheiro, de Alfarellos.—Filagrana de ouro.

Augusta dos Santos Gonçalves, de Coimbra. — Quadros bordados a ouro.

D. Maria da Conceição Duarte, de Coimbra. — Flores artificiaes de madeira.

D. Cecilia Martins, de Coimbra. — Vaso, alecrim do norte, artificial.

D. Urbana Peres, de Penella.—Diversos objectos de cabello.

D. Theresa Augusta Pinto, de Coimbra. — Quadro mixto, miolo de junco, matiz, etc.

D. Julia Albertina de Mello, de Coimbra. — Quadro de ouropeles, a côres — pintura oriental.

Manuel Carvalho, de Coimbra.—Camisa e ceroulas para homem.

Eduardo de Barros Carvalho, de Coimbra.—Mala para amostras de cereaes.

José Vieira, de S. Martinho do Bispo. — Estribos de pau.

Bento Bernardino dos Santos, de Oliveira do Hospital.—Calçado para senhora.

Manuel Domingos, da Figueira da Foz.—Calçado para homem.

José de Gouveia Rodrigues, de Oliveira do Hospital. — Calçado para homem.

Esteves Pereira & Irmão, da Figueira da Foz. — Tamancos e fôrmas.

Bebiano & Filho, da Castanheira de Pera. — Pannos e casimiras. — Não premiados, por serem de outro districto.

Antonio Augusto Lopes da Costa, de Moimenta da Serra. — Pannos e casimiras. — O mesmo.

Conde de Caria, de Gouveia.—Pannos e casimiras.—O mesmo.

José Correia de Lemos, de Coimbra. — Sobrecasaca preta, calça e collete de côr.—Retirou do concurso, por seu pae pertencer ao jury.

QUARTA SECÇÃO DO JURY

Industrias extractivas e suas transformações
Industria agricola

1.ª CLASSE

Companhia mineira e industrial do Cabo Mondego. — Carvão de pedra. Caleiras de *beton*, fabricado com areia grossa e cimento. Pedras para cal e cimentos. Cimentos. Ladrilhos de cimento. Cal commum e cal hydraulica.

Direcção das obras do Mondego e barra da Figueira. — Collecção de marmores e d'outras pedras do districto. Blocs arti-

ficiaes. Argamassas hydraulicas. 46 amostras de madeiras de arvores exoticas e indigenas, empregadas em marcenaria, etc.

Francisco Antonio de Meira, de Coimbra. — Escaiolas imitando marmores.

Julio Braz de Lemos, da Figueira. — Moitões de diversos gornes e tamanhos.

Joaquim Antonio Simões, da Figueira. —Vinhos diversos.

José Lopes Guimarães, de Coimbra. —Vinhos de exportação e finos, e geropiga.

Antonio Dias Themido, de Coimbra. — Licores e genebra.

Luiz de Sousa Napoles, da quinta da Telhada, Soure. — Azeites.

José Francisco da Cruz, de Coimbra. — Bolacha e biscoito.

José Clemente Pinto, de Coimbra. — Farinhas de trigo e massas.

2.ª CLASSE

Francisco Lourenço Tavares d'Ornellas, de Condeixa.—Quartz. Linhite. Kaolim. Areia quartzosa (extrahida do kaolim). Tijolo refractario e tijolo burro.

José Domingos Ferreira Cardoso, do Porto. — Antimonio e chumbo das minas na freguezia de Santo Antonio dos Olivaes.

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, de Oliveira do Hospital. — Urtiga branca (caules, estriga e massaroca).

Manuel Gaspar de Carvalho, da Figueira. — Conserva de peixe.

Bernardo Augusto Lopes & C.ª, da Figueira. —Vinhos de exportação.

José Augusto dos Santos Féra, da Figueira. —Vinhos de exportação.

Guilherme Francisco Pereira Nunes, de Oliveira do Hospital. — Licores.

Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, de Coimbra.—Licores.

Joaquim Assalino, da Figueira. — Licores.

Francisco Maria de Mattos Mascarenhas de Mancellos, do Sebal. — Azeite.

Francisco Lourenço Tavares d'Ornellas, de Condeixa.—Azeite.

Joaquim Miranda, de Coimbra. — Bolacha e biscoito.

Augusto da Silva Teixeira, de Coimbra.—Bolacha e biscoito.

3.ª CLASSE

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, d'Oliveira do Hospital. — Amostras de minerios das minas d'Avô. Spatho calcareo. Amostras de madeiras d'arvores indigenas, empregadas em marcenaria e utensilios agrarios.

Companhia conimbricense de illuminação a gaz. — Alcatrão mineral (destillação da hulha). Agua ammoniacal (idem). Koke. Asphaltos.

Mesquita & Verissimo, da Figueira. — Moitões de diversos tamanhos.

Salvador da Silva, da Figueira. — Cordas e cordeis de linho.

Alexandre Pessoa Dias Galvão, da Pocariça. — Couros preparados.

Manuel Rodrigues das Neves, de Coimbra.—Feltro de coelho.

Manuel José de Sousa & Filhos, da Figueira. — Assucares.

José Marques Manso & C.ª, de Coimbra.—Assucar e massas.

Fortunato Maria Ribeiro dos Santos Bandeira, de Condeixa. —Vinhos brancos de 1864 e 1875.

Quinta do Penedo, da Conraria (Ceira). —Vinho bastardo de 1874 e vinho branco de 1880 e 1881.

Augusto José Dias, de Midões.—Vinho tinto de 1883 e vinho palhete.

Seraphim Garcia Ribeiro, de Sampaio de Gramaços, Oliveira do Hospital. —Vinho fino de 1868 e de mesa de 1882.

José Maria Vieira de Figueiredo, de Taveiro.—Vinho branco de 1843.

Antonio José da Silva Poiares, de Cantanhede. —Vinhos de 1883.

Maria José Lopes Pedrosa, de Lavos.—Geropiga e vinagres.

Antonio Maria Ribeiro de Gouveia, da Vinha da Rainha, Soure. —Vinagre.

Sotero & C.ª, da Figueira. — Bebidas gazosas.

José Guedes Coutinho Garrido, de Penella. —Vinagre.

José Lopes Guimarães, de Coimbra. —Vinagre.

Elysio de Vasconcellos Sousa Amado e Napoles, de Belide.— Azeite.

Antonio José Pena, de Condeixa. —Azeite.

Jacintho Augusto Santhiago Gouveia, de Verride. — Azeite.

Bento Alberto Pereira de Carvalho, de Sandelgas. — Azeite.

Alexandre Augusto da Gama Regalão, de Lagares. — Azeite.

Antonio da Costa Mesquita, de Avô. — Azeite.

Manuel Gomes de Carvalho, de Agrello, Figueira. — Azeite.

Luiz Pereira da Encarnação, de Buarcos. — Azeite de peixe.

Francisco Maria de Lima e Nunes, da Figueira. — Azeites do lagar da Matta, Carapinheira.

João Martins d'Oliveira, da Ega. — Azeite.

Adelaide Sepulveda, de Condeixa. — Azeite.

Joaquim Simões de Campos, d'Anobra. — Azeite.

Antonio José de Sousa, de Lagares. — Azeite.

Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, de Coimbra. — Azeite.

Antonio Toscano Tinoco, de Nogueira do Cravo. — Queijo.

D. Luiz d'Alarcão Vellasques Sarmento, de Penella.-Manteiga.

Francisco Maria de Mattos, do Sebal Grande. — Queijo vermelho.

Raphael Rodrigues d'Oliveira, de Coimbra. — Biscoito e doce sortido.

Innocencia Maria da Conceição & Sobrinho, de Coimbra. — Amendoa, biscoito e doce de calda.

Maria do Nascimento Alturas, de Coimbra. — Doce sortido.

Manuel Contente Pinto, de Coimbra. — Tanoaria.

Manuel José da Costa Soares, de Coimbra. — Espremedor d'uvas.

4.ª CLASSE

Francisco dos Santos Cêra, de Cantanhede. — Cal gorda.

José Nunes de Carvalho, do Carvalheiro de Cima, Soure. — Cal gorda.

José Guedes Coutinho Garrido, de Penella. — Cal e pedra de que foi feita.

Antonio dos Santos, de Penella. — Lousa.

Victorino Peres, de Penella. — Argilla vermelha em pó. Pedras de cantaria e para rebôlos. Amostras de madeiras.

Guilherme da Silva Rocha, da Figueira. — Degráus de cimento e tijolos.

Francisco Maria de Mattos, de Condeixa. — Amostras de madeiras.

Albino Maria Candido, de Penella. — Amostras de madeiras.

Augusto Luiz Martha, de Coimbra. — Feltro de coelho e sabão.

Joaquim Adelino Simões de Castro, de Coimbra. — Perfumarias. (Preparados pharmaceuticos).

Francisco Correia da Costa, de Poiares. — Cêra.

Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, do Espinhal. — Lãs em pasta e fio.

Antonio Souto Gama, d'Arganil. — Phosforos de pau.

Antonio Toscano Tinoco, de Nogueira do Cravo. — Geropiga de 1882.

Manuel Coelho da Fonseca, d'Oliveira do Hospital. — Vinho tinto de 1874.

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, d'Oliveira do Hospital. — Vinhos de 1882.

Manuel Ramos d'Oliveira, da Figueira. — Vinhos brancos do campo de Lavos.

Antonio Joaquim Guedes, da Figueira. — Vinhos tintos.

Antonio Nunes Chaves, de Taboa. — Vinho tinto de 1883.

Antonio da Silva Fonseca, da Figueira. — Vinhos de exportação.

Luiz Ruivo de Figueiredo, de Coimbra. — Vinho tinto de 1881.

Guilherme Mesquita, da Figueira. — Vinho de mesa do concelho de Cantanhede.

Alipio Leitão, de Penacova. — Vinho branco de 1883.

Padre Antonio Nunes da Costa, de Condeixa-a-Velha.—Vinho tinto de 1882.

Francisco Maria de Mattos, do concelho de Condeixa.—Vinho tinto de 1882.

Francisco Lourenço Tavares d'Ornellas, de Condeixa.—Vinho palhete de 1882.

Manuel Lopes Quaresma, de Condeixa.—Vinho tinto de 1882.

Joaquim Augusto da Silva, de Condeixa.—Vinho tinto de 1882.

Albino de Freitas e Almeida & Irmão, de Condeixa. —Vinho branco de 1882.

Visconde de Midões.—Vinho tinto, do concelho de Taboa, de 1882.

Antonio dos Santos, de Valle d'Orca, concelho de Taboa. — Vinho tinto de 1882.

Fortunato Vieira das Neves, de Taboa. —Vinho.

José Augusto Madeira d'Andrade, de Midões. —Vinho tinto de 1882.

Alexandre Augusto da Gama Regalão, de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital. —Vinho branco de 1882.

Antonio José Garcia, de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital. —Vinho tinto de 1882.

Francisco Augusto Lobo Castello Branco, d'Avô. — Vinho branco de 1882.

Francisco Nogueira de Carvalho, de Portunhos.—Vinho tinto de 1883.

José Pinheiro Forte, da Pocariça. —Vinho tinto de 1883.

Quinta de Foja, da Figueira da Foz. —Vinho tinto e branco de 1874.

Bento Alberto Pereira de Carvalho, de Sandelgas. —Vinho.

Annibal dos Santos Albergaria, de Taboa. — Geropiga.

Francisco Rodrigues da Cunha Lucas, de Coimbra.—Vinagre.

Padre Antonio José Paula, d'Arganil. —Vinagre.

José Augusto Madeira d'Andrade, de Midões. —Vinagre.

Francisco Maria de Mattos Mancellos, do Sebal.—Aguardente.

João Martins d'Oliveira, da Ega. — Aguardente.

Antonio dos Santos Machado, de Villa Pouca de Sernache.— Aguardente.

Francisco Nogueira de Carvalho, de Portunhos.—Aguardente.

José Ferreira da Cruz, de Coimbra. — Licores.

José Marques Pinto, de Coimbra. — Licores.

Antonio dos Santos Machado, de Sernache. — Azeite.

Emygdio José da Silva, de Penella. — Azeite.

Antonio Dias Themido, de Coimbra. — Azeites.

Albino de Freitas e Almeida & Irmão, da Ega. — Azeite.

Padre José Adelino Coelho, de Villa-Secca. — Azeite.

Manuel Lopes Quaresma, de Condeixa. — Azeite.

Francisco Xavier de Carvalho, do Sebal. — Azeite.

D. Joaquina Maxima d'Azevedo, de Condeixa. — Azeite.
Antonio da Cunha d'Eça, de Condeixa. — Azeite.
José dos Santos Gonçalves, de Taboa. — Azeite.
José Duarte Areosa, de Coimbra. — Azeite.
Joaquim de Mariz & Irmão, de Coimbra. — Azeite.
Raphael Rodrigues d'Oliveira, de Coimbra. — Azeite.
D. Gloria Torres, de Penella. — Azeite.
Lino José das Neves, da Figueira da Foz. — Azeite.
Quinta de Foja. — Azeite.
Antonio Augusto Canaes de Campos, de Taveiro. — Azeite.
Camara da Pampilhosa. — Azeite.
José Guedes Coutinho Garrido, de Penella. — Azeite.
Augusto Carvalho da Costa, de Penella. — Azeite.
Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa, d'Oliveira do Hospital. — Azeite.
José Ferreira Gama, de Penella. — Azeite.
Antonio Maria Ribeiro de Gouveia, da Vinha da Rainha, concelho de Soure. — Aguardente.
Christiano Moura, de Midões. — Queijo.
Maria Christina de Napoles e Veiga, de Tentugal. — Dôce (pasteis diversos).
Arnaldo Martins de Couto Vianna, de Coimbra. — Pão de trigo.
Anna Marques Ribeiro, de Coimbra. — Dôce sortido e de recheio.
João Lopes Junior, de Coimbra. — Debulhador de milho.
José Miguel Cabral, de Coimbra. — Debulhador de milho e limpador.
Francisco Alves, da Ribeira de Frades.—Massador de linho.
Joaquim da Silva e Sousa, da Figueira. — Tanoaria.
José da Rocha, da Figueira. — Tanoaria.
Ayres da Silva, da Figueira. — Tanoaria.
Joaquim Bento Pinto, da Figueira. — Tanoaria.
João Francisco Miguel, de Taboa. — Tanoaria.
Manuel José da Costa Soares, de Coimbra. — Amassador de pão e charrua.
Joaquim Augusto da Silva, de Condeixa-a-Velha. — Mós.
Antonio Pires do Rio, de Condeixa. — Mós.
Henriques Alves da Costa, de Coimbra. — Enxadas.
Manuel de Carvalho, de Antanhol. — Podões.
Joaquim dos Santos, do concelho de Penella.—Podões e foice.
Antonio Borges de Brito, do Cadoiço, Midões. — Machados, podão e enxada.
Antonio dos Santos, de Penella. — Sachão-machado.

Abilio Roque de Sá Barreto, de Coimbra. — Licores e vinhos

tintos de 1843. — Não foram classificados por pertencer o expositor ao jury.

Joaquim Pereira Machado, de Coimbra. —Vinhos e geropigas de Murtede, concelho de Cantanhede. — Não foram classificados por o expositor pertencer ao jury.

Wenceslau Martins de Carvalho, do Concelho de Condeixa. —Vinhos e azeite. — Não foram classificados por o expositor pertencer ao jury.

Relação supplementar, relativa a objectos que não estavam comprehendidos em nenhum dos grupos do programma, e de outros expostos depois de apresentados os relatorios das diversas secções — analysados pela commissão nomeada pela assembleia geral do jury em sessão de 28 de fevereiro.

1.ª CLASSE

José Maria dos Santos, de Coimbra.— Dentaduras artificiaes.

3.ª CLASSE

D. Maria Delacroix, de Coimbra. — Bordados.

Balbina Bizarro d'Assumpção e João Francisco d'Assumpção. — Cabelleiras, tranças e barba de crepe.

4.ª CLASSE

Maria Clementina da Silva Ferreira, de Coimbra. — Quadro de fructos feitos de cêra.

Maria Martins, d'Oliveira do Hospital. — Colcha, lençol e toalhas tecidas.

Fernão Pinto da Conceição, de Coimbra. —Cabelleira de crepe.

João Carlos Loureiro, de Buarcos. — Modelo d'um moinho de vento.

João Alvaro d'Almeida, de Midões. — Costella para caçar passaros.

Joaquim José da Silva e Sousa, da Figueira. — Uma balsa para forão.

Francisco Marques d'Oliveira, de Buarcos. —Rede de pescar.

Adelina Pereira Pimentel, de Penocova. — Bordado a branco, com diversos pontos, exposto por José Alberto Barbosa.

Premios pecuniarios

O premio de 50$000 réis, offerecido pela juncta geral do districto, foi adjudicado, por votação unanime do jury, ao sr. Luiz de Sousa Napoles, de Soure, não só pela boa qualidade dos productos agricolas que expoz, mas tambem em attenção aos valiosos melhoramentos introduzidos na cultura das suas vastas propriedades.

O premio de 31$500 réis, proveniente da subscripção entre os membros do jury, foi adjudicado, tambem por unanimidade ao sr. Julio Augusto da Costa Motta, socio da Eschola Livre das Artes do Desenho, por ser o unico expositor comprehendido nos termos da proposta que creou esta recompensa, e que é a seguinte: «Proponho que o jury da exposição de manufacturas do districto de Coimbra offereça, a expensas suas, como recompensa e incitamento, um premio pecuniario ao expositor mais distincto da Eschola Livre das artes do Desenho; ficando porém o concurso limitado áquelles individuos que, vivendo do salario de seu officio, cerceiam as horas do seu descanço, para se applicarem ao estudo das Bellas-Artes. Sala das sessões do jury, 24 de janeiro de 1884. *José Antonio de Sousa Nazareth.*»

INDICE

INTRODUCÇÃO. — por A. A. da Fonseca Pinto v

PRIMEIRA PARTE. — Revista da Exposição: 1

a) Cartas ao *Commercio do Porto* (Revista geral) por Eduardo Mendes Simões de Castro..... 5

b) A Figueira e a Exposição — por Francisco Maria de Lima e Nunes 89

SEGUNDA PARTE. — Conferencias:..... 115

1.ª) A esculptura em Coimbra no seculo XVI pelo dr. Augusto Filippe Simões, reconstruida por Adelino Antonio das Neves e Mello 117

2.ª) Da architectura manuelina por Joaquim de Vasconcellos..... 125

3.ª) Caminhos de ferros por Alexandre da Conceição.. 139

4.ª) O Papel (resumo) pelo dr. Augusto Rocha 151

5.ª) Relações da Politica com a Industria pelo dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa. Resumo pelo dr. Raymundo Francisco da Gama..... 157

TERCEIRA PARTE. — Premios..... 168

APPENSO

ANNUNCIOS

IMPRENSA ACADEMICA

EM

COIMBRA

rua do Carmo

Grande deposito de impressos para:

Camaras municipaes, aferidores, administrações de concelho, escrivães de fazenda, recebedores, conservadores, juntas de parochia, irmandades, mizericordias, secretarios de congruas, distribuidores de comarca, inspectores e professores de instrucção primaria, particulares, etc.

Enviam-se na volta do correio, FRANCOS DE PORTE, a quem enviar a sua importancia em letras, vales ou estampilhas do correio em carta registada, todos os impressos que constam do catalogo, que se remette GRATIS a quem o requisitar.

Esta Imprensa, creada em 1871 e já muito conhecida no paiz pelos seus trabalhos, encarrega-se de toda e qualquer obra de impressão, como: livros, relatorios, mappas, circulares, prospectos, cartazes, facturas, talões, bilhetes de visita, etc., etc.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario da IMPRENSA ACADEMICA — **Ruben d'Almeida**, bacharel formado em Direito, ou simplesmente — IMPRENSA ACADEMICA — COIMBRA.

FABRICA

DE

MASSAS E MOAGEM A VAPOR

DE

José Clemente Pinto

Rua do caminho de ferro

COIMBRA

Premiada na Exposição districtal de Coimbra de 1869, na universal de Paris de 1878, na de Philadelphia de 1869, e na districtal de Coimbra de 1884

Tabella de preços das farinhas e massas

EM SACCAS DE 75 KILOS				15 KILOS
Farinha de trigo Flor,	k.º	93	Macarrão 1.ª	1:900
»	n.º 1	» 91	Macarronete	1:200
»	» 2	» 89	Talharim	»
»	» 3	» 87	Aletria	»
»	» 4	» 85	Lasanha	»
»	» 5	» 83	Estrellinha	»
»	» 6	» 79	Pevide	»
»	» 7	» 75	Cus-cus	»
»	cabecinha	» 63	Argolinhas	»
»	semea superfina	» 34	Letras	»
»	» fina	» 32	Pontinha	»
»	» grossa	» 28	Cruz de Malta	»
			Peixes	»
		15 KILOS	Luzerna	»
Massa amarella de 1.ª		2:250	Cartas	»
»	» » 2.ª	1:800	Algarismos	»
»	branca » 2.ª	1:700	Corações	»

Estes preços são na estação do caminho de ferro em Coimbra; e as saccas vazias recebem-se por 280 réis, vindo em bom estado.

Agente no Porto — José Joaquim Rodrigues Cardoso, rua de D. Pedro, n.º 120.

ARMAZEM E LOJA DE CHÁ

PAPELARIA

DIVERSOS ARTIGOS

2 — Rua do Visconde da Luz — 6

Joaquim Duarte Areosa

BOA FAZENDA A PREÇOS MODICOS

Chás: — Hysson de 5 preços.
» Preto de 3 preços.

Stearina.

Pastas de oleado.

Tinteiros.

Limpa-pennas.

Raspadeiras.

Cartões para bilhete de visita.

Livros em branco para commercio e repartições publicas.

Carteiras.

Bolsas para dinheiro.

Colla para papeis, e para soldar madeira, louça e vidro.

Tinta carmim para commercio e architectura.

Canetas, pennas e lapis.

Latas chinezas, para chá.

Thesouras para unhas.
Limas para unhas.

Papeis: Almassos lisos e pautados.
Papeis finos e de luxo para cartas.
Papeis de côres.
Papel dourado e prateado.

Tintas para escripta, de copiar, preta, violeta, e para carimbos.
Tinta dourada.

Artigos para desenho.

Artigos para flores.

Tinta para marcar roupa.

Escovas para dentes, para unhas e fato.

Tinteiros de crystal.

Pentes finos para alisar e limpar.

Canivetes finos inglezes.

Chromos.

Facas para cortar papel; de madeira, osso e marfim.

Albuns para retratos.

FABRICA NACIONAL DE BOLACHAS E BISCOITOS

DE

José Francisco da Cruz

Premiada em varias exposições nacionaes e extrangeiras, e com a medalha d'ouro na districtal de Coimbra de 1884

30 — COURAÇA DE LISBOA — 30

COIMBRA

Bolachas	Preço de kilo	Em caixas
Bolacha D. Luiz — 1.ª	300	370
» » — 2.ª	270	340
» » — 3.ª	245	310
» Requife	300	370
» Franceza—1.ª	260	340
» » —2.ª	240	300
» Beijos	260	320
» Agua e sal	260	320
» Dicta ingleza	260	320
» Torrada	240	310
» Miuda	240	310
» Passarinhos	220	290
» Redonda	220	280
» Erva doce	200	260
» Montevideu	260	350
» Capitão	190	250
» Maria	400	460
» Progresso	400	460
» Nic-Nac	270	310
» Gem	280	320
» Dot	320	360
» Dominó	250	290
» Home	260	300
» Perola	280	320
» Camelias	360	400
» Star	340	380
» Cracknel	560	660
» Fancy Craknel	580	660
» Folhada	260	340
» Omnibus	240	300
» Imperial	360	410
» Ortelã pimenta	300	360
» Roza	340	380
» Requife fino	360	410
» Alphabeto	260	320
» Alberto	380	420
» Marquez de Pombal	320	380

Bolachas e biscoitos	Preço de kilo	Em caixas
Bolacha Caricaturas	440	500
» Celestes	340	400
» Rural	280	340
» Têa	300	360
» Café	420	470
» Lisboa	300	370
» Aurora	260	340
» Exposição	300	370
» Commercial	360	420
» Realeza	340	400
Biscoito Suisso	440	490
» Principes	360	430
» Infantes	360	440
» Limão	400	460
» Conimbricense	340	390
» Vallongo	260	330
» Lacinhos	260	320
» Rosca	250	300
» Canella	220	280
» Porto	210	270
« Comadre	255	320
» Camões	340	390
» Americanos	400	450
» Raivas	310	390
» Boccas de damas	340	390
» Arialvas	440	500
» Beijos finos	360	410
» Cavacas	400	470
» Palito d'Amendoa	360	420
» » de rosca	250	300
» » real	250	300
» Linguas de gato	420	470
» Paciencias	420	470
» Nobreza	420	480
» Macarrones d'amendoa	400	450
» Palito d'erva doce	380	440
» Peixes	380	430
» Coroas de Camões	340	440
» Augustos	350	400
» Amor	400	470
» Glorias	420	470
» Exquisitos	400	480
» Bolos finos	495	575
» Italianos	360	440
» Ripert	360	430

Estes preços são para quem comprar mais de 15 kilos e têm abatimento 10 p.%.

LIVRARIA ACADEMICA

COIMBRA

187—Rua de Ferreira Borges—189

Sortimento de livros portuguezes e extrangeiros. Encommendas directas para França, Hespanha, Inglaterra e Allemanha. Assignatura de jornaes politicos, scientificos, litterarios e de modas para modistas e alfaiates.

Livros de missa e de reza com encadernações ricas, e ordinarias, tanto em francez como em portuguez.

Preços muito favoraveis e em competencia com os do Porto e de Lisboa.

PUBLICAÇÕES ILLUSTRADAS

PARIS ILLUSTRÉ.—Mensal, ao preço de 200 réis cada numero.

ILLUSTRACION IBERICA.—Semanal, a 50 réis cada numero.

L'UNIVERS ILLUSTRÉ —Cada numero 100 réis.

Publicações extrangeiras por assignatura ás series ou aos volumes, taes como: **L. Blanc, Histoire de la Révolution française; Larousse, Grand dictionnaire français,** etc.

Publicações portuguezas por assignatura aos fasciculos, taes como: **Os Fantoches de mad. Diabo; Os Invisiveis; Portugal e Possessões; Bibliotheca do Povo; Paraizo perdido; Viagens extraordinarias;** etc., etc.

GRANDE DEPOSITO

DAS

LEGITIMAS MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Machinas SINGER com os mais aperfeiçoados melhoramentos

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!!!

Vendas a prestações semanaes de 500 réis.
A prompto pagamento faz-se 10 por % de desconto

ENSINO GRATIS NO DEPOSITO OU EM CASA DO COMPRADOR

GARANTE-SE O BOM TRABALHO D'ESTAS MACHINAS

Grande sortido de algodão e torçaes de seda, o melhor e o que é proprio para coser á machina

José Teixeira da Cunha

32-Rua do Visconde da Luz-36

COIMBRA

O bom credito que este estabelecimento tem adquirido desde a sua fundação em 1864 é para o publico segura garantia de que n'esta casa de confiança se encontra economia nos preços, excellencia nas fazendas e lizura na forma de negociar. O comprador encontrará reunido a isto um bom sortido de fazendas brancas, nacionaes e extrangeiras, taes como alpacas pretas e merinos pretos de pura lã,

chitas francezas de bonitos gostos, esguiões, pannos famosos, pannos crús, estreitos e largos, camisolas finas de lã, laia e algodão para homem, bretanhas de linho muito finas, cache-nez, e lindos lenços de seda e setim, ditos em algodão de todas as qualidades, bonitos lenços de malha modernos para senhora, mantinhas do pescoço, sapatos de trança, perfumarias e outros artigos, que tudo vende barato para vender muito. N'esta casa se encontram tambem

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER DA COMPANHIA

FABRIL SINGER

a prestações semanaes de 500 réis, e a prompto pagamento faz-se 10 por % de desconto

Este antigo deposito é o que offerece mais garantias e o que tem vendido mais machinas, e todos os seus compradores estão satisfeitos com ellas; e é por isso que as suas vendas augmentam d'uma maneira consideravel, o que é para o publico segura garantia de que n'esta casa de confiança se vendem machinas sem defeito nenhum. — Machina-familia para trabalhar á mão e ao pé, que, além de fazer toda a classe de costura, executa lindos bordados, incluindo bordado a lã, a alto relevo. — Machina para alfaiate com novo estojo para trabalhar em roupa branca sem alinhavar. — Machina n.º 4 para chapelleiro e çorreeiro. — A melhor machina de braço para sapateiro, com pé salteador para enfeitar botas. — Machinas de mão a dois pespontos, para fazer a maior parte de costura sem alinhavar.

A nova machina de familia, e para alfaiate com a lançadeira oscillante; modernissima invenção — não tem engrenagem — não se gradua a agulha — não precisa encher canella—não faz ruido—não precisa enfiar ou tirar a lançadeira — nunca dá pontos em falso — e o pesponto é o mais bello e elastico.

Os preços são iguaes aos do Porto e Lisboa

FABRICA DE PAPEL

DE

GOES

PROPRIETARIO

Manuel Ignacio Dias

Esta fabrica montada com um bom machinismo para a manipulação dos seus productos, acha-se habilitada a executar qualquer encommenda que lhe seja confiada, garantindo a boa qualidade dos seus papeis.

Produz papeis de impressão em branco e côres, almassos brancos e azues pautado e lizo, fino de peso 4.º e 8.º lizos e pautados, manteigueiro branco e azul, cartuxos em diversos formatos, e pardos para embrulhos, etc. etc.

Além d'estas qualidades, fabríca muitas outras, assim como fabríca qualquer qualidade que lhe seja requisitada, vindo acompanhada d'uma amostra, ou esclarecimentos. Preços muito commodos. Depositos dos seus papeis no Porto, *Alves Pimenta Sobrinho & C.ª*, rua do Almada, Coimbra, *Fructuoso do N. Leite Ribeiro,* rua da Sophia.

COMPANHIA FABRIL SINGER

31—Rua do Visconde da Luz—33 COIMBRA | Rua de Traz do Paço FIGUEIRA DA FOZ

POR

500 réis por semana ou **10** por cento menos a dinheiro se adquirem as **Legitimas**

EM COIMBRA
31—Rua do Visconde da Luz—33

NA FIGUEIRA DA FOZ
RUA DO ENGENHEIRO SILVA
(Proximo ao Largo do Carvão detraz do Paço)

Ensino gratis! — Garantia illimitada!

Mais de 200 premios têem alcançado estas bem conhecidas e acreditadas machinas em differentes exposições.

Diploma de Honra

O mais distincto premio (maior que medalha d'ouro) alcançaram o anno passado na exposição de Amsterdam, supplantando todas as outras machinas.

Aviso — Havendo muitas falsificações, e para evitar o logro, é reparar bem na marca da fabrica, que as legitimas machinas **Singer** têem nos pés e braço.

JOÃO FERREIRA MAIA

Officina de cantarias, mausoleus, xadrezes e marmores para moveis.

Fóra de Portas

COIMBRA

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

PHOTOGRAPHO E DENTISTA

Rua da Sophia, n.º 153

COIMBRA

Premiado nas Exposições Districtaes de Coimbra, com a medalha de prata na de 1869 e com a medalha de ouro na de 1884.

Encarrega-se de todos os trabalhos de dentista, e todas as peças são montadas em ouro, platina ou caoutchouc endurecido.

Afiança que se póde comer bem e falar, com as peças artificiaes.

ESTABELECIMENTO

DE

VICTORINO H. LEBRE

Rua de Ferreira Borges,
n.os 106—108

Estabelecimento fundado
em 1874

Deposito de machinas de cozer do systema **Singer**: — Superior-Wilson, Silenciosa, e de braço para sapateiro muito aperfeiçoadas. Preços limitados. Grande abatimento para revender. Prestações semanaes de 500 réis.

Machinas de tocar á mão e pedal, com caixa, fechadas e com embutidos de perola, e sem caixa. Relogios de sala e algibeira. Molduras para caixilhos, fazem-se de todos os tamanhos. Passepartouts de todas as qualidades. Espelhos de todos os tamanhos e preços. Apparelhos para reposteiros. Galerias e pateres, estampas, chromos e oleagraphias, brinquedos para creanças. Concertam-se machinas de todos os systemas. Enviam-se catalogos illustrados pelo correio a quem os requesitar.

FRANCISCO ANTONIO MEIRA

Becco da Anarda n.º 9

COIMBRA

Encarrega-se de qualquer serviço de estuque e escaiolas, tanto em Coimbra como fóra.

IMPRENSA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinhos—14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRENSA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas. A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos teem-lhe attrahido a concorrencia das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

LIVRARIA CENTRAL DE J. DIOGO PIRES — EDITOR

8, Largo da Sé Velha, 9 — COIMBRA

TEM Á VENDA OS COMPENDIOS ADOPTADOS NOS LYCEUS E OUTROS ESTABELECIMENTOS DE INSTRUCÇÃO

De A. Cardoso Borges de Figueiredo. — J. A. Serrasqueiro. — Luiz Albano. — A. Zeferino Candido. — Medeiros Botelho. — Perdigão. — L. A. Lopes da Cruz, etc.

PHOTOGRAPHIA CONIMBRICENSE

José Maria dos Sanctos

Rua da Sophia, n.º 153

COIMBRA

Menção honrosa na Exposição de Paris de 1878. Medalha de prata na Exposição Districtal de Coimbra de 1884.

Tira retratos em todos os formatos até tamanho natural.

Tem á venda collecções de vistas de Coimbra e Bussaco.

Molduras pretas e douradas para caixilhos e galerias.

12	Retratos em bilhetes de visita esmaltados			3$600
50	»	»	»	9$500
100	»	»	»	13$500

Todos os retratos são pagos no acto da encommenda.

Todos estes preços são para os retratos que forem pagos no acto da encommenda.

IMPRENSA LITTERARIA

81—RUA DO CORPO DE DEUS—87

COIMBRA

Esta officina encarrega-se de executar trabalhos typographicos em todos os generos com a maxima pontualidade, esmero e economia.

Dirigir pessoalmente ou por escripto a Pedro Róxa.

ANTONIO TINOCO JUNIOR

PREMIADO COM A MEDALHA DE PRATA NA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA EM 1869

24—Largo da Sé Velha—26

COIMBRA

Introductor de campainhas electricas, pára-raios em edificios, relogios electricos, quadros indicadores, thermometro electrico contra fogo, telephones, e pilhas de todos os systemas, luz electrica Jablohkoff, Soleil, e Edison. Correspondente da Companhia Telephonica Edison, e da casa Herrmann. Atelier de Galvanoplastia, a cobre, prata, ouro, latão, nikel, e platina. Reparação de instrumentos de precisão, apparelhos de physica, mathematica, etc.

ARMAS DE FOGO E VENTO

REVOLWERS

LISBOA

Rua do Arsenal, n.º 98 e Aurea, n.º 210

Espingardas inglezas, francezas e belgas, de um e dois canos, de carregar pela bocca, desde 4$500 a 22$500 réis; dictas de fogo central desde 18$000 a 90$000 réis; idem Lafaucheaux a 20$000 réis; cartuxos Lefaucheaux 16 a 600 réis o cento; fogo central 12 e 16 a 850 e 700 o cento. Petrechos e munições para caçadores, por preços reduzidos, como se vê no nosso ultimo catalogo de preços correntes, illustrado, que enviamos a quem o reclamar.

FIGUEIRA DA FOZ

Maria Ludovina da Conceição Henriques

MODISTA

Faz toilettes completos de todos os feitios para senhoras e creanças, assim como — capas em todos os feitios; casacos, visites, manteletes e romeiras de veludo e rendas. Fichus, e toda a qualidade de adornos para pescoço e punhos. Capas, capuchons e regalos, para sahida de baile. Executa egualmente todos os mais artigos n'este genero.

BAZAR DA MODA

PERFUMARIAS E QUINQUILHERIAS

MODAS E CONFECÇÕES

LINO JOSÉ DAS NEVES

rua do Principe Real

FIGUEIRA

N'esta casa encontra-se um variado sortimento de fazendas nacionaes e extrangeiras, que recebe directamente das principaes fabricas.

Grande quantidade de chapeus para madamas e creanças, confeccionados pelos modelos mais recentes chegados de Paris; capas, casacos, vesites e mantiletes, vestidos, dictos para baptizado, saias de feltro e cachemira; meias para madamas, creanças e cavalheiros; lenços de linho e de malha de lã; grande variedade em gravatas, sombrinhas, leques, lãs para vestidos, merinos francezes, roupas brancas, espartilhos, cachemiras francezas e nacionaes; pannos patentes e de linho em todas as larguras; collarinhos e punhos.

Grande quantidade de espelhos de crystal em todos os tamanhos, albuns para retratos com caixa de musica.

E muitos outros artigos de alta novidade, o que tudo se vende por preços em competencia com Lisboa e Porto.

Deposito de azeite doce de oliveira de superior qualidade, premiado na Exposição do Rio de Janeiro e na Exposição districtal de Coimbra de 1884.

Vendas por junto e em caixas de 12 garrafas.

Fazem-se expedições para qualquer ponto; de conta propriou a mediante commissão.

ALÇADA & MOUZACO

FABRICANTES

COVILHÃ

Teem quasi concluida a importante reforma, que ha tres annos principiaram, na sua fabrica de lanificios, achando-se á venda as suas fazendas, algumas das quaes rivalizam com as extrangeiras, nos seguintes pontos:

Coimbra: — Praça do Commercio, n.º 5, 1.º
Porto: — Rua do Loureiro, n.º 45.
Loulé: — Em casa de Sebastião Martins Peres Gomes.
Mangualde: — Mercado mensal.

D'estes depositos, ou directamente da fabrica, se satisfaz qualquer pedido de fazendas.

Não deixam estes industriaes de empregar os meios para conseguirem o maximo aperfeiçoamento nos seus artefactos, e para isso muito confiam no resultado da ida d'um seu empregado, que em breve vai ao extrangeiro a aperfeiçoar-se no acabamento de fazendas, e que faz parte do numero de operarios que o governo escolheu para tal fim.

NEGRIER, GARRIDO & RODRIGUES

DECORADORES, ESTOFADORES E FABRICANTES DE MOVEIS

Praça do Loreto 2 a 4
e Rua do Thesouro Velho 40 a 52

LISBOA

N'este espaçoso estabelecimento e em outros depositos annexos se encontra grande e variado sortimento de alcatifas, fazendas, papeis pintados, cortinas brancas, oleados para chão, por muitos preços, assim como bonitas mobilias, em diversas madeiras, solidamente construidas nas suas officinas, e muitos outros objectos concernentes a este ramo de negocio.

Vende todos os seus artigos por preços vantajosos e sem competencia, attendendo a que as compras que fazem são avultadas, e parte das quaes as importam directamente do extrangeiro. Todos os trabalhos que tem produzido este estabelecimento, tanto para esta cidade como para fóra têem sido executados com perfeição e solidez, e por isso conservam e angariam todos os dias grande numero de freguezes.

Satisfazem os pedidos de qualquer genero que lhe sejam dirigidos.

VESTIDOS E CONFECÇÕES

CASA DIRIGIDA

POR

Theodolinda Branco

Praça Nova

FIGUEIRA

Fazem-se vestidos, chapeus, casacos, capas e enxovaes completos para noivas. Ha tambem fazendas para as confecções.

HOTEL LUSITANO

DE

Carolina dos Santos e Silva

E

Antonio Pereira da Silva

EM LUSO

Acha-se este hotel montado com as melhores commodidades, aceio e magnifico serviço de mesa.

Preços commodos.

ESTABELECIMENTO

DE

HORTICULTURA

DE

Antonio Mendes Simões de Castro

Rua do Visconde da Luz — 10

DEPOSITO — Rua da Sophia — 167

Vende: — Roseiras, camelias, fuchsias, pelargonios, arbustos d'ar livre, de folhagem ornamental, e trepadeiras. Araucarias, cedros e outras coniferas. Eucalyptus, acacias e outras arvores de ornamento e florestaes. Plantas gordas ou de folhas carnosas. Limoeiros, tangerineiras e laranjeiras.

Plantas de estufa e para sala: — Palmeiras, begonias, coleus, fetos, etc.

BOUQUETS

Sementes de hortaliças

Utensilios de jardinagem

GUIA HISTORICO

DO

VIAJANTE

NO

BUSSACO

(COM GRAVURAS)

POR

Augusto Mendes Simões de Castro

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Socio effectivo do Instituto da mesma cidade, Socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

2.ª EDIÇAO

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE 1883

Esta obra contém os seguintes assumptos:

Introducção — Fundação do deserto do Bussaco — A portaria de Coimbra — Outras portas da matta — A floresta — As modernas plantações — Avenida do mosteiro — O mosteiro — As pinturas do claustro — A egreja — As ermidas de habitação — Os cedros — Capellas dos Passos — A ermida do Calvario — Cova do Negro. Etymologias do Bussaco — A Cruz Alta — A Fonte Fria e outras fontes da matta — Bemfeitores — Visitas regias — Desterrados — A batalha do Bussaco — O monumento e a capella do Encarnadouro — Documentos officiaes da batalha do Bussaco—Diario memorial dos acontecimentos observados em o convento do Bussaco em os mezes de setembro e outubro de 1810 por occasião da guerra franceza, escripto por Fr. José de S. Silvestre, religioso do mesmo convento, que foi testemunha de

tudo — Florilegio, com um prologo do sr. A. A. da Fonseca Pinto, e contendo poesias relativas ao Bussaco firmadas pelos seguintes nomes: D. Amelia Janny, Candido de Figueiredo, Borges de Figueiredo, Bingre, Duarte Ribeiro de Macedo, Fr. Antonio das Chagas, Luiz Carlos, Antonio Feliciano de Castilho, Soares de Passos, Ayres de Sá Pereira e Castro, João de Lemos, Mendes Leal — O botanico Linck e o Bussaco — As pagas e o silencio — Retirada do exercito francez depois da batalha do Bussaco — Surriada a Massena—O conde de Castello Melhor refugiado no Bussaco —Violação da clausura do Bussaco por mulheres.

As gravuras representam:

1.ª Avenida do Mosteiro. 2.ª A Portaria de Coimbra. 3.ª O Mosteiro. 4.ª A Fonte Fria.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra

PREÇO 500 RÉIS

ANTONIO JOSÉ VIALE

TENTATIVAS DANTESCAS

PRECEDIDAS D'UMA CARTA

DE

EL-REI D. PEDRO V

DE

SAUDOSISSIMA MEMORIA

PREÇO 500 RÉIS

LIVRARIA CENTRAL DE JOSÉ DIOGO PIRES — EDITOR

8 — Largo da Sé Velha — 9

CASA MINERVA

COIMBRA

Proprietario — J. M. PINTO RAMOS

IMPRESSOS EM TODOS OS GENEROS

A PRETO, DOURADO E CORES

TIRAGEM — 100 bilhetes por minuto

PAPELARIA

VINHOS DO PORTO E CHÁS

TINTAS DE ESCRIPTA E IMPRESSÃO

Timbres commerciaes, facturas, circulares, prospectos, cartas de aviso, cartas de credito, cartas funebres, letras em branco, etiquetas para fabricas de lanificios, notas de expedição para caminho de ferro, rotulos para pharmacia, impressos para todas as repartições publicas.

N. B. Esta casa encarrega-se de enviar com promptidão qualquer encommenda de bilhetes de visita e outros impressos que pelo correio lhe seja feita.

MANUEL DOMINGUES

COM

ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

NA

FIGUEIRA DA FOZ

RUA DE QUEBRA-COSTAS

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL
DE COIMBRA EM 1884

Encarrega-se de toda e qualquer obra de sapateiro, tanto para a Figueira da Foz como para fóra. Garante a perfeição e modicidade de preços dos seus trabalhos.

D. ANTONIO DA COSTA

AURORAS DA INSTRUCÇÃO

PELA

INICIATIVA PARTICULAR

Preço 800 réis

LIVRARIAS DE M. A. CABRAL E J. D. PIRES

7196
Ex-Simplet

Vende-se por 500 réis

nas principaes livrarias de Coimbra,
Lisboa e Porto

7196

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00027 0617